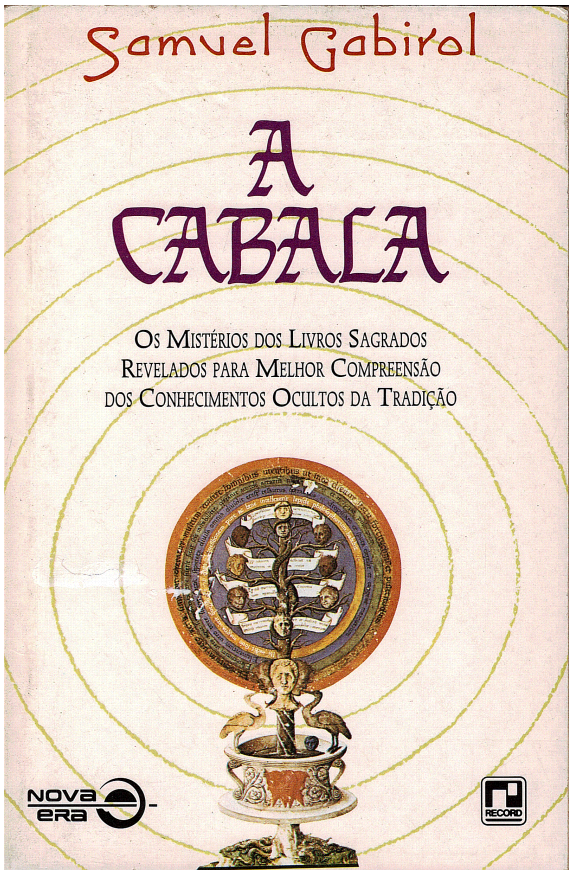


A tradição cabalista, relembrada oralmente a Moisés pelo próprio Deus no monte Sinai, encerra os segredos do universo, transmitidos ao longo do tempo somente aos iniciados. Neste livro, Samuel Gabirol nos permite conhecer os fundamentos e a prática da hermética doutrina mística do judaísmo, desvendando, através da Cabala, os textos sagrados da história da humanidade e demonstrando a íntima relação das principais vertentes do esoterismo com a doutrina cabalística. Temas como Guematría, rituais mágicos, Geomancia, Taro, Alquimia e Astrologia são abordados nesta obra profunda, mas extremamente acessível, capaz de iluminar e conduzir o leitor através dos mistérios da Cabala

A CABALA
Ao princípio mágico e filosófico da Cabala está relacionado o aspecto divino das letras do alfabeto hebreu. A língua sagrada que os iniciados passam de geração a geração tem um segredo. Desvendá-lo é conhecer também os segredos do universo, pois cada letra é uma mensagem divina, uma informação mística, uma condensação de energia, um fragmento do cosmo. Neste livro, Samuel Gabirol permite ao leitor conhecer a hermética doutrina mística e esotérica do judaísmo, contemplando, à luz da Cabala, os principais textos sagrados da história da humanidade.
O autor faz uma explanação teórica a respeito dos múltiplos aspectos da tradição cabalística e aborda a prática e a magia da doutrina, fornecendo as primeiras noções da Cabala prática; demonstrando a forma de combinar números e idéias; examinando, uma a uma, as letras do alfabeto hebreu e abordando o taro, a alquimia, a astrologia e os quatro elementos sob uma perspectiva cabalística. Temas como Guematria, rituais mágicos, Geomancia e Cartomancia se encontram nesta obra abrangente e imprescindível a todos aqueles que desejam se iniciar na misteriosa sabedoria da Cabala.

SAMUEL GABIROL

A CABALA

Tradução de OCTAVIO ALVES VELHO
EDITORA RECORD

ADVERTÊNCIA

Os leitores interessados na Cabala ou em certas ciências ocultas poderão espantar-se com as diferenças de transcrição dos termos hebraicos nas bibliografias das obras consultadas: conforme as escolas de tradução, poderão encontrar, por exemplo, Sephirot e Sefirot, Sepher Yetsirah, Sefer letzirah e Sefer Jesirá...
Para simplificar a leitura do neófito, adotamos a forma aportuguesada dos nomes próprios, quando já existentes, como Judas por lechudo, Isaac por Yitshaq, Simão por Shim'on...

SUMÁRIO

A ANTIGÜIDADE DA TRADIÇÃO CABALÍSTICA....3
QUEM SONDA OS MISTÉRIOS DA CABALA O FAZ POR SUA CONTA E RISCO....7
O apelo do rabino Simão bar Iochai....10
DESABROCHAR; ÚLTIMOS FOGOS; NOVA OCULTAÇÃO DA CABALA....15
PRIMEIRAS NOÇÕES DE CABALA PRÁTICA....19
AS MARAVILHAS DA CABALA....25
A FILOSOFIA (MÍSTICA) DA CABALA....31
AS TRÊS PRIMEIRAS LETRAS MISTERIOSAS....35
OS SEGREDOS DAS OUTRAS LETRAS HEBRAICAS....39
A CABALA, O TARO, A ALQUIMIA E A ASTROLOGIA....46
A MENSAGEM DE ABRAÃO ABULÁFIA....50
OS RITUAIS MÁGICOS EXTRAÍDOS DA CABALA....53
O ZOHAR (O LIVRO DO ESPLENDOR)....56
DE ARTE CABALISTICA....61

PRIMEIRA PARTE

OS MULTIPLOS ASPECTOS DA TRADIÇÃO CABALISTICA

A ANTIGÜIDADE DA TRADIÇÃO CABALÍSTICA

A sucessão das diferentes raças: no começo do mundo

Todos os grandes reformadores religiosos, sejam eles Moisés, Buda, Cristo, Maomé, Zoroastro ou outros, todos os criadores de grande espiritualidade dividiram sua doutrina em duas partes:

a primeira, ou exoterismo, sendo a parte obscura destinada ao uso da maioria;
a segunda, ou esoterismo, sendo a parte onde o segredo revelado era endereçado apenas aos iniciados capazes de compreendê-lo.

Sem que nos detenhamos nos orientais (Buda, Confúcio, Zoroastro), pois tal não é nosso tema, tanto a história invisível, isto é, contada pelos iniciados em seus cenáculos secretos, quanto a visível, quer dizer, científica, mostram-nos Orfeu revelando o esoterismo aos iniciados por meio da criação de mistérios, de cerimônias mágicas que serão conservadas através dos séculos em sociedades secretas.
Da mesma forma, a história mostra-nos Moisés escolhendo uma tribo de sacerdotes, ou iniciados — a tribo de Levi —, dentre a qual tomou à parte aqueles a quem podia confiar a tradição.
Cada continente viu nascer progressivamente, há milênios, uma flora e uma fauna de que a raça humana foi o coroamento. Esses continentes apareceram um após outro. Cada um "emergiu" no momento exato em que a raça humana nele abrigada se preparava para tomar o lugar de outra, em plena expansão num continente que deveria desaparecer. O Grande Arquiteto pôs em ação um plano que, embora escape ao nosso entendimento, possui coerência no nível cósmico, onde nada é deixado ao acaso. Continuamente, a terra é dominada por uma raça humana; no final dos tempos, todas as raças se reunirão para formar um único e mesmo organismo.
Diversas grandes civilizações, diz a tradição, sucederam-se dessa forma em nosso planeta.

A lendária civilização da Atlântida, evocada por Platão, conhecia numerosos segredos científicos e espirituais.Tal civilização, muito evoluída, expandia-se no lugar do atual oceano Atlântico, tendo sido criada pela raça vermelha, e foi destruída por uma catástrofe cósmica. Na ocasião em que a raça vermelha se encontrava em pleno progresso, apareceu um novo continente. Os movimentos da crosta terrestre são tais que, quando um continente surge, outro se prepara para submergir, para soçobrar nas profundezas do oceano. O continente africano foi destinado à raça negra.

O cataclismo que tragou a Atlântida e os atlantes é relatado por todas as religiões, todos os mitos, todas as correntes espirituais. A Bíblia e a epopéia de Gilgamesh — o livro sagrado dos sumérios — denominam-no Dilúvio. A civilização passou então às mãos da raça negra. Houve alguns sobreviventes da raça vermelha, e estes transmitiram o seu saber. Os peles-vermelhas da América não serão os descendentes dessa antiga raça vermelha que governou a Atlântida? Certamente, mas os peles-vermelhas são sobreviventes que perderam o segredo iniciático, ou melhor, são os descendentes dos que não haviam conhecido senão a sabedoria exotérica das doutrinas da Atlântida.

Enfim, quando os próprios negros atingiram seu apogeu, surgiu um novo continente: o eurasiano, com a raça branca.

A antiga tradição esotérica afirma que viveremos uma época, uma época muito longa, onde nenhuma raça exercerá sua supremacia sobre outra, e certos ocultistas dizem que sinais prenunciadores desse período são desde já perceptíveis, apesar das desordens e das crises de toda sorte que estamos atravessando.

Orfeu, Moisés, Jesus e os outros grandes iniciados

A transmissão esotérica da tradição primordial torna-se indiscutível por volta do ano 550 antes de nossa era, iniciada nas mesmas fontes que Orfeu e Moisés, isto é, nos santuários mais remotos do antigo Egito. Pitágoras tinha um ensinamento que reservava para os discípulos diletos, e os fragmentos que chegaram até nós, em particular os Versos Dourados, indicam sua identidade absoluta com a Cabala, de que, em última análise, não parecem ser mais do que uma tradução e uma adaptação ao espírito grego. Reencontramos de novo essa tradição em Sócrates, Platão, Aristóteles e igualmente em Plutarco, um dos grandes entre os Antigos. Plutarco dizia que um juramento lhe cerrava os lábios, sendo-lhe impossível falar.
Assinalemos, enfim, a existência dessa tradição secreta no cristianismo, quando Jesus revelou apenas a seus discípulos o sentido verdadeiro (oculto) do Sermão da Montanha e, sobretudo, no momento em que confiou seus ensinamentos mais profundos a João, o discípulo bem-amado. O Apocalipse de João é, aliás, inteiramente cabalístico. Ele representa o verdadeiro esoterismo cristão. A tradição primordial é, repitamos, de uma Antigüidade venerável.
É um iniciado do século XIX, Fabre d'Olivet, um iniciado que, seja dito entre parênteses, escreveu a música da sagração de Napoleão, quem nos dá a melhor definição da Cabala. Essa definição é aceita hoje por todos os ocultistas.
"*Parece, na opinião dos mais famosos rabinos*", escreveu Fabre d'Olivet, "*que o próprio Moisés, prevendo a sorte de seu livro e as falsas interpretações que lhe deveriam dar através dos tempos, recorreu a uma lei oral, que passou de viva voz a homens comprovadamente confiáveis, encarregando-os de transmiti-la, no sigilo do santuário, a outros homens que, transmitindo-a por sua vez através dos tempos, fizessem-na chegar à mais remota posteridade. Essa lei oral, que os judeus modernos se gabam de ainda possuir, chama-se Cabala, de uma palavra hebraica que significa o que é recebido, o que vem de outro lugar, o que é passado de mão em mão.*"

Cabala = o que é recebido. Isso identifica a Cabala, a tradição, com o Graal celta. O Graal é a taça que recebe. Contudo, o que é recebido? O orvalho do céu, dizem os alquimistas em sua linguagem metafórica. O orvalho do céu, ou o Verbo de Deus, ou ainda o segredo do Universo.

O homem que se considerava o Messias

Abraão Abuláfia, um dos mais célebres cabalistas conhecidos, que vivia na Espanha ao tempo em que a Ordem catara prosperava no sul da França, deu explicações muito interessantes sobre o assunto. Deus, dizia ele, criou o mundo com as letras do alfabeto hebraico. Esse alfabeto, como o alfabeto sânscrito, é sagrado: cada uma de suas letras encerra um mistério. Não é um som vazio. E, mais precisamente, *Deus criou o mundo escrevendo-o*. O Arquiteto é um artista, um sábio e um poeta. Abuláfia dizia que a materialidade das letras — sua inscrição física — constitui a substância do universo, que a inspiração que habita as palavras divinas penetra nos homens enquanto estes sonham. Saber decifrar tais sonhos é, portanto, assenhorear-se de um poder extraordinário. *O Messias é o senhor do poder dos sonhos da humanidade*. Ele virá certamente no final dos tempos, mas os homens devem preparar-lhe o caminho, divulgando ao mundo as luzes que receberam ao estudar a Cabala.
Abraão Abuláfia, que deu à Cabala sua fisionomia profética, pensava — e o provou — que cada letra do alfabeto hebraico, língua sagrada por excelência, constituía um poder, era a morada de um determinado anjo (hoje diríamos de uma força, ou de uma energia). Mas atenção, esclarecia ele, pois a inspiração divina atravessa todas as coisas, deixando nelas sua marca.
Isso quer dizer duas coisas:

O indivíduo que decifra seus sonhos, aquele que sabe ler os textos sagrados e compreende as mensagens divinas, esse homem é dotado do dom da profecia. Ele se torna seu próprio messias, ou, antes, um adepto do Messias que, no final dos tempos, deve vir reconciliar todos os homens, estabelecer a paz na terra e revelar os segredos mais ocultos. Em suma, aquele que aparecerá quando a humanidade alcançar a idade adulta. Segundo a tradição, com efeito, os homens e as mulheres ainda não alcançaram a maturidade. E basta abrir os olhos, ver as guerras e a miséria que nos acometem, para lhe dar razão.

Quando a inspiração penetra nas coisas e nos seres para levá-los à vida e, num segundo tempo, abandona-os para ascender novamente ao Pai, ela deixa, mesmo assim, um traço, ou diversos traços. Estes são, na verdade, assinaturas que permitem conhecer a intimidade do ser ou da coisa. E o conhecimento dessas assinaturas se encontra na origem de ciências muito interessantes como a fisiognomonia (arte de ler o caráter nos traços fisionômicos), a quiromancia (arte de ler o destino de uma pessoa nas linhas de sua mão) e várias outras disciplinas esotéricas.

Abraão Abuláfia foi, pois, um cabalista importantíssimo. Ele era muito dotado; infelizmente, não escapou ao defeito que provocou a queda do anjo de luz (Lúcifer): a presunção. Estava convencido — o que depõe a seu favor — da unidade oculta de todas as religiões e de que são vãs as rivalidades: pensava ter como missão desvendar essa verdade para o mundo. Fez, portanto, a viagem a Roma na intenção de encontrar o papa e incitá-lo a propagar essa boa-nova. E o que aconteceu, então? O próprio papa ignorava essas verdades esotéricas de que o cristianismo, como todas as outras religiões, está secretamente impregnado? Foi simplesmente anti-semita? Ou, pensava que o momento para falar de tais coisas ainda não chegara? Seja lá como for, mandou prender Abuláfia, e este, que devia ser condenado à morte, não teve a vida salva senão pela morte do papa.

Os manuscritos do mar Morto

Para retornar à Antigüidade venerável e multissecular da tradição cabalista, relembrada oralmente a Moisés pelo próprio Deus no monte Sinai, indiquemos alguns dados que a atestam de maneira insofismável. Em primeiro lugar, o descobrimento dos manuscritos do mar Morto, aqueles famosos manuscritos encontrados há algumas dezenas de anos nas grutas de Qumran, em Israel, perto do mar Morto e da fortaleza de Massada. Descoberta sensacional, devida ao acaso, que desconcertou mais de um cético.
A seita dos essênios, que se refugiara no deserto, naqueas grutas, constituía uma ordem iniciática da qual a tradição afirma ter sido Jesus membro, ou mesmo chefe oculto. Estranhamente, os essênios lembram os cátaros: o mesmo sistema de comunhão de bens, a mesma rejeição do mundo, a caridade e espantosas semelhanças em seus rituais.
Foi notável a surpresa dos arqueólogos e historiadores, quando os seguintes textos lhes chegaram às mãos:

textos ditos apocalípticos, tais como o *Testamento* de Levi. Apocalípticos, no sentido de que evocam, a exemplo do *Apocalipse* de São João, o fim do mundo e a ressurreição;
textos esotéricos como um *Livro dos Mistérios*, que continua enigmático para nós em vários aspectos;
textos que pessoa alguma ousa separar da Cabala.

Os mais céticos historiadores não podem deixar de reconhecer que esse material testemunha a existência da tradição cabalística já naquela época. Voltamos a encontrar neles a mesma hierarquia celeste, os mesmos anjos, os mesmos nomes secretos de Deus que no *Zohar* — o magnífico livro da Cabala. O fragmento mais impressionante desse texto põe em cena "*querubins*" abençoando o "*trono de Deus*".
Scholem, o melhor especialista atual da mística judaica, admite ser obrigado a escrever: "*Esses fragmentos suprimem toda dúvida no tocante a uma relação entre os mais antigos textos da* ***Merkabah*** *(ou Merkavah) preservados em Qumran e a evolução posterior do misticismo*." A *Merkabah* é o cerne místico da especulação cabalística. É o carro divino, ou o trono celeste, que a meditação das letras do alfabeto sagrado acaba por fazer entrever ao iniciado e que lhe revela admiráveis segredos, como veremos ao longo desta obra.

"Ele os pendurou na constelação do Dragão"

A segunda demonstração que testemunha a antigüidade da Cabala é a de que ela se apóia na astronomia. No capítulo VI de um livro cabalístico, o *Sefer letzirah* (o Livro da Criação), lê-se: "*As testemunhas fiéis são: o mundo, o ano, a pessoa, e a lei é: 12, 7, 3****. Ele os pendurou na constelação do Dragão, na esfera e no coração***." O pronome "***Ele***" designa evidentemente o Grande Arquiteto do Universo, o criador de todos os mundos, a força que nos excede. "*Ele os pendurou na constelação do Dragão.*" O autor entende que o Dragão é para o universo o que a esfera é para o ano, o que o coração é para a pessoa, isto é, o poder impulsionador de tudo, o centro cósmico.
Não pode haver dúvida, pensa o ocultista contemporâneo Papus, de que o rei em seu trono, o Arquiteto, o centro em torno do qual gravita toda a corte das estrelas é a estrela polar. Ainda em nossos dias, apesar de sabermos cientificamente que isso não é exato, continuamos a tomar a estrela polar como centro do universo sideral. A estrela polar tornou-se um símbolo místico, mas representou outrora uma realidade notável do sistema sideral. Se o autor do *Sefer Ietzirah* indicou o Dragão como o centro, é porque, em sua época a estrela polar fazia parte dessa constelação. Com efeito, se seguirmos em uma carta celeste o círculo descrilo pelo pólo em um período de 25 mil anos, veremos que esse pólo, hoje na proximidade da estrela Alfa da Ursa Menor, gravitou, no decurso de toda a época que se estende do ano 2000 a.C. até cerca do ano 1000 de nossa era, num espaço quase desprovido de estrelas brilhantes. Cerca de mil anos antes da era cristã, aquela estrela marcou aproximadamente o pólo, que

dela se afastou de modo progressivo para chegar, por volta do ano 850, à vizinhança que ocupa em nossos dias.
Se prosseguirmos, porém, no raciocínio, veremos que não há nisso senão um interesse extremamente relativo. Remontando à época mais recuada, de 3500 a 2000 a.C., constatamos que o pólo não coincidia então com a constelação da Ursa Menor, na qual hoje se encontra, mas ocupava obliquamente a do Dragão. Foi por volta do ano 2800 a.C. que o pólo mais se aproximou da brilhante estrela Alfa do Dragão. Durante os quinze séculos que separam o ano 3500 do ano 2000 a.C., era essa estrela que indicava o pólo. E, naquele momento, *o Dragão era o centro de todo o universo. O Sefer letzirah* data, pois, necessariamente, dessa época.

A Cabala já existia no tempo do patriarca Abraão

Melhor ainda. A tradição faz do patriarca Abraão o autor do *Sefer letzirah*. Abraão, reza a tradição, foi iniciado nos mistérios por Melquisedeque, a quem encontrou no deserto e a quem prestou homenagem, conforme registra a Bíblia. Papus, estudioso do assunto, escreveu a respeito coisas definitivas, que merecem ser citadas: "*Se abrirmos a* ***História Antiga dos Povos do Oriente****, de Maspero — um nome que certamente não é suspeito para a ciência contemporânea —, aí leremos: 'O fragmento de uma velha crônica inserida no livro sagrado dos hebreus fala, com eloqüência, de um outro elamita que guerreou pessoalmente quase na fronteira do Egito. É o Kuturlagamar, que apoiou Rimsin contra Hamurabi*[1] *e não conseguiu sustar-lhe a queda. Reinava havia treze anos no Oriente, quando algumas cidades do mar Morto, Sodoma, Gomorra etc. se revoltaram contra ele. Convocou os senhores seus vassalos e partiu em sua companhia para os confins do próprio domínio... Entrementes, os reis de cinco cidades haviam reunido suas tropas e o aguardavam a pé firme. Foram vencidos; uma parte dos fugitivos engolfou-se nos poços de betume furados no chão e aí pereceu, enquanto o resto escapou a duras penas para as montanhas. Kuturlagamar saqueou Sodoma e Gomorra e restabeleceu por toda parte sua hegemonia, regressando depois carregado de despojes de guerra. A tradição hebraica acrescenta que ele foi surpreendido perto das cabeceiras do rio Jordão pelo patriarca Abraão*.' "
As coisas esclarecem-se. Abraão foi contemporâneo e adversário de Kuturlagamar, o Codorlaomor que aparece na Bíblia apoiando sem sucesso seu vassalo Rimsin contra Hamurabi. Ora, Hamurabi começou a reinar na Caldéia perto do final do século XXV antes de nossa era. Ele reinou exatamente de 2287 a 2232 a.C. Por outro lado, a Bíblia diz-nos que Abraão tinha 86 anos quando nasceu Ismael, o rival de Israel, fato ocorrido provavelmente alguns anos após a expedição que fez contra Kuturlagamar. Abraão, tendo, pois, cerca de oitenta anos no momento da guerra de Rinsin contra Hamurabi, deve ter vivido entre 2300 e 2200 antes da nossa era. E nada se opõe, seja do ponto de vista histórico ou do astronômico, a que seja ele o autor do *Sefer letzirah*. (Moisés não seria, portanto, o primeiro a haver transmitido a palavra cabalística; ele apenas a teria feito ressurgir, "*renovando-lhe a força e o vigor*", como dizem os iniciados.)

QUEM SONDA OS MISTÉRIOS DA CABALA O FAZ POR SUA CONTA E RISCO

[1] Acrescentamos que Hamurabi dispunha de um Código semelhante às Tábuas da Lei, que seriam posteriormente entregues por Deus a Moisés.

A vertigem da origem

Interroguemo-nos ainda acerca da origem da tradição da Cabala, pois esse problema das origens guarda um grande mistério cuja solução, se é que existe, esclarecerá sem qualquer dúvida os mistérios da Cabala propriamente ditos. Resolver esse problema é mostrar-se capaz de penetrar no universo fascinante da iniciação e da magia.
Falamos acerca de Moisés. Um autor que parece ter sido um iniciado, um eclesiástico chamado dom Augustin Calmet, escreveu, alguns anos antes da Revolução Francesa (que alguns afirmam ter sido prevista, e até mesmo 'programada', pela tradição ligada à Cabala e à alquimia[2]): "*Deus deu a Moisés no Monte Sinai não somente a lei, mas também a explicação da lei. Quando ele desceu e entrou em sua tenda, Aarão foi a seu encontro, e Moisés transmitiu-lhe as leis que recebera de Deus. Após isso, Aarão colocou-se à direita de Moisés; Eleazar e Itamar, filhos de Aarão, entraram, e Moisés repetiu-lhes o que acabara de dizer a Aarão. Depois de se terem estes colocado, um à direita e o outro à esquerda de Moisés, entraram os setenta Anciãos de Israel que compunham o sinédrio. Moisés expôs-lhes de novo as mesmas leis... enfim, fizeram entrar todas as pessoas do povo que assim o desejavam... de sorte que Aarão escutou quatro vezes o que Moisés ouvira de Deus na montanha, Eleazar e Itamar ouviram três vezes, os setenta anciãos e o povo, uma vez.*" E "*Moisés escreveu, em seguida, as leis que recebera, mas não a explicação dessas leis. Ele se contentou em confiá-la à memória deles. Chama-se a esta explicação a lei oral para distingui-la das leis escritas*". Lei oral, porque não pode ser transmitida senão no decorrer de uma iniciação em que o Espírito desce sobre o discípulo.
Moisés, não obstante sua grandeza, não foi o primeiro a receber a tradição cabalística. Antes dele, vimos no capítulo anterior, Abraão a recebeu, visto ter sido o autor de uma parte da Cabala escrita, o Sefer letzirah. O próprio Abraão a recebeu do misterioso Melquisedeque. E este último? Não há razão para nos determos aí. Este pensamento provoca vertigem e revela um mistério que ultrapassa a compreensão humana.

Advertência

Uma passagem da Cabala adverte contra o perigo que existe de nos perdermos nessa vertigem: "*Tu explicarás desde o dia em que Deus criou Adão na terra, mas não explicarás o que existe em cima, o que existe embaixo, o que foi e o que será*." Esse texto parece enigmático, mas é muito simples. O que existe em cima e o que existe embaixo referem-se ao mistério das origens do mundo. *Ora, o mistério das origens do mundo é o próprio mistério da Cabala, uma vez que esta contém o Verbo de Deus, o Verbo com o qual Deus criou o universo*. As letras com as quais é escrita a Cabala são as mesmas com que Deus criou o mundo. É o que ensinou Abraão Abuláfía, o cabalista já citado por nós. A Cabala, a Palavra de Deus, a tradição primordial, encontrava-se desde a origem junto do Arquiteto, e este a fez descer para ensejar o nascimento de todas as coisas. Os cátaros diziam que Deus enviara seu Filho com o fim de restaurar a criação que estava perecendo ante o ataque das forças do mal. Afirmavam igualmente que Jesus era simbolizado por uma letra ultra-secreta do alfabeto sagrado.
O mistério das origens nos ultrapassa — as da Cabala como as do mundo — e não é fácil ter acesso a ele. Antes de começar a abordá-lo, a Cabala adverte o investigador, assim como nós próprios o fazemos. A Cabala conta duas histórias simbólicas que ilustram essa advertência.

A experiência iniciática pode levar à morte ou à loucura

Duas páginas são das mais chocantes.

[2] Infelizmente este não é o lugar para expor e discutir essa teoria que seduziu certos meios tradicionalistas, no sentido iniciático do termo. Embora ela possa parecer estranha, notemos simplesmente que numerosos indícios favorecem esta asserção.

"*Simão Ben Zoma*", conta a Cabala, "*estava vagando pelo mundo. Rabino Josué passou e saudou-o duas vezes, mas ele não respondeu. Disse-lhe então o rabino Josué:* '***Que há afinal contigo, Ben Zoma, de onde teus pés te trouxeram?***' *E ele respondeu:* '***Eu estava meditando***.' *O rabino Josué exclamou:* '***Tomo os céus e a terra por testemunhas de que não sairei daqui antes que me tenhas dito donde vens***.' O outro respondeu: '***Contemplei a origem. E compreendi que o Espírito de Deus não pairava sobre as águas primordiais como se conta, mas que planava como um pássaro***.' *O rabino Josué voltou-se então para seus discípulos e lhes disse:* '***Ben Zoma já se foi***.' *Pouco tempo depois, como o anunciara, Ben Zoma morreu.*" A intromissão nos domínios interditos é freqüentemente, como neste exemplo, um presságio de morte. Quando alguém sonha que penetra em um mundo desconhecido e inacessível, ou quando contempla o mistério das origens, está sendo chamado pelo Além.
"*Quatro rabinos, quatro sábios, entraram no Pardes. (O Pardes é o Paraíso, a origem da luz e da beatitude.) Eram eles Ben Azzai, Ben Zomah, Aher e o rabino Aquiba. Um contemplou-o e morreu. O outro viu-o e extraviou-se, não mais foi encontrado. O terceiro contemplou-o e devastou as plantações (enlouqueceu, destruindo tudo por onde passava). Apenas um subiu em paz e desceu em paz (recebeu a iluminação e pôde ingressar no Pardes)*." Entre quatro sábios, só um foi bem-sucedido. A experiência iniciática pode levar à morte, à loucura ou à heresia, se não for bem conduzida, se não se conformar ao Verbo e ao ritual, se negligenciar as advertências que o Livro dá. Trata-se de bem mais que um alerta simbólico: os males descritos nesse texto são bem reais, como o demonstra a medicina psicossomática que cuida do físico, do corporal, a partir do psíquico. Um choque psicológico para o qual não estamos preparados pode conduzir à loucura, sabem-no todos os psiquiatras.

Metempsicose, caminho iniciático e Pardes

O texto esclarece: "*Ben Azzai contemplou-o e morreu*." É a propósito dele que é dito: "*preciosa é a morte de seus fies aos olhos do Senhor*". Que significa isto? Rejubilar-se-ia Deus com a morte de seus fiéis? Sim. A razão é simples: a Cabala acredita na reencarnação, ou metempsicose. Para ela, como para toda a tradição, o ser humano retorna a terra sob forma humana, seja sob forma animal[3], para se purificar. E de existência em existência, de encarnação em encarnação, ele encontra a luz e aproxima-se do estado edênico. A iniciação é a situação daqueles que atingiram tal estado. É por isso que ela é reservada a alguns a isso chamados. Seja como for, os iniciados, aqueles que a Cabala denomina os "*fiéis*", vivem sua última passagem pela terra. Após a morte, alcançarão o *nirvana dos hindus*, ou o céu dos judeus, dos muçulmanos e dos cristãos. É por isso que Deus se rejubila com a morte de seus fiéis.
"*Ben Zomah viu-o e extraviou-se, não mais foi encontrado*." Acerca dele disse a Escritura: "*Encontraste o mel? Come o bastante; se te empanturrares, tu o vomitarás*." Ben Zomah comeu o mel e quis mais. Não sabia ele que o ser humano apenas pode contemplar uma pequena fração da luz? Querer mais luz, mais do que se poderia suportar, é pecar por presunção, como Lúcifer, que, no entanto, era o anjo favorito de Deus. Um indivíduo assim é devolvido ao nada (isto é, o que significa "*Não mais foi encontrado*"). Ele é obrigado a recomeçar o ciclo inteiro de reencarnações a partir do início.
"*Elias contemplou-o e devastou as plantações*." Sobre ele é dito: "*Que tua boca não se dedique a fazer tua carne pecar*." Isso tem relação com a loucura, conforme dissemos. "*O rabino Aquiba subiu em paz e desceu em paz*." E sobre ele que está escrito: "*Leva-me contigo, corramos, o rei me fez entrar em seus aposentos.*" O rabino Aquiba é um "*superior desconhecido*", quer dizer, um anjo que desceu à terra. Ele assumiu a forma humana, vem à terra quando quer (quase sempre para cumprir uma missão) e volta ao céu a seu bel-prazer.

[3] Segundo seu carma, ou destino cósmico, o homem de má conduta reencarna sob forma animal. A Cabala é muito explícita quanto a isto.

As últimas frases (Leva-me contigo, corramos [...]) são uma citação do Cântico dos Cânticos, poema central da Bíblia e um dos mais belos poemas de amor da humanidade. Ele descreve simbolicamente o amor da alma por seu criador (o rei). É esse amor de que a alma jamais se separa que lhe dá todos os poderes: descer à terra para revelar a certos homens a palavra secreta e voltar a subir "*aos aposentos do rei*". Com que se parece, entretanto, o mundo lá de cima? Com que se parece o Pardes onde pôde entrar o rabino Aquiba e que permaneceu vedado aos outros três companheiros? "*Com que se parece a coisa? Com o pomar do rei acima do qual foi construída uma balaustrada. O que é prescrito ao homem? Que ele olhe, contanto que não se farte com os olhos*." Que não se satisfaça com os olhos para não cometer o mesmo erro de Ben Zomah. A Cabala compõe-se de vários livros — citamos apenas o *Sefer letzirah* e o *Zohar*, mas há outros — e de milhares de páginas de que ainda não foi extraída toda a sabedoria, e sobre as quais todos os iniciados do mundo, em Israel tanto quanto alhures, se debruçam com ardor. Contudo, digamos novamente: antes de se dedicar ao estudo da Cabala, cumpre tomar precauções, tais como o demonstram as poucas histórias relatadas. Quem quiser conhecer a Cabala, suas práticas mágicas, seus mistérios profundos, o fará por sua conta e risco. Não há necessidade de homens armados para defender os segredos espirituais da tradição: eles se defendem bem por si mesmos.

O apelo do rabino Simão bar Iochai

Por mais que a Cabala possua venerável antigüidade, por mais que remonte à noite dos tempos, não perduram menos alguns momentos históricos de fato notáveis. Vimos que esses momentos são a iniciação de Abraão, antes de tudo, e em seguida a de Moisés. Outro momento é o do "*Grande Sínodo*" (o *Idra Zutá*) tal como a própria Cabala registra (seção dita do Comentário do Sifra Dzeniuta pelo rabino Simão bar Iochai).
Jerusalém acabava de ser destruída pelo romanos, conta o escriba que retranscreveu o texto. Era então proibido aos judeus voltar para chorar nas ruínas de sua pátria, e isso sob pena de morte. A nação inteira fora dispersada no exílio e, pior ainda, as santas tradições estavam perdidas. Resultado: esquecera-se a verdadeira Cabala, substituída por superstições. Feiticeiros e farsantes ocupavam o lugar dos iniciados e uma obscuridade abateu-se sobre o mundo, pois a ocultação da tradição é a maior desgraça que pode ocorrer.
Foi então que um rabino bastante estimado, Simão bar Iochai, congregou em torno de si os últimos iniciados na ciência primordial. Decidiu explicar-lhes o *Livro dos Mistérios.* Todos eles sabiam o texto de cor, mas somente bar Iochai conhecia-lhe o sentido profundo que até então era transmitido de boca em boca e de memória em memória, sem jamais o explicar, nem mesmo escrevê-lo.
Eis aqui as palavras que ele lhes dirigiu com o objetivo de reuni-los:
"*Por que, nestes dias de tormento, permaneceremos semelhantes a uma casa que se apóia em uma única coluna ou a um homem que se sustenta numa só perna? É hora de agir, pois os homens perderam a pequena luz que os fazia viver*."
"*Congregai-vos nesse campo onde existe uma área hoje abandonada*[4]*. Vinde, como para um combate, armados de conselhos, de sabedoria, de inteligência, de ciência e de atenção. Reconhecei como único mestre aquele que dispõe dos vivos e dos mortos, o Grande Arquiteto de todos os mundos. Profiramos juntos palavras de verdade que as entidades superiores gostam de escutar e todo o mundo virá reunir-se em torno de nós para escutar-nos*."

A conjuração dos iniciados

[4] É o lugar onde se erguia o templo de Salomão, aquele pelo qual todos os iniciados do mundo guardam luto.

No dia marcado, os rabinos iniciados reuniram-se em um espaço circular cercado por uma muralha, chegando em silêncio, e o rabino Simão sentou-se no meio deles. Vendo-os todos reunidos, ele chorou.
"*Desgraçado de mim se revelo os grandes mistérios! Desgraçado de mim, entretanto, se os deixo cair no esquecimento. Que devo fazer?*"
Os iniciados permaneceram em silêncio.
Enfim, um deles, chamado rabino Abba, levantou-se e tomou a palavra: "*Posso dizer algumas palavras com a permissão do mestre. Não está escrito que os segredos pertencem aos que os temem? E nós, que estamos reunidos neste momento, não tememos ao Grande Arquiteto? Não fomos lá iniciados nos segredos do templo?*"
Todos os presentes, a fim de se comprometerem ao segredo, colocaram a mão na do rabino Simão e ergueram com ele um dedo para o céu. E após pronunciar uma prece, o rabino Simão chamou seu filho (seu discípulo) Eleazar e o fez sentar-se diante de si. E colocou Abba do outro lado. E disse: "*Formamos o triângulo, que é o tipo primordial de tudo o que existe. Representamos a porta do templo e suas duas colunas.*" (...)
O rabino Simão não falou mais e seus discípulos respeitaram-lhe o silêncio. Escutou-se, então, uma voz confusa que era como a de uma grande assembléia. Eram os espíritos do céu que haviam descido para escutar. Os discípulos estremeceram, mas seu mestre disse-lhes: "*Nada temei. Deus reinou sobre os homens de outrora pelo medo, mas no presente ele nos governa pelo amor.*" Não foi dito "*Amarás teu Deus?*" E não disse Ele mesmo: "*Eu vos amei?*" Depois, acrescentou: "*A doutrina secreta é para as almas meditativas. As que são agitadas e desprovidas de equilíbrio psicológico não a podem compreender. É possível cravar um prego num muro que se move, prestes a se esboroar ao menor choque? O mundo inteiro está fundamentado no mistério; mas o mistério último, o da iniciação, não é revelado nem mesmo a todos os anjos. O céu inclina-se para nos escutar mas não falarei sem véu. A terra emudece para nos ouvir, por isso expressar-me-ei apenas por meio de símbolos. Somos, neste momento, as colunas do templo e a porta do universo*".

E o homem revoltado diz a Deus: "Submete-te tu mesmo a essa lei"

Triângulo, que é o tipo primordial de tudo o que existe, tanto em cima como embaixo, de tudo: os anjos, os homens, a natureza; e templo, reconstruído espiritualmente, posto que são os iniciados, se juntando em torno do rabino Simão, que reconstituem simbolicamente o templo de Salomão destruído pelos romanos, o mestre advertiu a quem o soube escutar que iria revelar os maiores mistérios. Aquela reunião histórica, aquele sínodo que ocorreu outrora na Palestina, iria ter importância essencial para a manutenção da tradição cabalística. Além de seu interesse histórico que se mostra considerável, ele desvendou certos segredos que habitualmente permanecem ocultos.
E o rabino Simão prosseguiu: "*Deus*", disse ele, "*quando quis fazer surgir a criação, lançou um véu sobre sua glória e, nas dobras desse véu, projetou sua sombra. Dessa sombra desprenderam-se os gigantes que disseram* '***Nós somos reis***' *quando não passavam de fantasmas. Eles apareceram, pois, porque Deus se ocultara fazendo a noite no caos. Desapareceram a seguir, no momento em que se voltou para o oriente a cabeça luminosa, o sol regulador de nossas aspirações e de nossos pensamentos. Os deuses são miragens da sombra e Deus é a síntese dos esplendores. Os usurpadores caem quando o rei sobe a seu trono; e quando Deus se mostra, os deuses partem*." Depois de ter permitido à noite existir a fim de deixar aparecerem as estrelas, Deus voltou-se para a sombra que havia feito e considerou-a para lhe dar uma figura. Imprimiu uma imagem sobre o véu com que havia coberto sua glória e essa imagem lhe sorriu. Quis Deus que essa imagem fosse a sua, a fim de criar o homem à semelhança dela.
Ele experimentou de algum modo a prisão que deseja dar aos espíritos criados. Encarava aquela figura que deveria ser um dia a do homem e enternecia-se, pois lhe parecia já escutar

as queixas de sua criatura. "*Tu, que queres submeter-me à lei*", dizia ela, "*prova-me que essa lei é justa, submetendo-te tu mesmo a ela*." E Deus, então, se fazia homem para ser amado e ser compreendido pelos homens.
Essas últimas palavras são notáveis e tornam bastante perceptível a profundidade da filosofia subentendida na Cabala:

O homem é um espírito revestido pela prisão mais forte que existe. Os anjos são prisioneiros de seu corpo sutil que certamente os impede de identificarem-se com Deus, mas os homens são prisioneiros de um corpo de matéria. Os cátaros falam de "*andrajos de carne*";
em seu infinito sofrimento, quando chega ao fundo da infelicidade, o homem se interroga sobre o porquê, sobre a razão de ser, do mal. Ele não entende a lei divina.

Por que Deus que é tão poderoso permite a Satanás levar a cabo sua obra nefasta? Por que tanto desespero? O homem revolta-se, então, contra Deus. Ele lhe diz: "Prova-me que esta lei é justa, submetendo-te tu mesmo a ela." *E Deus se faz homem para ser amado e compreendido pelos homens*. Quer dizer que Ele cria o homem à sua imagem, que Ele cria uma imagem reduzida de si mesmo, que é o homem.

O Velho que não tem idade

"*Ora*", prosseguiu o rabino Simão, "*nós, na terra, apenas conhecemos de Deus, do Arquiteto de todos os mundos, essa imagem impressa no véu que oculta seu esplendor. Essa imagem é a nossa e ele quis que para nós ela fosse a dele*".
"Dessa forma, nós o conhecemos sem, no entanto, conhecê-lo. Ele nos aparece (quando nos aparece) como sendo uma forma sem contorno. Dizemos simbolicamente que ele é um velho que não tem idade. Está sentado em um trono maravilhoso. Desse trono desprendem-se eternamente milhões de centelhas e *ele lhes diz para se converterem em mundos*.
"*Sua cabeleira cintila e deixa cair estrelas. Os universos gravitam ao redor de sua cabeça. Os sóis vêm banhar-se em sua luz infinita*."
Deus é um "*velho sem idade*" e sua palavra, recolhida na tradição primordial, tampouco tem idade. Por mais que se remonte no curso da história, ela vem de mais longe ainda. *Deus disse às centelhas para se converterem em mundos*. A Cabala já sabia, como o sabia, aliás, a astrologia dos magos babilônios, que o universo é composto de uma infinidade de galáxias que explodem, surgem, congelam-se a seguir para morrer e isso por uma duração de tempo que se avizinha dos bilhões de anos. Esses universos são como centelhas comparados com a chama celeste que se mostrou a Moisés sob a forma duma sarça ardente.

O orvalho celeste

E prosseguiu o rabino Simão: "*A imagem divina é dupla. Ela tem a cabeça de luz e a cabeça de sombra, o branco e o negro, o superior e o inferior. Uma é o sonho do homem Deus, a outra, a do Deus-homem.* ***Uma representa o Deus do sábio, a outra, o Deus do vulgo***."
Toda luz pressupõe uma sombra e não se torna claridade senão em oposição a essa sombra. A cabeça luminosa verte sobre a cabeça negra um orvalho[5] de esplendor. "*Abre-me, minha bem amada*", diz Deus à inteligência. "*Minha cabeça está cheia de orvalho pelos anéis de meu cabelo rolam as lágrimas da noite. A tradição é poesia. O orvalho é o maná de que se nutrem os sábios. Os iniciados têm fome dele e recolhem-no a mancheias nos campos celestiais*."

[5] Os alquimistas sabiam recolher esse orvalho celeste. Nicolau Flamel e Basile de Valentin aludiram a isso.

Esse texto é de beleza total. A melhor introdução que se possa dar da Cabala é incitar o leitor a impregnar-se dele. A experiência psíquica que ele provoca é indescritível, cada um só pode vivê-la à sua maneira. Vivê-la, e não teorizar ou discutir a respeito dela. Por outro lado, a sombra e a luz andam juntas; a lei dos contrastes é encontrada em toda parte da natureza e do espírito. A luz necessita da sombra para aparecer, para sobressair. O tabuleiro de damas é a imagem disso, seu símbolo.

Microcosmo, macrocosmo, signo-de-salomão

Depois, o rabino Simão evocou a experiência mística.
"*A imagem divina possui treze raios: quatro de cada lado do triângulo primordial e um dentre eles, o último, situado na ponta do triângulo*."Isso, essa contemplação, permitirá fabricar talismãs e pentáculos mágicos. Abordaremos este assunto um pouco adiante. Por enquanto, o rabino Simão leva mais longe ainda a busca mística. E é em tal busca, em tal contemplação, que o iniciado cabalista se "*recarrega*" com energia cósmica. É aí também que ele encontra seu guia espiritual conhecido pelo nome de anjo Metatron.
"*Desenhai no céu, em pensamento, essa imagem de que acabo de falar-vos. Traçai-lhe as linhas indo duma estrela para outra; ela encerrará trezentas e sessenta miríades de mundos.* ***Pois o Velho Superior se chama macrocosmo, enquanto afigura de sombra se denomina microcosmo****. A cabeça de luz expande seu esplendor sobre todas as cabeças pensantes quando elas se submetem à lei e à razão.*"
O rabino Simão acabava de rememorar para seus discípulos a lei fundamental de todo o esoterismo que Hermes Trismegisto, o grande sábio do Egito antigo, assim formulara: "*Tudo que está em cima é o macrocosmo e tudo que está embaixo é o microcosmo*." O em cima e o embaixo correspondem-se quando o influxo do Grande Arquiteto atravessa os mundos e é assim que se consuma a Grande Obra.
O êxtase cabalístico torna o cabalista semelhante a Deus. Ou melhor, para ser mais preciso, ele lhe permite realizar em seu pequeno mundo maravilhas iguais às realizadas por Deus no universo inteiro. Para isso, o *iniciado deve a princípio harmonizar-se com o cósmico*. Deve identificar-se com ele. E é isso que permite a contemplação da imagem que o rabino Simão pediu aos discípulos para traçarem em seu pensamento. Destaquemos, de passagem, a significação do símbolo universal do signo-de-salomão que vemos a seguir:

Quando os dois triângulos primordiais se encontram em equilíbrio, a Grande Obra está realizada. O signo-de-salomão significa o equilíbrio do macrocosmo e do microcosmo, da sombra e da luz. Ele é o emblema dos sábios e dota de poderes fabulosos certos magos brancos (quer dizer, dedicados ao Bem) que dele sabem se servir. Teremos ocasião de retornar a isto.
A última visão do cabalista

E o rabino Simão chegou ao último momento da visão. "*A cabeça do Velho Supremo é um receptáculo fechado, e a sabedoria infinita aí se deposita como um vinho delicioso.* ***Essa sabedoria é impenetrável, ela se possui em silêncio. Ela se rejubila por sua eternidade inacessível às vicissitudes do tempo***.”
"*O Arquiteto revelado é o deus velado. Essa sombra humana de Deus é como o misterioso Éden de onde saía uma fonte que se dividia em quatro rios*”.
"*Nada sai do próprio Deus. Sua substância permanece imóvel. Tudo o que passa, que começa, que se divide, corre, tudo isso desliza sobre sua sombra. Ele é imutável em sua luminosidade. Permanece calmo como um velho vinho que, sem jamais se agitar, repousa sobre sua borra*."
Mistério dos mistérios: o homem é um fragmento da sombra de Deus. Este preceito deu origem a múltiplas especulações.
Enfim, o rabino Simão bar Iochai disse: "***Não procurem penetrar nos pensamentos da cabeça misteriosa***." Se os seus pensamentos externos e criativos se irradiam como cabeleiras, certamente os seus pensamentos íntimos são ocultos.
"***Cada cabelo é um fio de luz que se prende a milhões de mundos****. Seus cabelos dividem-se sobre sua testa e descem dos dois lados,* ***mas cada lado é o lado direito*****.**" Cada lado é o lado direito, afirmativa enigmática que o prosseguimento do discurso vai nos fazer entender. "*Pois*", explicou o rabino Simão, "*na cabeça divina que forma a cabeça branca não existe o lado esquerdo. O lado esquerdo da cabeça branca é a cabeça negra.* ***Não esqueçais que, no simbolismo tradicional, o embaixo equivale à esquerda e a esquerda se assemelha ao embaixo***.”
Ora, entre o em cima e o embaixo da imagem de Deus não há mais antagonismos ou oposição do que entre a mão esquerda e a direita do homem, posto que a harmonia decorre da analogia dos contrários."
(...)
Israel no deserto se desencorajou e disse: "*Mas Deus está ou não do nosso lado?*" Assim fazendo, Israel separava a cabeça negra da branca e o deus da sombra tornava-se desse modo um fantasma exterminador. Ele os castigava por duvidado.

"Não se compreende Deus, a gente o ama"

É o amor que cria a fé, e não o contrário. Deus se esconde do espírito mas se revela ao coração.
Quando o homem diz: "*Não acredito em Deus*", é como se dissesse "*Eu não amo*." E a voz da sombra lhe responderá: "*Morrerás porque teu coração abjura a vida.*"
Palavras que é impossível não classificar como admiráveis. Palavras que devem ser meditadas, pois é assim, procurando-se psicologicamente, purificando a alma de toda as amarguras, que o cabalista pode dedicar-se ao estudo.
E o rabino Simão concluiu: "*O microcosmo é a grande noite da fé*”. É nela que vivem e suspiram todos os justos. Pois falta qualquer coisa aos seres terrestres, mesmo aos mais sábios. Os justos estendem as mãos e agarram (em sentido imaginário) os esplêndidos cabelos do Pai. E desses cabelos, gotas de luz caem e vêm clarear-lhe a noite.
"***Entre os dois lados da cabeleira suprema se encontra o caminho da alta iniciação****, o caminho do meio, a vereda da harmonia dos contrários*”.
"Lá, tudo se compreende e se concilia. Lá, o bem triunfa do mal. Essa vereda é a do supremo equilíbrio (simbolizado pelo signo-de-salomão). E nada pode impedir o Senhor de ouvir o grito do órfão e o queixume do oprimido."

DESABROCHAR; ÚLTIMOS FOGOS; NOVA OCULTAÇÃO DA CABALA

O Livro dos Mistérios

O sentido próprio, a função da tradição, é duplo:

fazer viver o povo à qual ela pertence;
vinculando-se à filosofia primordial que havia na origem do mundo, permitir ao mundo sobreviver. A espiritualidade cabalística foi o que fez o povo judeu amalgamar-se ao longo da história e de suas vicissitudes; o que lhe conferiu profunda unidade, identidade sem falha, fidelidade a toda prova, a despeito de todas as perseguições. A Cabala prende-se à tradição primordial, da qual cada povo (os judeus, os celtas, os hindus etc.) recebe fragmentos que, juntos, fazem com que o mundo não volte ao nada. *A tradição é um verbo*: aquele tão famoso Verbo pelo qual na Bíblia, por exemplo, o Demiurgo cria o mundo e tudo aquilo que nele existe. Um Verbo ou uma palavra mágica de um poder extra-humano.

A tradição, a palavra sagrada, como a Cabala, é, dissemos, o que permite ao mundo, ao universo, não virar poeira, não voltar ao caos. "*O estudo da Cabala*", dizem os "*sustenta o mundo*". Se a ciência cabalística se perdesse definitivamente, o que, em certas ocasiões quase aconteceu, toda verdade desaparecia. Ora, matar de todo a verdade conduz a catástrofes, quando mais não fosse porque os próprios homens acabariam por destruir o planeta (eles dispõem atualmente dos meios, com as armas nucleares!) Mas quando o cabalista entra em êxtase, como nós vimos ser feito no capítulo anterior pelo rabino Simão bar lochai, as entidades superiores, isto é, os princípios das forças cósmicas que guiam o universo, descem à terra. Elas são atraídas como amantes e, ao chegarem à terra, trazem consigo um fluxo benéfico.
O *Sefer ha-Razim* (Livro dos Mistérios), também ele obra de venerável antigüidade, relata que, se no ciclo inaugurado pela Bíblia, a iniciação foi transmitida a Abraão em primeiro lugar, já a magia foi revelada a Noé pelo anjo Raziel no momento em que ele embarcava na Arca que lhe permitiria atravessar o Dilúvio sem dificuldades.
Tratamos do "*ciclo da Bíblia*", quer dizer, do ciclo histórico correspondente ao aparecimento do povo judeu, porque evidentemente, antes desse povo, outros povos estiveram de posse da tradição; a lembrança deles, contudo, está hoje bastante esmaecida.
De qualquer maneira, o citado *Livro dos Mistérios* explica que os anjos que respondem à prece, à invocação do mago ou do iniciado, são divididos hierarquicamente. Uma vez presentes ao redor de quem os tenha convocado, é mister que este saiba a quem se quer dirigir exatamente. Isso depende do que espera: amor, glória, riquezas etc. Cada prática vale-se de libações, palavra de passe, combustão de incenso e astrologia. É preciso, de fato, escolher bem seu momento.
A ascensão mística do iniciado cabalista

A Cabala tem estado quase sempre encoberta. Desvendada ou não, ela é por certo cheia de segredos que não são revelados a toda gente. Mas queremos salientar que em certos momentos históricos, um grande homem (Abraão, Moisés) ou um grupo de conjurados que se dedicavam à iniciação (o rabino Simão e seus discípulos) procederam de modo a faze-la pelo menos emergir da sombra. Os homens nessas ocasiões atravessaram uma fase ruim e foi preciso trazer-lhes a luz.
A partir do rabino Simão bar lochai, os cabalistas entregaram-se então a um trabalho intenso de que os profanos não se deram conta. Prepararam a passagem para novos tempos. Esses tempos foram o cerne da Idade Média com o surgimento dos cátaros. *E quando do*

aparecimento dos cátaros, com efeito, livros cabalísticos surgiram como por milagre e revelaram seu esplendor. E nesse ínterim? Um trabalho intenso foi realizado, um trabalho de que apenas podemos resumir as etapas.
Os iniciados judeus fixaram definitivamente o que era recebido das tradições antigas, mas que na ocasião ainda permanecia confuso. Trataram de tornar praticável "*a viagem da alma no mundo celeste*", uma técnica para permitir o espírito deixar o corpo (sim! destacar-se de seu corpo e viajar na quarta dimensão) acessível a certos iniciados. Essa técnica de ascensão mística era precedida por uma fase de preparação importante, de caráter ascético, podendo durar quarenta dias. O místico abstinha-se de comer qualquer planta e preparava o próprio pão. Praticava também, durante esse período, banhos rituais ao cair da noite e recitava fórmulas mágicas e hinos (alguns dos quais foram conservados até hoje). Fazia tudo isso com a cabeça colocada entre os joelhos, pois essa posição facilitava a passagem para um outro nível de consciência. Quanto aos hinos, indispensáveis para alcançar o êxtase, *eram cantados pelos próprios anjos diante do trono divino*. Eles expressavam a glorificação do Velho Sublime sentado em seu trono, circundado de majestade, de temor e de tremor.
O iniciado realiza uma viagem (uma verdadeira viagem, dizem os ocultistas) através de sete palácios situados bem alto, nos céus. Porteiros angélicos acham-se sempre à esquerda e à direita de cada entrada. É preciso apresentar sinais mágicos para franquear a soleira sem perigo; e a cada etapa, é mister usar novos sinais e proferir fórmulas mágicas cada vez mais complicadas. O perigo atinge seu paroxismo no sexto palácio. "*À porta do sexto palácio*", diz um texto que chegou às nossas mãos como que para nos encaminhar corretamente, "*aparecem milhares e milhares de ondas que se lançam contra o iniciado; não há, contudo, nenhuma gota d'água, mas somente o fragor etéreo das placas de mármore que enfeitam o palácio*."
Só aquele cuja iniciação está terminada pode ingressar no sétimo palácio, o mais secreto de todos. Qualquer outro que vá ultrapassar a lei, que insista, pode pagar com a vida.

As 32 vias maravilhosas da sabedoria

Os iniciados de todas as nações mantinham relações amistosas entre si: por exemplo, por mais que os Templários tivessem sido fiéis cristãos, por mais que tivessem combatido gloriosamente os muçulmanos e se conduzido com bravura nos campos de batalha das Cruzadas, nem por isso deixaram de manter contato com ordens secretas muçulmanas. Da mesma forma, os cabalistas judeus — Abuláfia por exemplo — entraram em contato com a seita muçulmana dos sufistas e com os cátaros cristãos. Isso não para no unir a eles, mas apenas para se reconhecerem como Irmãos.
Na Provença catara e na Espanha, onde durante certo tempo, antes da intervenção de Isabel a Católica, rainha repressora, cristãos, muçulmanos e judeus haviam acabado por chegar a boa convivência, a Cabala atingiu um de seus auges. O trabalho levado a cabo anteriormente dera seus frutos, só restava colhê-los. Assistiu-se a uma floração notável. Evoquemos antes de tudo o *Sefer letzirah (Livro da Criação)*. Esse livro começa assim: "*Pelas 32 vias maravilhosas da sabedoria, o Arquiteto gravou.*" Ele escreveu seu mundo por meio de três livros. As 32 vias da sabedoria são:
As dez *Sefirot* (ou nomes primordiais);
As 22 letras do alfabeto hebraico.

As dez *Sefirot* não são números ordinários, e sim princípios metafísicos da criação. Um pouco como na numerologia, na qual os números não servem para contar, e sim para adivinhar o caráter de um indivíduo ou seu destino. Basta conhecer a equivalência do nome secreto do indivíduo e dos algarismos a eles correspondentes. As seis últimas Sefirot representam as seis direções do espaço. São fechados hermeticamente por meio de seis combinações místicas do nome oculto de Deus que é **IHVH** (ler: Javé). A segunda parte do *Sefer letzirah* nos ensina como toda a realidade — do céu cósmico ao menor micróbio, cá embaixo - é criado pela

combinação das 22 letras do alfabeto hebraico. Veremos isso em pormenor posteriormente; observemos, no momento, que tanto o real mais quotidiano como o cosmo mais remoto são compostos de três níveis: o Mundo (*Olam*); o Tempo (*Shaná*) e o Homem (*Nefesh*). Quanto à combinação das letras do alfabeto, mais particularmente no que concerne ao mundo, é mister para compreender, recorrer à noção das "*231 Portas*", ou seja, das 231 combinações binárias[6] das 22 consoantes[7], com a ajuda das quais se efetua a gênese desse mundo.
Há o risco, talvez, de essas coisas parecerem a alguns especulações gratuitas, sobretudo aos céticos. Não são nada disso; as portas se abrem a quem o deseje e faça o esforço necessário. Vê-lo-emos em minúcia mais tarde.
Mantenhamos em mente ainda que todas essas combinações procedem de um mesmo nome, de que são por assim dizer declinações, como se diz em gramática, de um Verbo único. "*Ocorre — diz o Sefer letzirah — que toda criatura, humana, animal, vegetal ou mineral, e toda palavra procedem de um único nome"*. Esse nome é evidentemente o nome secreto do Arquiteto. O conhecimento de tal Nome tornou-se em breve o alvo da busca cabalística. A posse do Nome oculto dá, com efeito, todos os poderes sobre o mundo. Permite a um rabino do gueto de Praga construir um *golem*. O *golem* é um autômato feito de terra ou argila, que começa a viver quando é colocado entre seus lábios e aplicado em sua fronte um papel onde se acha inscrito o nome secreto. Esse *golem* torna-se então um escravo bem obediente. Como possui força hercúlea e nada teme porque as almas humanas não o podem atingir, o rabino de Praga o construiu serviu-se dele para defender a comunidade judaica contras as agressões, as perseguições e os *pogroms*.

A Cabala provençal da Idade Média

Foi, portanto, na Provença, a partir do século XIII, que a Cabala conheceu extraordinário surto. Citemos, de memória:

O *Sefer ha-Bahir* (*Livro da Claridade*) do qual eis aqui um pequeno trecho para dar idéia de seu conteúdo: "*As potências de Deus estão dispostas umas acima das outras como ao longo de uma árvore. Da mesma forma que a árvore produz frutos graças à água, assim Deus (o Velho Sublime) acresce por meio da água as forças da árvore. E o que é exatamente a água de Deus? É a sabedoria (**Chochmá**) e os frutos são as almas dos justos que levantam vôo da fonte em direção ao grande canal e se prendem à árvore. E o que a faz florescer? Os israelitas. Quando eles são bons e justos, a **Shechina** (a presença divina) habita entre eles e habita as obras deles tornando-os fecundos*".
O rabino Abraão ben Isaac (morto em 1180), que foi o primeiro presidente do tribunal de Narbonne, escreveu o primeiro texto de "Cabala teosófica" interrogando-se acerca dos fins últimos, acerca do sentido da história universal, sempre em busca do Nome fabuloso.
O rabino Abraão ben Davi (dito "*o Rabed*") e Jacó ben Saul (dito "*o Nazareno*"). Esta dupla de cabalistas pertencia a um grupo de iniciados que mantinha relações contínuas com os cátaros. De comum acordo com eles, adaptaram ao gosto da época a crença na tansmigração das almas (reencarnação), proibida pela Igreja e pela Sinagoga, mas que fazia parte da tradição primordial de todos os povos.

[6] Notemos, e isso não é sem importância, que a época moderna começa a descobrir as possibilidades infinitas do cálculo binário. (O tabuleiro de damas com seus quadrados pretos e brancos simboliza isso.) Nossa época reencontra a importância do binário. A prova? Os computadores são fundamentados no binário. Seu princípio básico é que em cada ponto deles mesmos, em cada "*célula*" eletrônica (chamamos a isso os bits) a corrente passa ou não passa, como a luz passa ou não passa por cima do tabuleiro. A partir desse "*sim, isso passa*", "*não, isso não passa*" — isto é, dum princípio binário — o computador reconstitui, a velocidades vertiginosas, todos os algarismos e todos os cálculos. O "*sim*" é igual a 1, o "não" é igual a 0 para o computador.
[7] O alfabeto hebraico compõe-se de vinte e duas consoantes e de sinais (pontos ou traços) que simbolizam as vogais. Aqui não se trata senão de consoantes. Contudo, a importância das vogais está longe de ser desprezível, como constataremos quando tivermos progredido no conhecimento da Cabala prática.

Isaac o Cego (1165-1235), cognominado “*rico em luz*” (como Homero, o autor da *Odisséia* que também foi um cego inspirado). Isaac, o Cego descobriu que a divindade se estende sobre três domínios:

O *En-Sof* (em-si), sem fim, inefável, inapreensível ao pensamento;
o pensamento;
a palavra ou Verbo mágico.

Mas o iniciado, esclareceu Isaac, acaba por reunir-se ao *En-Sof*. No final de sua ascensão mística, de sua viagem pela dimensão, ele alcança a adesão, a comunhão com Deus. Os discípulos de Isaac, o Cego contam que "*Nosso mestre disse: “O essencial da meditação reside nisto: a* ***Ele deveis aderir****”. É um grande princípio para o estudo e a prece que quer que se equilibre o pensamento e a fé, como se o pensamento aderisse ao No-Alto a fim de ligar o nome a suas letras e de nele abraçar as dez Sefirot, da mesma forma que uma chama está em ligação com o carvão. Com a boca ele deve expressá-lo, mas em seu coração deve ligá-lo*."
Passemos agora à Espanha. Evocamos de modo rápido, num capítulo anterior, a figura de Abraão Abuláfia (1240-1292) que teve a infelicidade de se considerar uma espécie de Messias. Abuláfia preparou um método de meditação sobre as letras hebraicas e uma combinação de letras do alfabeto sagrado que permite atingir o êxtase e conhecer tudo o que é e tudo o que será. Em outras palavras, Abuláfia conseguiu fazer desse texto, compilado pelos iniciados judeus, um instrumento de adivinhação como o são as *Centúrias astrológicas* de Nostradamus. (Observemos que, embora convertido ao catolicismo, Michel Nostradamus pertencia a uma família de judeus cabalistas.)
Ainda na Espanha, apareceu o *Zohar* (*Livro do Esplendor*): recolhido pelos discípulos do rabino Simão bar lochai, chegou as mãos de Moisés ben Leon, um iniciado que, sentindo ser aquele o momento de dar-lhe forma literária para torna-lo acessível a um público mais vasto, redigiu-o num pergaminho, fixando a tradição oral.
Depois desse período abençoado, os cabalistas ingressaram de novo na sombra. Alguns deles fizeram a viagem à Santa e Isaac Luria, um dos mais célebres, criou o centro de Bafed. Esse centro iniciático teve uma importância cultural e humana que os historiadores profanos talvez subestimem. Em todo caso, ainda hoje há alguns descendentes que prosseguiram secretamente na obra empreendida.
Antes de se ocultarem, os cabalistas exerceram influência no esoterismo cristão. Pico de Ia Mirandola (1463-1494), espírito enciclopédico; Paracelso (1493-1541), médico e alquimista que realizou maravilhas e de quem hoje se descobre a obra imensa; Robert Fludd, e muitos outros, participaram desse mundo fascinante. Sem eles, sem a transmissão da tradição cabalista à qual se consagraram, o ocultismo contemporâneo talvez não tivesse existido. Os mestres do século anterior: o mago Eliphas Levi, Fabre d'Olivet , Louis Claude de Saint-Martin, chamado o Filósofo Desconhecido, teriam ficado despojados e nós também.

SEGUNDA PARTE

A PRÁTICA NA CABALA

PRIMEIRAS NOÇÕES DE CABALA PRÁTICA

Três letras matrizes, sete letras duplas e doze simples

Obra filosófica, obra iniciática, obra mística, a Cabala é igualmente uma obra divinatória e mágica. É uma obra multidimensional. O melhor é começar pelo começo e seguir a progressão de um discípulo na Cabala.
O ponto de partida da Cabala são as letras do alfabeto hebraico, língua sagrada como o é, em outro continente o sânscrito. O alfabeto hebraico compreende 22 letras que não são colocadas por acaso umas em seguida às outras . Cada uma delas corresponde a um número de acordo com sua ordem, a um hieróglifo segundo sua forma e a um símbolo conforme seus relacionamentos com as outras letras.
Os cabalistas classificam as letras da seguinte maneira nos três grupos de letras matrizes, letras duplas ou letras

Três letras matrizes
O A (Alef)
O M (Mem)
O SH (Shiri)

Sete letras duplas
Estas letras exprimem, com efeito, dois sons ao mesmo tempo, um positivo forte, o outro negativo brando. Basta a presença ou a ausência de um ponto acima ou dentro para passar de um som para o outro.
O B (Beit)
O G (Guimel)
O D (Dalef)
O CH (Kaf)
O PH (Fei)
O R (Resh)
O T (Tav)

Doze letras simples

Combinar números e idéias

Combinar as letras do alfabeto hebraico é antes de tudo combinar números e idéias. Isso explica, entre parênteses, a correspondência com os 22 arcanos maiores do taro, cada um equivalente a uma letra.
Papus escreveu: "*Como cada letra é um poder, é ligada mais ou menos estreitamente às forças criadoras do universo. Essas forças evoluem em três mundos, um físico, um astral e um psíquico, e cada letra é o ponto de partida e de chegada de uma série de correspondências.* ***Combinar palavras hebraicas, por conseguinte, é agir sobre o próprio universo, donde a presença das palavras hebraicas nas cerimônias mágicas***".
Cada letra é, pois, um poder energético e a combinação dessas letras, segundo certas regras esotéricas, dá origem àqueles "*centros ativos de força*" suscetíveis de atuar concretamente quando postos em ação. As sociedades secretas a franco-maçonaria, conhecem bem aquilo que "*egrégora*", quer dizer, o ânimo coletivo da loja ou do grupo humano que é despertado

pelo ritual. E as meditações dos cátaros em Montségur tinham certamente por objetivo ativar um centro espiritual de uma intensidade muito forte.
Esse mesmo princípio se encontra na base da formulação de dez nomes divinos, quer dizer, como menciona Papus, "*dez leis ativas da natureza e dez centros universais de ação*". É preciso compreender bem, a este respeito, que tudo no universo está ligado, que o universo forma um único e mesmo organismo, que tudo é atravessado por um fluxo: e, como conseqüência, agir sobre um centro espiritual pode pôr em movimento um outro centro situado bem distante. Isso explica, particularmente, certas ações das sociedades iniciáticas que, atuando (espiritual ou magicamente) em um ponto do planeta, podem alcançar um outro ponto bem afastado. Fala-se de certas fraternidades brancas ou negras que dessa forma influenciam de modo acentuado a marcha do mundo.

O Tempo, o espaço e a matéria

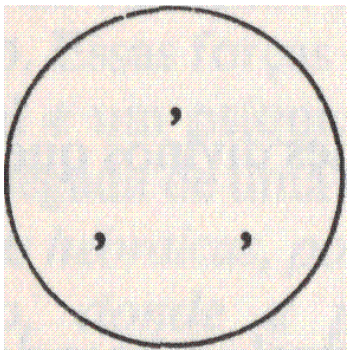
Detenhamo-nos, então, nos dez nomes divinos que serão apresentados a seguir:
1.° nome: ECHIÉ
Significa: "*Fui, sou, serei*" ou "o sempre'". A base deste é a letra *Iud* que exprime o início e o fim de todas as coisas. Certos ocultistas duplicam o *lud*, ou triplicam e dispõem-no em triângulo[8] como se desenvolve uma figura geométrica. Reunidos, os três lud representam os principais atributos da divindade:

o primeiro *lud* exprime a eternidade que cria o Tempo (o passado, o presente, o futuro);
o segundo lud expressa o infinito que cria o Espaço (o comprimento, a largura, a profundidade);
o terceiro lud expressa a substância que cria a Matéria (sólida, líquida, gasosa).

Um quadro preenchido resume esses elementos:

1º lud	Eternidade	Tempo (passado, presente, futuro)	Número
2º lud	Infinito	Espaço (comprimento, largura, profundidade)	Medida
3º *lud*	Substância	Matéria (sólida, líquida, gasosa)	Peso

De maneira dinâmica, esse quadro traduz-se como se segue:



' = lud
Três lud (')
inscritos em um círculo

[8] Em função do princípio segundo o qual o triângulo é a figura primordial de todas as coisas, segundo disse o rabino Simão bar Inchai.

O 2º nome: IAH

Tem influência sobre os querubins, o céu e as estrelas. Ele cria figuras, motivos, estruturas como se diz em física moderna, que põem em ordem o caos original. O agente da divindade neste assunto é o anjo Raziel que foi o guia espiritual de Adão, o homem primordial.

O nome misterioso

O 3º nome: IHVH OU IEVÊ

É o nome mais misterioso da Bíblia. Conforme a tradição judaica, quem sabe pronunciá-lo como convém mexe com forças que o tornam senhor de todas as ciências. Essa palavra nunca é pronunciada pelos judeus, pois, ainda que quase ninguém saiba como se deve dize-la, é tão sagrada que jamais deve incorrer em uma eventual profanação mesmo devida ao acaso. Só o sumo sacerdote de Jerusalém, encerrando-se no Santo dos Santos — isto é, no recinto mais sagrado do templo de Salomão —, proferirá tal nome uma vez por ano, a fim de fazer descer a benção divina prometida pela aliança que ligou o povo judeu a seu Deus. Esse nome estava outrora inscrito no portal das catedrais e ainda é lido em nossos dias numa das torres da igreja de São Sulpício, em Paris. É a palavra sagrada do mais alto grau da franco-maçonaria, o que equivale a dizer do 33º grau.
"*Esse nome*", escreveu Fabre d'Olivet, "*oferece desde o signo indicador da vida, duplicado, e formando a raiz intrinsecamente viva (EE). Essa raiz nunca é empregada como nome e só ela goza desta prerrogativa.* ***Ela não é apenas um verbo, mas um verbo único de que todos os outros não passam de derivado***".
Nome de luz, raiz de vida e de mistério, esse nome significa de fato o Verbo. Entretanto, como estamos na Cabala, não se trata dum simples verbo simbólico, mas dum Verbo na acepção original do termo, dum Verbo que representa realmente a palavra (divina) que criou o mundo e que a iniciação recolhe para conduzir o adepto rumo ao conhecimento supremo.
Esse nome é formado de quatro letras: lud, Hei, Vav, Hei (a letra Hei é, portanto, repetida).
Ora, *como cada letra do alfabeto é também um número*, nós temos:
lud = 10,
Hei = 5,
Vav = 6 de acordo com as equivalências ocultas.

O valor numérico total de IEVÉ é, pois, de 10 + 5 + 6 + 5 = 26.
Ora, o 10 representa, simboliza, segundo os princípios da numerologia, o Princípio de Tudo, como Pitágoras já o sabia. Com efeito, o 10 é composto de 1 (quer dizer, da Unidade) e de 0 (isto é, do Nada). *Quando a unidade encontra o Nada é para fecundá-lo, por conseguinte para criar o universo*.
O 5, por seu lado, é a metade de 10; ele simboliza, pois, a dualidade. E *Hei*, a segunda letra do nome sagrado, que vale 5, é um elemento passivo (feminino) em relação ao *lud* que é conquistador. *Hei* é a mulher em relação ao homem, a substância em relação à essência, a vida em relação à alma. O *Vav*, sexta letra do alfabeto, é produzido por 10 (lud) + 5 (*Hei*), quer dizer, pelas letras que o precederam na formação do nome divino.
Com efeito: 10 + 5 = 15 e 15 = 1 + 5; segundo cálculos teosóficos, portanto, 10 = 6; é, pois, a relação entre 10 e 5. Quanto ao segundo *Hei*, é uma repetição que significa uma passagem do mundo metafísico (o do criador) para um mundo físico (o da criação).

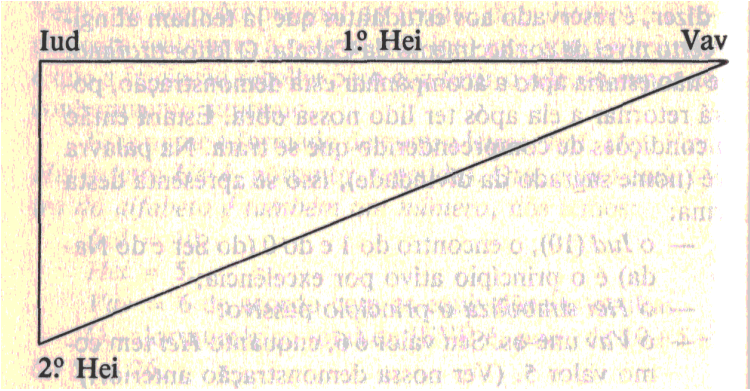
Levemos mais longe a especulação

Pode-se levar a especulação mais longe, mas isto, é mister dizer, é reservado aos estudantes que já tenham atingido certo nível de conhecimento da Cabala. O leitor profano, que não

estaria apto a acompanhar esta demonstração, poderá retornar a ela após ter lido nossa obra. Estará então em condições de compreender do que se trata. Na palavra levé (nome sagrado da divindade), isso se apresenta desta forma:

o *Iud* (10), o encontro do 1 e do 0 (do Ser e do Nada) é o princípio ativo por excelência;
o *Hei* simboliza o princípio passivo;
o *Vav* une-os. Seu valor é 6, enquanto *Hei* tem como valor 5. (Ver nossa demonstração anterior.)

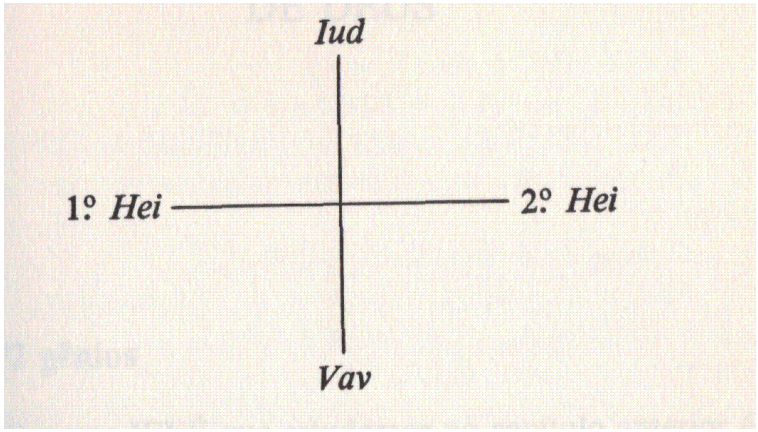
Esses três termos que vimos de citar exprimem o triângulo primordial que estrutura toda coisa, como o dizia o rabino Simão bar Iochai (ver capítulo precedente desta obra). Os cristãos reencontram-no sob a forma do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e os filósofos sob a da tese, da antítese e da síntese que decompõem as exposições bem alicerçadas. Quanto ao segundo *Hei*, significa a passagem de um mundo para o outro. É o que permite, em música, subir de uma escala a outra. Pitágoras, que inventou nossa escala musical moderna, permitiu o desenvolvimento de toda a música européia. Sem Pitágoras e sua invenção, não seria exagero dizer que não teríamos absolutamente tido Bach, Mozart (que era franco-maçom), Beethoven (que é quase certo ter sido iniciado) e outros muitos.
Pitágoras — sempre ele — inventou uma equivalência entre os números e as figuras (1 = 1 ponto; 3 = triângulo etc.). E, conforme essa geometria oculta, levé pode ser representado por triângulo, cruz ou círculo.
• Por triângulo[9]



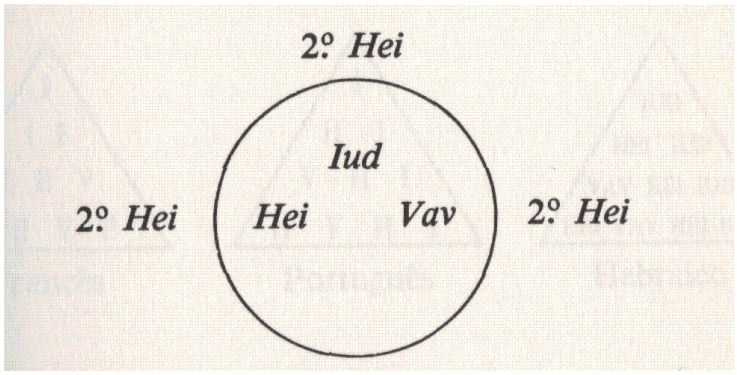
O segundo *Hei* é, assim, colocado sob o *Iud*. Papus escreveu a esse respeito e isso vale a pena ser citado na íntegra: "*Esse segundo **Hei**, sobre o qual insistimos deliberadamente por tanto tempo, pode ser comparado ao **grão de trigo** com relação à espiga. A espiga, trindade manifestada ou **Iud Hei Vav**, converte toda a sua atividade na produção do grão de trigo do segundo **Hei**. Mas esse grão de trigo não é senão a **transição** entre a espiga que lhe deu nascimento e a espiga à qual ele próprio dará origem na geração seguinte. É a transição entre uma geração e outra que ele contém em germe, é por isso que o segundo **Hei** é um **Iud** em germe*." Tudo está em tudo. Tudo se transforma. Nada conserva sua forma, só a vida permanece.

Por Cruz

[9] 'Trata-se aqui do triângulo retângulo a cujo respeito Pitágoras deu-nos seu famoso teorema.



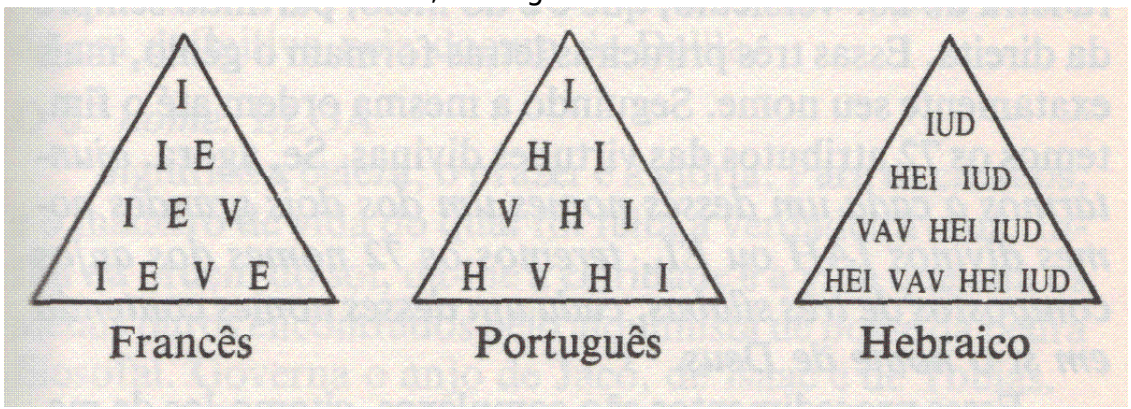
Por circulo
Uma terceira maneira, enfim, consiste em envolver a trindade do segundo *Hei*, como se ela desse o tom. Como se ela rodeasse as três primeiras letras e lhes assinalasse a presença da transcendência que envolve todas as coisas.



O estudo do taro consiste na transformação do misterioso nome divino.
OS DEZ NOMES CABALÍSTICOS DE DEUS

Os 72 gênios

O nome IEVÉ que estudamos no capítulo anterior é na verdade inexaurível. Dele se extrai um nome cabalístico de 72 letras, da seguinte maneira:



Em francês, escrevemos, como explicamos adiante, de modo invertido. Trata-se do nome divino visto no espelho do universo. Escrevemos nesses três triângulos o nome sagrado, em francês, português e hebraico. Como na terceira língua existe uma equivalência numérica, podemos obter:
IUD = 10
IUD e HEI = 10 + 5 = 15
IUD, HEI, VAV = 10 + 5 + 6 = 21

IUD, HEI, VAV e HEI = 10+5 + 6 + 5 = 26
(Já vimos essas equivalências numéricas no capítulo anterior.)
O total é de 10+15+21+26 = 72.
Na Cabala prática, utilizam-se os 72 nomes dos Gênios que a Bíblia evoca, para quem a sabe ler, pelos seguintes processos: os nomes dos 72 Gênios são constituídos dos três versículos misteriosos do capítulo 14 do Êxodo, números 19, 20 e 21, versículos esses que, segundo o texto em hebraico, se compõem, cada um, de 72 letras. Vejamos como:
Escrevamos separadamente esses versículos, disponha-mo-los em três linhas, cada uma composta de setenta e duas letras. Tomemos a primeira letra do 19º e do 20.° versículos, partindo da esquerda[10]. Tomemos, a seguir, a primeira letra do 20.° versículo, que é o do meio, partindo sempre da direita. Essas três primeiras letras formam o gênio, mais exatamente seu nome. Seguindo a mesma ordem até o fim, temos os 72 atributos das virtudes divinas. Se, agora, *ajuntarmos a cada um desses nomes um dos dois grandes nomes divinos IAH ou EL, teremos os 72 nomes dos anjos compostos de três sílabas, cada um desses nomes contendo em si o nome de Deus*.
Esses procedimentos são complexos, citamo-los de memória. É mister, para compreendê-los e praticá-los bem, conhecer o hebraico.
Passemos, de qualquer maneira, à seqüência dos nomes divinos de que até aqui demos apenas os dois primeiros (ver capítulo anterior).

Os outros nomes divinos

O *4º nome*: EL
Significa graça, misericórdia, piedade. Influi na ordem das dominações e de Saturno. *Ele forma as efígies dos corpos* (sua marca secreta). Governa o anjo de Abraão.

O *5º nome*: ELOHIM
É a força, a gravidade, a pureza, o julgamento. É o tribunal de Deus, encontrando-se na cinta, no braço esquerdo e na espada de Deus. É também o temor, influi na ordem dos poderosos e na esfera de Marte. Manda a guerra ou as revoluções pelas quais os elementos trocam de lugar. Governa o anjo de Sansão que destruiu o templo dos filisteus e cuja força residia em seus cabelos, tendo sido vencido em definitivo pela doçura de Dalila.

O *6º nome*: ELOÁ
Significa a beleza, o prazer e a glória. Para os cristãos, é o madeiro de vida do qual foi feita a verdadeira cruz. Influi na ordem do sol, dá-lhe a claridade e a vida que cria os metais puros encontrados pelo alquimista de posse da pedra filosofal. Governa o anjo de Jacó, de Isaac e de Tobias.

O *7º nome*: ADONAI TSEVAOT
Significa a eternidade e a justiça. Influi na ordem dos principados e na esfera de Vênus. Produz os vegetais. Governa o anjo do rei Davi que triunfou de Golias e da força bruta.

O *8º nome*: ELOHIM TSEVAOT
É o deus dos exércitos, mas também o da piedade e da concórdia. Seu sentido é duplo e contraditório como o deus romano Jano que é um deus de duas faces. Significa louvor e confusão. Influi na ordem dos arcanjos e em Mercúrio. Produz os animais. Governa o anjo de Salomão, o sábio construtor do templo.

O *9º nome*: SHADAI (o Todo-Poderoso) ou ELHAI (o Deus vivo)

[10] Lembremos que o hebraico, assim como o árabe, outra língua semita, é escrito da direita para a esquerda.

Significa aliança, bom entendimento, repouso. Influi na ordem dos anjos (querubins) e na Lua que preside à vida terrestre de todas as coisas, tanto homens como animais. Governa o anjo de José que desceu no Egito para preparar a redenção.

O 10º nome: MELECH (o Senhor e o Rei)
Significa, ao mesmo tempo, templo e porta. (O templo é a porta do sagrado.) Influi na ordem das almas bem-aventuradas. Está na origem da profecia. Governa o anjo de Moisés, o pastor do povo de Israel.

Acabamos de dar rapidamente os dez nomes de Deus, do Arquiteto criador de todos os mundos, ou do Velho Sublime como dizem os cabalistas em sua linguagem um pouco pomposa (como, porém, não ser pomposo no umbral de tais mistérios?) Para prosseguir em sua abordagem à Cabala, bastará ao leitor conhecer tais nomes, ou mais exatamente saber o que acabamos de dizer. É a partir desses dez nomes que se desenvolve o pensamento cabalístico.

AS MARAVILHAS DA CABALA

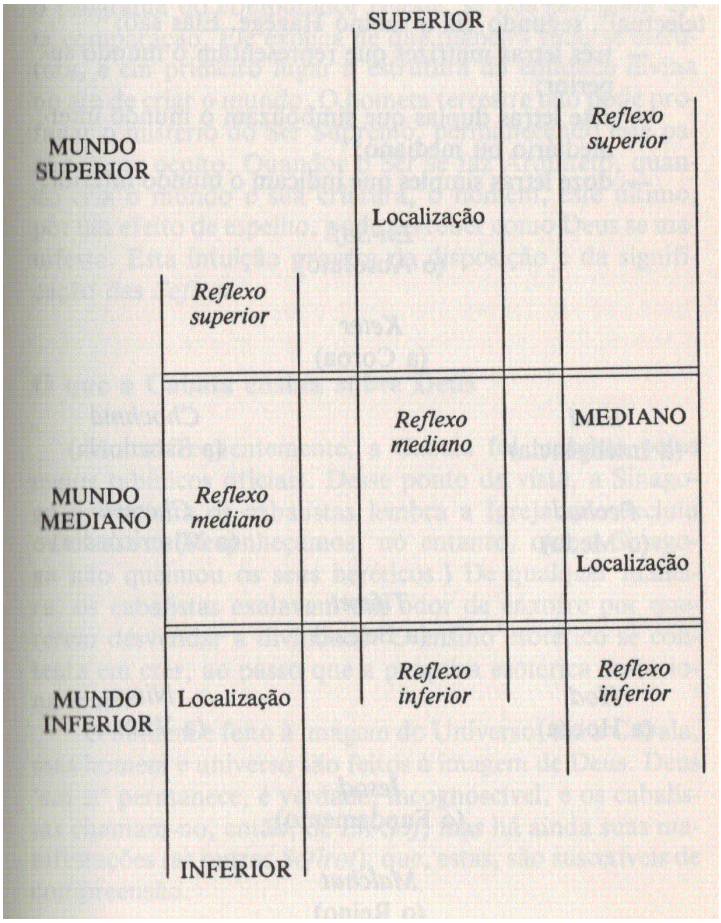
Os três mundos

Uma lei geral preside à Cabala; essa lei é a do triângulo primordial de que falou o rabino Simão bar lochai. Os cristãos traduzem-na por Santíssima Trindade, e os filósofos por tese, antítese e síntese, como já observamos. Esse aspecto ternário provém da unidade primordial, tal como vamos mostrar.
Cada um dos elementos que compõem a trindade, ou triângulo primordial, depende da unidade de que possui de fato o poder criador; mas cada um desses elementos depende igualmente de um caráter particular que está relacionado ao sexo ou ao plano de ação. Há três planos i ação que correspondem aos três sexos esotéricos: o masculino, o feminino e o andrógino. O andrógino refere-se a um mistério sexológico de que a ioga tântrica, ou ioga sexual, fornece a chave. Em todo caso, é nesses três planos que se pode simplesmente exercer qualquer atividade, seja ela qual for. A Cabala denomina esses três planos de "*os três mundos*".
Uma explicação pelo rabino Mordechai Hagège, um cabalista refugiado em Kairuan, na Tunísia, afirma que cada letra do alfabeto sagrado é uma "*criatura intelectual*". Essa criatura contém os três mundos, como o corpo do homem é uma criação física que contém os três mundos, simbolizados pela cabeça, o peito e o ventre. Os franco-maçons reencontraram essa tradição, posto que exigem do aprendiz que domine as forcas que atravessam seu ventre, do companheiro as do peito e do mestre as da cabeça. Os iniciados maçons possuem sinais bem definidos que simbolizam tudo isso.
Os três mundos dividem-se em mundo superior, mundo mediano (ou intermediário) e mundo inferior. No homem, como é evidente, o mundo superior corresponde ao Espírito imortal, aquele ao qual têm acesso os humanos que terminaram seu périplo após a morte; sua base é o sistema nervoso consciente ou simpático. O plano mediano corresponde à vida, ou ao que os antigos denominavam a alma, e utiliza o sistema nervoso parassimpático. O plano inferior corresponde ao corpo, mas nessa inferioridade não se deve ver nada de pejorativo. Trata-se apenas de uma função. Pode-se dizer que o operário executor seja moralmente inferior ao arquiteto que concebe?
Cada mundo, contudo, tem no outro mundo o superior em relação a si e o inferior em relação a si, uma representação de si mesmo. Se bem que dirigido pela cabeça (o cérebro), o sistema

nervoso central tem radiações tanto no peito quanto no ventre. Assim, os cabalistas e os esoteristas adotaram o esquema que vem a seguir.
Esse quadro tem dois pontos extremos: o Ser e o Nada (a luz e a obscuridade). E para o homem, ele é lido assim:

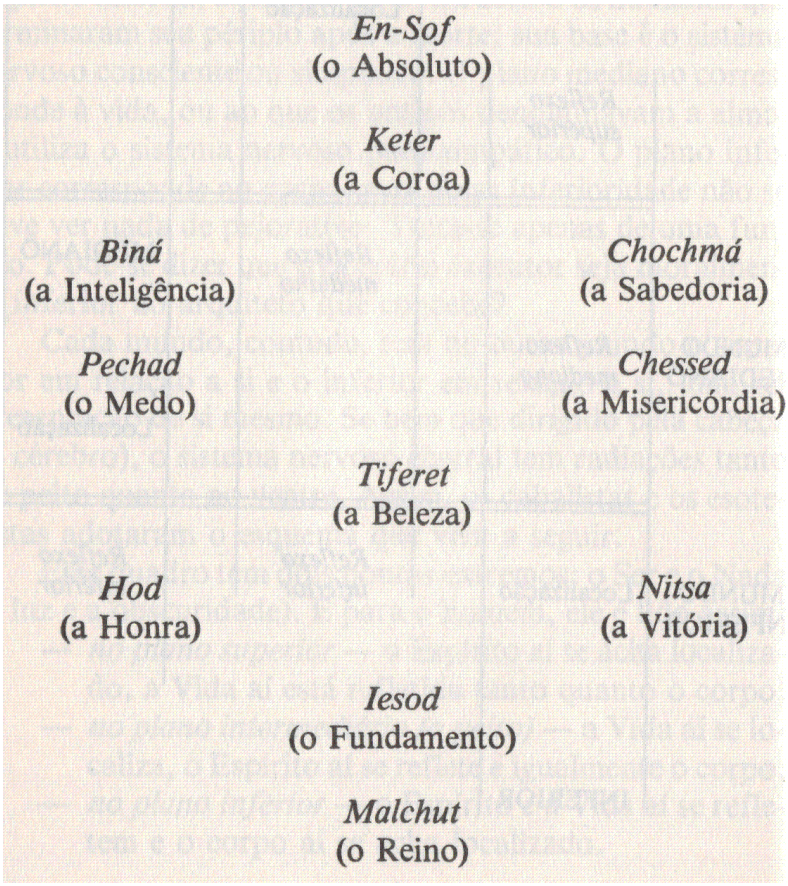
no plano superior — o Espírito aí se acha localizado, a Vida aí está refletida tanto quanto o corpo;
no plano intermediário (o peito) — a Vida aí se localiza, o Espírito aí se reflete e igualmente o corpo;
no plano inferior — o Espírito e a Vida aí se refletem e o corpo aí se acha localizado.

O Espírito representa o Princípio criador (Deus), o mediano (a Vida) simboliza o sentimento, e o corpo representa o instinto.



As dez Sefirot

O alfabeto hebraico compõe-se, repitamo-lo, de 22 letras (ou hieróglifos) cada uma das quais é uma “criatura intelectual”, segundo diz o rabino Hagège. Elas são:
três letras matrizes que representam o mundo superior;
sete letras duplas que simbolizam o mundo intermediário ou mediano;
doze letras simples que indicam o mundo inferior



Ao se combinar tudo isso, considerações extremamente complexas levam a esclarecer a teoria das *Sefirot* ou emanações divinas que representam o esquema de toda a criação. Mistério central da Cabala, as dez Sefirot são como o programa do computador celeste, se nos permitem esta comparação. Ele explica de que maneira tudo se estrutura, e em primeiro lugar a estrutura da entidade divina i* criar o mundo. O homem terrestre não pode profanar o mistério do Ser Supremo, permanecendo este para sempre oculto. Quando o Ser se faz Arquiteto, quando cria o mundo e sua criatura, o homem, este último, por um efeito de espelho, pode perceber como Deus se manifesta. Esta intuição provém da disposição e da significação das *Sefirot*.

O que a Cabala ensina sobre Deus

Muito freqüentemente, a Cabala foi malvista pelos meios rabínicos oficiais. Desse ponto de vista, a Sinagoga que rejeita os cabalistas lembra a Igreja que excluiu os cátaros. (Reconheçamos, no entanto, que a Sinagoga não queimou os seus heréticos.) De qualquer maneira, os cabalistas exalavam um odor de enxofre por quererem desvendar a divindade. O ensino esotérico se contenta em crer, ao passo que a pesquisa esotérica ambiciona mais.
O homem é feito à imagem do Universo, diz a Cabala, mas homem e universo são feitos à imagem de Deus. Deus "*em-si*" permanece, é verdade, incognoscível, e os cabalistas , então, de *En-Sof*, mas há ainda suas manifestações (as outras Sefirot), que, estas, são suscetíveis de compreensão.
Na verdade, a manifestação principal é o triângulo. Reencontra-se esta lei entre os grupos:
Sol, Lua, Terra,
Osíris, ísis, Hórus,
Brama, Vishnu, Shiva,
Pai, Filho, Espírito Santo...

Eles se concretizam sob a forma de três Sefirot (ver quadro): *Chochmá, Bina, Keter*. *Essas três primeiras Sefirot representam o Espírito de Deus* (Espírito incomensurável e por demais misterioso). *Quanto ao Corpo de Deus, é o Universo, diz a Cabala*. Concepção curiosa: Deus tem um corpo! Isso vai ao encontro do materialismo cósmico de um Giordano Bruno, filósofo italiano queimado no Renascimento. Daí, não ser a Cabala de todo judaica (o judaísmo não admite que Deus tenha um corpo) nem mesmo de todo cristã (para o cristianismo, Deus não se revestiu senão de um corpo humano, e não no universo). Não se encontra especulações assim a não ser nas heresias, como o catarismo.
Deus é, pois, incognoscível em sua essência, mas é cognoscível em suas manifestações. E esse ponto de vista coincide com a tradição primordial e as tradições particulares de numerosos povos. Ele adere, assim, às concepções hindus que, também elas, se fundam sobre uma base lembrando as *Sefirot*. O Dr. Malfati, um esoterista do século XIX que escreveu em plena revolução operária de 1848, observou que "*o primeiro ato em si de revelação de Brama foi o da Trimúrti*'. *Ora, a Trimúrti é o princípio ternário emanado do ato criador da divindade. Essa Trimúrti que representa a criação, a conservação e a destruição, sob os nomes de Brama, Vishnu e Shiva* ***equivale à evocação das três Sefirot: Chochmá, Bina, Keter***". Disse, ademais, o Dr. Malfati: "*Essa primeira Trimúrti passa então a uma revelação exterior à revelação das sete potências pré-criadoras, ou à revelação do desenvolvimento séptuplo personalizado por Maia, Oum, Haranguerbehah, Porsh, Parad Pradiapat, Prakrat, Pran*." Em suma, temos uma rigorosa equivalência entre as personificações do hinduísmo e as *Sefirot* da Cabala. Isso não nos espanta, já que estamos agora familiarizados com a noção de tradição primordial.

Ensinamento da Cabala acerca do homem

Como a alquimia e todas as disciplinas ocultas, mas com ciência assaz consumada, a Cabala diz que o homem contém em ponto pequeno todo o universo. Daí seu nome do “microcosmo”. Notemos, de passagem, que quando o esoterismo diz que o homem é como o universo, que o em cima é como o embaixo, não está aludindo a uma igualdade, mas a uma analogia. O homem e o mundo não são semelhantes e menos ainda iguais: são análogos. Segundo as ciências ocultas, os objetos que se conformam com a mesma lei no universo são análogos aos órgãos humanos. A natureza mostra seres de constituições variadas (minerais, vegetais etc.) que se grupam a fim de formar planetas, os quais se agrupam por sua vez para formar sistemas solares. *Os planetas e seus satélites dão origem à vida do universo como o funcionamento dos órgãos dá nascimento à vida humana*. Os órgãos e os planetas, pois, embora sejam grandezas incomparáveis, agem em função da mesma lei e são análogos...
De acordo com a Cabala, o homem primordial é composto de três elementos essenciais:

um elemento inferior, *Nefashot*;
um elemento superior, a centelha divina *Neshamá*;
um elemento mediano, *Ruach*.
O homem primordial não é ainda material no sentido que entendemos. Ele não adquirirá seu corpo de matéria grosseira senão após a queda.
O elemento superior desse homem primordial chama-se *Neshamá. Nefashot* e *Neshamá* são essências verdadeiramente diferentes, absolutamente opostas. É o *Ruach* que as põe em acordo, que lhes permite coexistir de forma pacífica.
No começo do mundo, o homem (o *Adão Kadmon*)[11] emana de Deus na condição de espírito puro. Ademais, constituído como Deus de *Chochmá* e *Biná*, é ao mesmo tempo macho e fêmea. Ele forma um único ser simbolizado pelo Andrógino. Adão e Eva não são ainda seres distintos. A biologia mostra que foi a diferenciação sexual que trouxe a morte. No começo, a

[11] É o misterioso Adão Kadmon. O Zohar denomina-o também Adão beloa, “Homem supremo".

vida era eterna[12], mas ela era incapaz de prazer e de reprodução. A Cabala leva em conta a sexualidade: o maior pecado para um homem, dizem os cabalistas, é permanecer sem mulher. A Cabala terá criado, como a ioga tântrica, técnicas eróticas de retenção do esperma e de transformação do instinto sexual em presença da luz? Os textos não são de todo explícitos a esse respeito. Mas haveria boas razões para apostar que a tradição cabalística não escapa à regra de levar em conta o fenômeno sexual.
Sob a influência da queda, o ser único, original, o Adão Kadmon, divide-se e materializa-se como homem e mulher (Adão e Eva). A psicologia moderna coincide aqui com a noção tradicional: o homem jamais é inteiramente homem, nem a mulher totalmente mulher. Cada um deles contém uma parte do sexo oposto: a sensibilidade (feminina) para o homem, a atividade (masculina) para a mulher. É a recusa da sensibilidade, o temor da homossexualidade, os preconceitos, a virilidade exacerbada, que são causa de numerosas doenças psíquicas, conforme mostram Sigmund Freud e a psicanálise...

Reencontrar a imortalidade perdida

Assim revestido de um corpo, de uma "*túnica de carne*" como dizem os cátaros, o homem fica submetido às paixões e deve — é esse mesmo o sentido de sua passagem pela terra — reencontrar seu estado primordial edênico. Ele deve recriar sua imortalidade perdida. É isso que explica o fato de ele reencarnar tantas vezes quanto for preciso. A Cabala ensina, de fato, a reencarnação. Existem, entretanto, diferenças entre a Cabala e o hinduísmo, e eis o que diz sobre o assunto um ocultista contemporâneo (F. C. Barlet): "*Direi que as doutrinas hindus me parecem mais verdadeiras do ponto de vista metafísico, abstrato; as doutrinas judaico-cristãs, do ponto de vista moral, sentimental, concreto: o cristianismo e a Cabala deixam mais incerteza (...) Uma fala à inteligência, a outra à alma. Não se pode, portanto, possuir a doutrina completa da Tradição senão interpretando o simbolismo de uma pela metafísica da segunda. Então, e somente então, os dois pólos assim animados um pelo outro fazem resplandecer, com os esplendores do mundo divino, a inacreditável riqueza da linguagem simbólica*." Cada povo, com efeito, não recolhe mais do que uma migalha, uma parcela, da tradição primordial. E é mister juntar tudo, "*juntar o que se acha esparso*", dizem os iniciados, para começar a compreender alguma coisa. O estudo da Cabala não anula o estudo das filosofias do Oriente. Pelo contrário! Se bem que oriundas de horizontes distintos, essas concepções se completam. Todo indivíduo que progredir na compreensão de uma tradição fará progressos em todas as demais.
O homem deve, por conseguinte, reconstituir antes de tudo sua androginia primitiva — como? a Cabala ensina isso — para reencontrar o estado anterior à divisão em Adão e Eva. A reconstituição dessa androginia conduz ao "*santo dos santos*", isto é, ao coração do mistério que a câmara mais remota do templo de Salomão simboliza na terra. Há sete tabernáculos, e no mais perfeito, que é o "*santo dos santos*", as almas vão se unir à alma suprema. Lá, tudo retorna à unidade e à perfeição. Tudo se confunde em um único pensamento que se estende como uma bênção por sobre o universo inteiro. No fundo desse pensamento oculta-se uma luz intensa que pessoa alguma pode apreender. Nesse estado, o indivíduo não se distingue mais de seu criador. O homem faz parte de Deus.

Ensinamento da Cabala sobre a natureza
(o universo reencarna-se)

[12] Uma ameba pode viver tempo extremamente longo.

Deus e o Homem — acabamos de ver rapidamente qual é o ensinamento da Cabala acerca desses dois assuntos. Resta-nos, para completar, compreender-lhe o ensinamento acerca do universo. Para a Cabala, como o sugerimos um pouco atrás neste mesmo capítulo, os planetas constituem os órgãos do universo; como o fígado, os pulmões, o coração etc. formam os órgãos do homem. No ser humano, a vida resulta da corrente sangüínea que banha todos os órgãos, elimina os resíduos, restaura o que disso carece. No universo, da mesma maneira, a vida resulta das ondas de luz que banham todos os planetas. Além disso, é a luz que expulsa os resíduos planetários: os buracos negros recentemente descobertos pelos astrônomos talvez sejam as latas de lixo do cosmo. Einstein mostrou que a matéria, as estrelas, o universo são compostos de luz e aderiu assim ao ensinamento mais constante da Cabala e da tradição.
No homem, cada glóbulo sangüíneo é um "*ser*" verdadeiro que é constituído à imagem do próprio homem. A biologia mostra que tudo está em tudo e impõe-se por si mesma a conclusão: o fluido vital contém uma infinidade de "*seres*". Ocorre assim com a luz, que contém uma infinidade de fótons que são "*grânulos*" de luz, como disse Einstein. São esses fótons que, amalgamados e postos ao abrigo de qualquer influência material, produzem os anjos. A Cabala prática estuda esses seres invisíveis, esses receptores-transmissores da luz contida no universo. Ela age sobre eles e conhece-lhes todos os poderes. Daí decorrem a astrologia, a demonologia e todas as outras técnicas da Cabala.
A força vital transmitida pelo sangue não é a única no homem. Acima dela, existe a força nervosa. O fluido nervoso domina os fenômenos vitais. Ele pode agir pela vontade, por meio do cérebro e dos nervos raquidianos, ou organicamente, por intermédio do grande simpático. Este último, o grande simpático, é o corpo astral dos ocultistas. Para os ocultistas, com efeito, o homem é tríplice: corpo de matéria (físico), corpo astral e corpo de luz. Na morte, o indivíduo despoja-se dos dois primeiros como se fossem invólucros grosseiros e sucessivos.
O fluido nervoso, em todo caso, não é conduzido como o é a vida, por "seres" (os glóbulos sangüíneos). Ele parte de algo que é a célula nervosa, que conhecemos bem há algumas dezenas de anos, e vai ter em um centro de recepção (um centro nervoso). A Cabala diz que com ele se dá o mesmo que no universo: dentro das correntes de luz, encontra-se *um fluido misterioso independente da natureza como a força nervosa é independente dos glóbulos sangüíneos. Diretamente emanado de Deus, esse fluido é o corpo de Deus*. E esse corpo de Deus é o espírito do universo.
O universo assemelha-se ainda sob outros aspectos ao homem: também é sujeito a uma evolução e uma involução periódicas e deve ser finalmente reintegrado à sua origem. Para falar de modo mais simples, porém mais estonteante: o *universo se reencarna*. A física nuclear e a astronomia revelam que o universo, se se contar em bilhões de anos, passa por evoluções comparáveis às da humanidade. O universo, com efeito, envelhece, morre e renasce. É o que se passará quando do esgotamento dos recursos do planeta, de que talvez estejamos a caminho segundo pensa a teoria ecológica. E, após o esgotamento dos recursos, é a explosão cósmica. Em todos esses ciclos, contudo, o universo, que passa por "*maus momentos*" (as crises), melhora.
O universo é, pois, movido por uma vontade dirigente que se transmite, pouco a pouco e a intervalos, por meio do magnetismo universal de que o próprio Einstein fala em sua teoria geral da relatividade.
Esse magnetismo é denominado:

aur pelos cabalistas;
or pelos alquimistas;
música das esferas por Pitágoras.

Entretanto, é mister reconhecer, a Cabala dá a descrição mais exata, mais coerente, mais bela possível de tal mecanismo.

A FILOSOFIA (MÍSTICA) DA CABALA

Os grandes filósofos conheciam a Alta Cabala

Comparou-se a Cabala a uma jóia ardendo em mil fogos e, de fato, a tradição cabalística contém maravilhas que acabamos de entrever e que coordenam todo um saber esparso em uma sabedoria coerente. O estudante da Cabala descobre verdades que, explicando diferentes enigmas do universo, do homem, do próprio Deus, tranqüilizam sua angústia legítima acerca do destino do universo, proporcionando-lhe paz interior. E ele carece de uma paz assim para prosseguir em sua busca, pois sua rota é a da iniciação, isto é, a rota onde se adquirem poderes ocultos suscetíveis de modificar o curso das coisas, de agir sobre a própria pessoa, sobre os que lhe são chegados e sobre o mundo que lhe é próximo.
É evidente, depois do que vimos de dizer, que a Cabala influenciou a filosofia. *A tradição possui meios de ação que permanecem secretos* e o que tomamos às vezes (amiúde mesmo) por invenção, uma criação profana, nada mais é do que uma intervenção iniciática disfarçada. A história da filosofia está repleta dessas intervenções.
Platão, é incontestável, conheceu a Cabala; encontra-se em seu pensamento especulações místicas, e sobretudo numerológicas, acerca da criação do mundo e do Arquiteto de todos os mundos. Alguns membros da universidade se perguntaram como Platão teria podido manter contatos com a filosofia oculta do hebraísmo, mas a objeção cai por terra desde que se admita o que o próprio Platão falou: que ele conhecera certos ensinamentos dos templos do alto Egito. Ora, esses templos conservavam, também eles, a tradição primordial. Ademais, segundo uma certa tradição, Moisés foi um iniciado egípcio que conhecia todos os mistérios dos santuários de seu país. Por outro lado, todos os grandes filósofos gregos, e, por conseguinte Platão, haviam sido iniciados, no Egito, nos "*mistérios de Ísis*", considerados como os livros de iniciação mais completos e mais terríveis.
Pode-se, sem forçar a mão, exaltar a influência da Cabala em Pitágoras, o inventor do "*número de Ouro*" com o qual foram harmoniosamente construídos templos e catedrais da antigüidade e da Idade Média, e cujo modelo místico permanece sendo, evidentemente, o templo de Salomão. Pode-se ainda sublinhar essa influência em Orfeu, o maior iniciado da Grécia antiga. Pode-se notar a permanência da tradição cabalística em Moisés, em Ezequiel, nos profetas e até mesmo em São João, cujo Evangelho continua a ser o livro ultra-secreto venerado pelos iniciados de todas as sociedades secretas da Europa e cujo Apocalipse está recheado de alusões cabalísticas.
É bem possível, e mesmo certo, que a Cabala haja influenciado os alquimistas, os rosa-cruzes (os mais misteriosos iniciados do Ocidente), os Templários (aqueles monges guerreiros queimados pelo rei de França que temia seu poder). Assinalemos, enfim, que a franco-maçonaria conhece e utiliza os símbolos da Cabala em alguns de seus graus mais elevados, como o 14º que é conferido muito parcimoniosamente. Vejamos, porém, mais de perto, os problemas de filosofia.

O exílio da alma segundo o rabino Hagège

Não é inútil recordar que, dentre todas as indagações que se propõe o pensamento humano, a de nossa própria essência, da imortalidade e da espiritualidade de nosso Eu, não deixou de preocupar a humanidade, chegando às vezes a fazê-lo até a angústia. Por toda parte sucederam-se doutrinas a esse respeito; a mais antiga, porém, é incontestavelmente a Cabala. E sobre essas questões que todos compreendem — bem raros são os que podem solucioná-las —, aparece nitidamente que a Cabala é um dos ramos desse espírito penetrante que o homem possuía em seu estado original. Conforme vimos, a Cabala considera o homem como um todo complexo, diferenciado em três partes: o corpo, a alma e o espírito.

O corpo, sede do princípio vital, leva o nome de *Nefashot*; a alma, sede da vontade, chama-se *Ruach* e o espírito *Neshatmá*. Estas três partes não são completamente separadas; é preciso representá-las como as cores do espectro que, embora diferenciadas umas das outras, se fundem uma na outra. O corpo é sensível às influências exteriores, as do mundo, e na alma a passividade e a atividade existem em proporções iguais. A alma é o liame entre o espiritual e o material; é, ao mesmo tempo, o esteio e a sede da personalidade humana. A alma se encontra em duplo relacionamento com o que está cima dela (o espírito) e com o que está abaixo (o corpo). No espírito, não se encontra, em compensação, um grama de passividade; é a atividade que domina. O elemento mais elevado no ser humano, a *lechidad*, a unidade em si mesma, é encontrada no espírito em seu recanto mais rico. É o espírito que está em relação com a divindade, e é dele que o ser humano vai poder extrair seu poderio espiritual.
Um indivíduo que fizesse apenas o mal, diz a Cabala, um indivíduo que fosse capaz de recusar as influências espirituais e que acreditasse, assim, viver por suas próprias forças, esse indivíduo seria simplesmente um Demônio, o que os cristãos denominam o Anti-Cristo. É impossível para um homem chegar a esse ponto, por pior que seja...
Seja como for, e isso diz respeito à maioria dos humanos, à imensa maioria, o homem, diz a Cabala, em lugar de viver na divindade como ocorreu no Paraíso, afundou cada vez mais no amor a si mesmo. Ele mergulhou no pecado; abandonou seu centro espiritual, desviando-se dele. O rabino Hagège diz que a alma se exilou como o povo judeu no Egito e que ela espera por seu Moisés. Diz igualmente que o estudo da Cabala pode apressar a vinda desse novo Moisés. A queda e o afastamento cada vez maior da divindade que dela resultou tiveram como conseqüência imediata uma decadência dos poderes místicos e mágicos da natureza humana. A centelha divina distanciou-se mais e mais da criatura que perdeu a união íntima com seu criador.
E por isso a parte inferior, sua franja mais baixa, que era originalmente um corpo de luz, ou *corpo etérico* segundo dizem os ocultistas, tornou-se nosso corpo material. Por isso, o homem ficou sujeito à dissolução após a morte.

A morte por cima e por baixo

Sempre de acordo com a Cabala, cujo sistema filosófico estamos expondo, a morte do homem é apenas sua passagem para uma nova forma de experiência. No final, o homem é chamado a regressar para perto de Deus (o nirvana dos hindus), mas essa reunião não lhe é possível no estado atual das coisas, em vista da grosseira materialidade de seu corpo. Esse estado, portanto, deve sofrer uma purificação. A Cabala, isto é apaixonante, distingue duas causas que podem levar à morte:

a primeira consiste em a divindade diminuir progressiva ou brutalmente sua influência sobre *Neshamá* (o espírito) e *Ruach* (a alma), de tal forma que *Nefashot* perca a força que anima o corpo material e este morra. O *Zohar* chama esse tipo de morte "*a morte por cima*", nome que é bastante claro;
a segunda se chama "*a morte por baixo*". Consiste no fato de o corpo, desorganizando-se sob a influência de qualquer transtorno ou de uma lesão, perder suas propriedades, sua vitalidade, seu funcionamento.

Cada um dos três degraus da existência do homem tem, no corpo humano, sua sede particular (já vimos isto) e também sua esfera de atividade correspondente a um grau exato de espiritualidade. Como todos os três degraus estão vinculados a esse corpo, é em *ordem inversa que abandonam o cadáver*.
Neshamá tem sua sede no cérebro e, princípio superior, é o último a unir-se ao corpo material. Essa união inicia-se *exatamente na época da puberdade*. Quando da morte, *Neshamá* abandona o corpo em primeiro lugar. Antes da morte, ou mais precisamente antes do momento que denominamos morte física e que corresponde irremediavelmente à parada do

cérebro, o homem é dotado de um *Ruach* mais elevado e percebe o que lhe esteve escondido durante a vida. Sua visão penetra no espaço e no tempo, e ele pode até distinguir parentes e amigos defuntos que habitam o Além.
Esta afirmativa, na verdade, coincide com a tradição tibetana, recolhida no Bardo to-thol (Livro dos Mortos tibetano) e é corroborada pelas constatações recentes o mais científicas possível (ver, a propósito, a obra de Pierre Vigne Oui, Ia vie existe après Ia mort... que foi publicada por edições De Vecchi).

O que é "*o espírito da ossada*"?

Logo que chega o instante crítico, *Ruach* espalha-se por todos os membros do corpo; depois, por assim dizer, despede-se deles. Esse processo é constatado também medicamente: mais de um doente sentiu uma melhora passageira antes do instante final. Ocorre um abalo: é o que habitualmente se chama a agonia e ela pode ser bastante penosa. A seguir, a essência espiritual do homem retira-se em seu coração e abriga-se dos maus espíritos que se precipitam sobre o cadáver "*como uma pomba perseguida se refugia no ninho*" (o cadáver é o ninho dos maus espíritos, como o prova seu fedor).
A separação de *Ruach* do corpo é difícil. *Ruach* (a alma vivente) flutua entre as regiões infinitas da luz e as do corpo. Ela hesita, atraída alternadamente por cada um desses espaços. Sua sede é, contudo, no coração, que é a raiz de toda vida. Essa sede é o traço de união entre o cérebro e o fígado na medicina mística da Cabala (todas as medicinas tradicionais, que a ciência de nossos dias está redescobrindo, aceitam esse esquema). No momento da morte final, o coração sai pela boca num último suspiro. (Trata-se, uma vez mais, de um coração espiritual e não físico. O coração físico não passa de um símbolo do corpo espiritual.) Além da morte por cima e da morte por baixo, que são os dois grandes tipos de morte, a Cabala distingue novecentas espécies diferentes de morte que entram em uma ou outra dessas duas grandes categorias. A mais doce de todas as mortes chama-se "*o beijo*", a mais penosa é aquela na qual o moribundo tem a sensação de que uma grossa corda de cabelos lhe é arrancada da goela... Uma vez separado de *Ruach*, o indivíduo parece morto; todavia, *Nefashot* ainda habita nele. Imediatamente após a partida de *Ruach*, os *Mazikim* (maus espíritos) apoderam-se do cadáver, como já dissemos. Eles se amontoam mesmo em cima dele. Essa decomposição do corpo obriga *Nefashot* a abandoná-lo. A fedentina é insuportável, mas o espírito permanece ainda muito tempo perto dos despojes para chorar por eles. Sente dificuldade para separar-se do velho companheiro.
Tal desintegração do homem em sua morte não é, contudo, completa. Uma ligação sutil perdura entre *Nefashot* e o corpo putrefato. Algo do princípio espiritual desce ao túmulo. É o que o *Zohar* denomina o "*suspiro da ossada*" ou "*o espírito da ossada*". Isso constitui a base do corpo de luz, o que os cristãos denominam "*o corpo glorioso da ressurreição*". Jesus, iniciado essênio de uma seita esotérica judaica, teria então, bem o parece, divulgado os ensinamentos da Cabala.

Após a morte

Isso, porém, não é tudo. A Cabala não deixa ponto algum na sombra. Quando as diversas partes do indivíduo se acham separadas após a morte, cada uma retorna à sua esfera natural, acompanhada dos seres, das entidades, que a ela se assemelham e que já rodeavam o leito de morte. Certos iniciados são especialmente treinados para vê-las, reconhecê-las e insuflar-lhes o alimento espiritual que exigem. Por outro lado, em função da lei das correspondências:

tudo está em tudo,
o menor elemento reproduz o maior,

o universo que a Cabala denomina *Atsilut* divide-se em três mundos: *Assiá, lezibá e Briá*, que são paralelos às três divisões do homem: *Nefashot, Ruach, Neshamá*.
Assiá é o mundo no qual evoluímos. O que percebemos através de nossos olhos corporais é apenas a esfera mais material, a mais inferior. O corpo pertence evidentemente a *Assiá*. Na tumba, o espírito encontra-se em um estado de letargia obscura que, para o Justo, é puro sono. É por isso que a Cabala proíbe invocar os mortos: isso perturbará seu sono e a evolução que estão experimentando. As tradições judaica e cristã reconhecem a realidade do espiritismo[13], mas qualificam seus efeitos como nefastos.
Como, por outro lado, os sentidos materiais não são capazes de perceber senão o círculo mais inferior de *Assiá*, nossos olhos materiais nada vêm a não ser nosso corpo material. O resto escapa-nos. O *Zohar* diz: "*Se tal fosse permitido a nossos olhos, poderíamos ver à noite, ou na lua nova, ou nos dias de festa, os espectros (**Diuknim**) se erguerem nos túmulos para louvar e glorificar o Senhor*." É inútil esclarecer, pensamos, que os iniciados cabalistas dispõem de tal capacidade de visão.
Última informação sobre o assunto e que tem sua importância: sob o nome de Zelem, a Cabala definiu a figura pela qual atuam os diferentes princípios do homem. Com efeito, *Nefashot, Ruach* e *Neshamá*, mesmo depois da destruição de seu invólucro material devida à morte, ainda conservam uma certa forma parecida com a aparência corporal. O *Zelem* também reproduz a divisão tríplice que se encontra em tudo: uma luz interior muito intensa envolvida por duas luzes exteriores.
O processo da morte produz-se verdadeiramente nos diferentes *Zelem*; *Nefashot, Ruach* e *Neshamá* não são de forma alguma modificados por ele. Trinta dias antes da morte de um indivíduo, as luzes envolventes de *Zelem* retiram-se para Neshamá. Depois, quando *Ruach* parte elas se agarram a ele, ligam-se mesmo, para "*provar o gosto da morte*", diz a Cabala. E o que se nos apresenta na aparição de defuntos é a sutil matéria aérea ou etérea. Isso se aplica a toda forma de aparição, anjo, humano ou demônio.
Estudos recentes e experiências levadas a cabo em universidades americanas, todos baseados no princípio de Kirlian, um soviético que conseguiu pela primeira vez fotografar fenômenos paranormais e outros fenômenos psíquicos, mostraram que *Zelem* possui realidade efetiva, mesmo que tal realidade escape a nossa visão comum. Os ocultistas denominam-na aura. E essa aura varia em função da saúde ou do estado moral da pessoa. Esses trabalhos vão ao encontro de uma tradição milenar expressa pelo *Zohar*. "*A beleza do Zelem do homem piedoso provém das boas obras que realizou aqui embaixo, ao passo que o pecado a macula*[14]."
Para a Cabala, como para todas as grandes espiritualidades, é cá embaixo que o homem prepara sua salvação. Ou, mais precisamente, sua volta à terra sob uma forma superior ou inferior, pois recordemos que a Cabala, como todas as tradições, crê na reencarnação e no carma, isto é, no destino cósmico do indivíduo. Segundo seu grau de adiantamento, quer dizer, segundo o estado de seu carma, que depende da qualidade das obras realizadas em suas vidas anteriores, o indivíduo assume tal ou tal forma de encarnação: homem bom, homem malvado, homem destinado a sofrer ou a realizar grandes obras, ou ainda animal doméstico, animal inferior, animal bárbaro etc. O indivíduo tem de reviver em suas reencarnações sucessivas o ciclo completo da natureza. E isso se entende: a natureza, o mundo, não são eles, como diz a Cabala, o corpo de Deus? E o ser humano não deve no fim reintegrar-se à divindade?

[13] A evocação dos mortos com a ajuda de um médium apoiado por grupo de participantes, na penumbra e tocando-se os dedos uns dos outros.
[14] A aura, fotografada graças ao processo Kirlian, revela-se muito pura e clara nas pessoas de grande espiritualidade ou moralidade.

TERCEIRA PARTE

A MAGIA CABALÍSTICA

AS TRÊS PRIMEIRAS LETRAS MISTERIOSAS

Deus, afirma a Cabala, criou o mundo com as letras do alfabeto hebraico que, mais do que meros sinais convencionais, são realmente poderes, como o eram os hieróglifos de que os sacerdotes egípcios sabiam extrair a essência mágica. O princípio da Cabala, tanto filosófico quanto mágico, é portanto muito simples: "*a lei que presidiu à criação da língua dos hebreus é a mesma que presidiu à criação do universo. Conhecer uma é implicitamente conhecer a outra*", escreveu Papus.
A língua sagrada, a que os iniciados passam de uma geração para outra, tem um segredo. De uma forma muito concreta, conhecer o segredo da língua hebraica é conhecer o segredo do universo. Cada letra é uma mensagem divina, uma informação mística, uma condensação de energia, um fragmento do cosmo. Sua contemplação, a meditação a respeito delas, suas diferentes combinações, permitem alcançar o êxtase. No decorrer desse êxtase, o cabalista encontra o anjo *Metatron* que, então, lhe revela aquilo atrás do que ele corre. Não se trata apenas de uma realidade simbólica, mas de uma realidade bastante concreta. Os iniciados são muito afirmativos a este respeito. E toda sociedade iniciática, toda ordem digna de tal nome, adere ao ponto de vista desses iniciados, já que a iniciação tem por fim fazer reencontrar poderes perdidos. Poderes que a humanidade possuía antes da queda...
Vejamos, um pouco mais de perto, o que são as letras do alfabeto hebraico. Não podemos evidentemente expor toda a sua riqueza no curto espaço do presente trabalho, mas podemos resumir o essencial daquilo que é mister saber para começar a praticar por si mesmo a Cabala. Um manuscrito do século XVI, descoberto pelo mago Eliphas Levi, que marcou o mundo do esoterismo do século XIX com sua personalidade e suas obras, contém o seguinte: "*Eis quais são os privilégios e os poderes daquele que tem na mão direita as clavículas de Salomão e na esquerda o* '***o ramo da amendoeira florida***'." A mensagem é clara: o iniciado na Cabala tem privilégios e poderes (veremos quais). Ele deve conhecer as fórmulas mágicas, as práticas secretas, os rituais e ter o "*ramo da amendoeira florida*"; quer dizer, progredir no caminho do bem.
Resta-nos passar as próprias letras em revista. Seguiremos o alfabeto na sua ordem.

1. O Alef, o En-Sof[15]

[15] O 'Sem-Fim'. (N. do T.)

É a letra do começo, a da luz intelectual. E. Levi diz a propósito do assunto: "*O que vem a ser a luz intelectual? É a palavra*." Diremos, no que nos toca, parecer-nos mais exato que a luz intelectual seja o Verbo criador. E acrescentaremos que na obra da criação (divina ou humana) o ser é o princípio, o Verbo é o meio, e a plenitude é o fim. Isso quer dizer que toda criação tem por finalidade tomar um ser (princípio) e aperfeiçoá-lo (fim). O escultor pega uma pedra informe (ser princípio), trabalha-a, faz dela uma obra de arte (o fim). Esse trabalho é a intrusão do Verbo na matéria. É dessa maneira no que concerne ao nosso escultor, foi do mesmo modo com relação à criação do mundo, é assim para tudo que existe na terra. Para evoluir, para conseguir algo na vida, para se aperfeiçoar moralmente etc. O primeiro trabalho dos iniciados é compreender esta lei. Impregnar-se interiormente com ela.
O mago é o que os cabalistas denominam o "*microproscópio*", ou seja, o criador do pequeno mundo. O homem só se torna rei dos animais domando-os e domesticando-os; do contrário, ele próprio seria o escravo. Os animais representam nossas paixões. São as forças instintivas do corpo, as forças que tecem os 'andrajos de carne', como diziam os cátaros, as que aprisionam a luz pura que buscamos. Para começar a tornar-se magicamente eficaz, será preciso desembaraçar-se de tudo o que nos mantém em letargia. E para fazer isso será preciso vencer e acorrentar nossas paixões. Como consegui-lo? Sabendo pelo menos duas coisas.

Existe uma ciência verdadeira e uma falsa, uma magia divina e outra verdadeiramente infernal. Elas se reconhecem pelo cheiro, por pouco que se esteja habituado a fazê-lo. "*O mago*", como escreveu E. Levi, "*é o soberano pontífice da natureza; o feiticeiro não passa de seu profanador*." E para alcançar o poder, quatro imperativos devem ser seguidos absolutamente: uma inteligência que nada detenha (o cabalista não é um antiintelectual; pelo contrário, é um intelectual criativo e orgulhoso de sê-lo), uma grande audácia (a coragem, nem é preciso explicar, é indispensável), uma vontade que nada quebre (é necessário tomar cuidado para jamais ceder ao desencorajamento) e uma discrição a toda prova (é mister esconder os segredos que se haja descoberto). Saber, ousar, querer, calar-se — tais são os quatro verbos simbólicos do mago.
Mediante a ciência verdadeira, o adepto possui uma onipotência que lhe permite agir de maneira sobre-humana, maneira que ultrapassa o alcance comum dos homens. Poder-se-ia citar, nessa ocasião: Hermes Trismegisto do Egito, Moisés, o Cristo, o encantador Merlin entre os gauleses e muitos outros bastante menos célebres, mas cuja atuação foi real. Poder-se-ia, ainda, citar uma infinidade de pessoas obscuras, pois, por mais secreta que a Cabala seja, ela se abre para quem ela queira. Não se diz do espírito que ele se manifesta onde quer? Cada um, por pouco que o deseje, pode forçar as portas do mistério.
No caminho do estudo iniciático e da Cabala, no qual nosso leitor está penetrando lenta e progressivamente, não convém engajar-se e temerariamente; uma vez em marcha, porém, é preciso chegar ao alvo, ou perecer. Duvidar equivale a afundar na loucura. Parar é cair num sorvedouro. É começar a errar nas trevas. Aqueles de nossos leitores que não se sintam com a força fariam bem em não prosseguirem;, quanto aos outros, aconselhamos reler diversas vezes estas páginas, deixarem decantar o que ainda não compreendam. Tudo acabará por se esclarecer para quem saiba esperar.
Já que *Alef* é o princípio, ele alude ao primeiro princípio do esoterismo que evocamos: "*Tudo que está em cima é como o que está embaixo*." Isto merece ser desenvolvido agora e significa que a *forma é proporcional à idéia, ou que a sombra é a medida do corpo calculada em sua relação* com o raio luminoso. A imaginação de uma entidade com a qual seja possível entrar em contato determina a forma da criança no seio da mãe e fixa o destino dos homens. Você se encontra em perigo?
Acredite ser invulnerável, diz Paracelso, e, assim, certamente o será. O medo atrai os golpes e mesmo as balas, e a coragem dá uma força totalmente misteriosa.
E já que *Alef* simboliza a unidade, simboliza também o movimento que faz com que os números se sucedam. Ele simboliza da mesma forma o princípio essencial da magia que aqui

está em poucas palavras: o verbo se encontra numa proporção exata com as coisas que nossos olhos físicos não conseguem ver. Pode-se dizer mais simplesmente: *o visível é a manifestação do invisível*. Nosso corpo é a manifestação de nossa alma e isso origina a ciência fisiognômica que permite ler num rosto o caráter, o destino, e até o carma dum indivíduo. Uma flor é a manifestação de um perfume. Um animal, a manifestação de uma força etc.
O *Alef*, por outro lado, representa esquematicamente um homem que ergue uma das mãos para o céu e abaixa a outra para a terra. É a imagem do mago que age aqui embaixo com os poderes lá do alto. Esta letra constitui por si só um pentáculo. Costurada no avesso do paletó, ela é um amuleto. Coloca o indivíduo no centro de correntes cósmicas benéficas. É um sinal, um hieróglifo, expressando, condensando, a ciência sagrada universal.

2. O Beit, as colunas do templo

A ciência é o domínio completo da verdade. O conhecimento pressupõe a existência do binário e é preciso:

o ser que quer conhecer (um sábio, por exemplo);
um objeto a conhecer (o sol, por exemplo, ou o sistema nervoso, ou qualquer outra coisa bem definida).

O binário é, pois, a unidade que se multiplica para conhecer: é por isso que, na Bíblia, Eva sai da costela de Adão. A criação de Eva não significa outra coisa senão a divisão do Adão Kadmon (o homem primordial) querendo conhecer-se a si mesmo.
Adão é simbolizado na Cabala pela letra l*ud* que, lembrando um apóstrofo, significa de fato o falo sagrado que é reencontrado na tradição erótica da índia. É também, de certa forma, a Vara de Moisés, com a qual ele realizou milagres diante dos egípcios estupefatos. Se se acrescenta o nome ternário de Eva a esse *lud*, obtém-se o nome muito sagrado *levé*. Isso significa que Adão dormindo com Eva, ou Adão reencontrando Eva, produziu o nome oculto de Deus, aquele mesmo que só o sumo sacerdote de Israel tinha o direito de pronunciar no Santo dos Santos do templo de Salomão, uma vez por ano. Há nisso um mistério sobre o qual meditar, que abre perspectivas a respeito do amor e até do erotismo sagrado. Uma tradição judaica diz, com efeito, que quando um homem e uma mulher se amam, os anjos se rejubilam. Diz mesmo que o canto dos anjos se alimenta do amor terrestre que une os amantes. Daí também surgiu uma astrologia erótica que os antigos conheciam, mas cujo segredo perdemos.

Alef é o homem; *Beit* é a mulher.
1=o princípio, 2 = o Verbo manifestado.
Alef = A; *Beit* = B; A é o ativo; B é o passivo.

Reencontramos igualmente o princípio chinês do *Yin* e do *Yang*.
Da mesma forma, Alef e Beit simbolizam as duas colunas que se erguiam diante da porta principal do templo de Salomão. Os franco-maçons e outros iniciados retomaram esse símbolo e chamam essas colunas de “*Bohas*” e “Iakim”, palavras que não estamos autorizados a revelar e de que, portanto, guardaremos o sentido secreto. Todas as interpretações dadas nos livros foram feitas, segundo fontes bem informadas, por semi-iniciados e por isso são suspeitas. De qualquer maneira, impõe-se manter em mente que as duas colunas do templo maçônico provêm da Cabala e explicam todos os problemas do antagonismo natural, político ou religioso: dia e noite, frio e quente, luta de classes, bem e mal etc. Explicam igualmente a luta geradora do homem e da mulher. O princípio ativo busca o princípio passivo. O cheio ama o vazio e o atrai. Qual é a natureza do princípio ativo? É propagar. Qual a do princípio passivo? Reunir e fecundar. A unidade não pode manifestar-se senão pelo binário: a unidade do macrocosmo exprime-se pelos dois pontos opostos dos dois triângulos entrecruzados que

formam o signo-de-salomão, que já lembramos e cujo poder mágico é terrível. O homem primordial, o Adão Kadmon, era andrógino, e todos os órgãos do corpo andam aos pares, salvo o nariz, a língua e o sexo que é um símbolo do *lud*...
Para tornar a luz visível, Deus inventou a sombra, pois esta é o contraste daquela. Do mesmo modo, Satã é necessário à criação, pois o universo é mantido em equilíbrio por duas forças contraditórias: a força que atrai e a que repele. É o que a Bíblia expressa no combate de Jacó com o anjo, ou pelos dois querubins que enquadravam a Arca da Aliança que o povo judeu transportava em suas peregrinações pelo deserto depois de haver recebido a lei divina.
No domínio moral, existem igualmente duas forças, uma que ataca e outra que expia. São Caim e Abel, os dois irmãos da Bíblia, o segundo dos quais foi assassinado pelo primeiro. "*Caim*", escreveu E. Levi, "*não pôde deixar Abel viver, e o sangue de Abel não deixou mais Caim dormir*." ("*O olho estava no túmulo e fitava Caim*", escreveu Victor Hugo.)
Na alma do mundo, que é o "*agente universal*" dos alquimistas e dos magos, há uma corrente de amor e uma corrente de cólera. Esse fluido ambiente, imperceptível a nossos sentidos se não estão despertos, penetra em todas as coisas. É uma espécie de éter. E a física moderna não está longe de aproximar-se dela quando fala da gravitação eletromagnética que impregna todo fenômeno: as estrelas, a terra, tudo.
A árvore da sabedoria, do Bem e do Mal, que estava plantada no Paraíso e cujos frutos davam a morte aos não iniciados, é a imagem do Segredo do binário.
Adão e Eva cometeram o pecado original porque provaram daquele fruto quando ainda não haviam sido iniciados. Os cátaros diziam que o mal é contrário ao espírito de Deus, mas que este aceita que ele exista e que esse é um mistério enorme. A Cabala é da mesma opinião. *De fato, o Arquiteto quer iniciar o homem e a mulher, e deixa a serpente induzi-los a erro para que passem por provas expiatórias*, como se faz hoje em dia ainda em todas as cerimônias, todos os processos de iniciação... No Apocalipse, cujo autor, lembremos, não é outro senão São João, trata-se de duas testemunhas ou mártires: Elias, o homem da fé e do milagre, e Enoque. Ora, Enoque é o mesmo a quem os egípcios chamavam Hermes (o grande Hermes Trismegisto do qual procede o termo hermetismo, sinônimo de esoterismo) e que os fenícios[16] denominavam Cadmo. Uma observação a propósito do nome do homem primordial da Cabala: Adão Kadmon não está por certo longe foneticamente de Cadmo. Este foi o autor do alfabeto sagrado que, segundo a tradição, tinha sido arrebatado ao céu e voltará no final dos tempos. Diz-se mais ou menos a mesma coisa acerca de São João que, em seu Apocalipse, reencontrou e explicou os mistérios de Enoque. A tradição diz ainda que a ressurreição de *São João que parece ser uma reencarnação de Enoque* ocorrerá no final do atual ciclo astrológico, que atravessaremos ainda por alguns séculos. Ela se traduzirá pela renovação da doutrina esotérica e a revelação das chaves da Cabala. Toda a missão atual dos iniciados é, portanto, divulgar ao público as idéias cabalísticas que ele possa suportar sem danos. Certos segredos podem ser revelados, mas não todos.

3. O Guimel, o triângulo de Salomão

A tradição esotérica, e a Cabala em particular — pois ela, sobretudo, se dedicou a especulações matemáticas vertiginosas — insistiram na importância do binário, mas não o divinizaram. Elas não separaram uma da outra, por assim dizer, as colunas do templo que não fazem sentido a não ser unidas. O binário é um avatar, uma manifestação da unidade. Mais ainda: *o binário em Deus não existe senão pelo ternário*. O binário é da ordem do relativo e, se concebermos o absoluto como 2, é preciso imediatamente concebê-lo como 3 para reencontrar o princípio unitário. Eis aí o segredo dos franco-maçons que assinam o nome acrescentando três pontos a ele, mas isso exige evidentemente que nos detenhamos um pouco nesse tema e aprendamos a meditar sobre ele.
O Verbo em todo o seu esplendor, tal como o contemplaram os cabalistas, é o ternário, porque supõe um princípio inteligente, um princípio falante e um princípio falado. Três coisas, por

[16] Observemos que o construtor do templo de Salomão, mestre Hirã, vinha da Fenícia...

conseguinte. Quando Deus criou o universo, tinha um plano, uma palavra ("*Deus disse: Faça-se a luz. E a luz foi feita*.") e criou um princípio falado (a luz, por exemplo, que resultou de seu apelo para existir). Esses três princípios se encontram na base do triângulo primordial que é encontrado em tudo, que é o arquétipo por excelência:

na magia: o princípio, a realização e a adaptação;
em alquimia: o "*azote*" (o agente muito misterioso), a incorporação, e a transmutação que transforma o chumbo em ouro;
na alma humana: o pensamento, o amor e a ação. O ternário é a finalidade e a expressão do amor: não se procura a dois senão para se tornar três.

Os primeiros sábios que começaram a compreender o mundo viram que o Bem e o Mal coexistiam; observaram igualmente a sombra e a luz. Compararam o inverno com a primavera, a mocidade com a velhice, a vida com a morte e compreenderam que os *dois princípios do equilíbrio universal não são opostos, embora sejam contrários na aparência*. O Bem acha-se à direita, o Mal à esquerda, mas a bondade (ou a sabedoria) está acima deles: ela faz o Mal servir ao triunfo do Bem e o Bem à reparação do Mal, como acreditavam os cátaros. Os cabalistas comparam o espírito a uma substância que permanece fluida no meio divino sob a influência da luz suprema, mas cujo exterior se endurece como cera exposta ao ar nas regiões mais frias do raciocínio. Essas "*cascas*", esses invólucros petrificados, são a causa dos erros ou do mal. O *Zohar* chama os demônios de cascas.
Vale a pena citar aqui Eliphas Levi que, no tocante ao assunto, segundo nos convenceram, nossas próprias pesquisas se refere a um texto antigo do qual parece ter tido conhecimento por algum meio oculto. "*As cascas do mundo dos espíritos*", escreveu E. Levi, "*são transparentes, as do mundo material são opacas; os corpos não são mais do que cascas temporárias cujas almas devem ser liberadas; mas os que obedecem ao corpo nesta vida fazem para si mesmos um corpo interior ou uma casca fluídica que se torna sua prisão e seu suplício após a morte, até o momento em que consigam fundir-se no calor da luz divina onde seu peso os impede de subir; eles só chegam lá com esforços infinitos e o auxílio de pessoas justas que lhes estendam a mão, e durante todo esse tempo são devorados pela atividade interior do espírito como se estivessem em uma fornalha ardente.* ***Aqueles que chegam à fogueira da expiação nela se queimam a si mesmos e assim se livram de suas cadeias****; a maioria, porém, carece de coragem diante dessa derradeira provação, que lhes parece uma segunda morte mais assustadora do que a primeira, e permanecem, pois no inferno que é eterno, mas no qual as almas não são jamais lançadas nem mantidas contra a própria vontade*."
Pensamos que este belo texto encerra inúmeras verdades e que é necessário meditar sobre ele.

OS SEGREDOS DAS OUTRAS LETRAS HEBRAICAS

4. O Dalet, o tetragrama

Afirmativa, negação, discussão, solução, tais são as quatro operações lógicas do espírito humano. "*O ternário*", diz um cabalista contemporâneo de quem silenciaremos a identidade, "*nasce do binário antagônico, mas completa-se no quaternário, base quadrangular de toda a verdade*." Assim — e este pensamento se tornará mais claro — o nome secreto de Deus é formado de quatro letras, conforme já vimos. E nessas quatro letras há uma que se repete duas vezes (o *lud*, que exprime o Verbo e a criação do Verbo). *Portanto, as quatro letras do nome formam apenas três*. Isso constitui o paradoxo central de toda a numerologia, isto é, de

toda a correspondência de letras e de algarismos. Notemos, ainda, nesta oportunidade, que os cabalistas dizem que o nome mais forte do diabo se compõe das letras invertidas do nome de Deus. O que, numericamente, dá o valor absolutamente oposto. A causa primeira se revelou pela cruz em todas as civilizações, como o mostra a etnologia: quer dizer, uma unidade de dois que se dividem para formar quatro. A cruz foi (é) a chave dos mistérios da índia e do Egito sob a forma de Tau, o signo do deus Osíris nas esculturas dos museus, por exemplo. À cruz corresponde a chave de abóbada do templo que os companheiros da Tour de France e os franco-maçons bem conhecem. A cruz, acentuemos ainda, parece ser na língua francesa a raiz do verbo crer e do verbo crescer e reúne dessa maneira as idéias de ciência, espiritualidade e progresso que, infelizmente, são por vezes antagônicas.
Digamos agora uma palavra acerca do "*grande agente mágico*". Notemos desde logo que ele se desvenda por quatro tipos de fenômenos: calorífico, luminoso, elétrico e magnético. Os esoteristas do passado lhe deram diversos nomes: tetragrama, "*azote*", éter, "*od*", fluido magnético, alma da natureza etc. Einstein chama-o "*gravitação eletromagnética*". Esse grande agente mágico comanda a força de atração que se fixa sempre no centro dos corpos. Segundo Guillaume Postel, um cabalista cristão, o segredo incomunicável, a fórmula matemática do grande agente acha-se inscrita na palavra rota que, observemos, invertida, dá taro. A cruz condensa as quatro formas elementares do cosmo que são o ar, a terra, o fogo e a água. Assinalemos, e isso é de importância capital, que:

a água, a terra etc. nada têm a ver com o que nós chamamos de água, terra... Os elementos vulgares que conhecemos, diz a Cabala que não são mais do que 'cascas' de essências espirituais. Os elementos espirituais que elas expressam aparecerão ao cabo de alguns anos de trabalho;
a movimentação da cruz que suporta em cada uma de suas pontas um elemento particular fornece uma roda ou uma rota de que se sabe o que significa seu inverso;
o quatro, dissemos anteriormente, pode reduzir-se a três. Espírito, matéria, movimento e repouso podem, de fato, reduzir-se, conforme a Cabala alquímica, a absoluto, fixo e volátil.

5. O Hei, o pentagrama

O Hei corresponde ao pentagrama, isto é, à estrela de cinco pontas cujo poder é conhecido desde a mais remota antigüidade (a iniciação dos franco-maçons no grau de companheiros é feita sob o signo da estrela). O pentagrama é o símbolo do microcosmo. Graças ao pentagrama, pode-se, se se souberem utilizar os rituais adequados, forçar os espíritos a aparecer em sonho, ou invocar os defuntos. O mago tira dessa forma o reflexo cósmico deles que existe no astral, quer dizer, no segundo invólucro do universo. As mulheres grávidas, mais que todas as outras, acham-se sob a influência da luz astral que concorre para a formação de seu bebê. É assim que, conforme a tradição, certas mulheres, sem mesmo o querer, teriam imprimido em seus filhos ao nascer uma forma que as assustou. Elas contemplaram tal forma no astral, ou em seus sonhos, e transmitiram-na ao feto.
O pentagrama é concebido na proporção exata do atanor[17] que dá a pedra filosofal. E, na qualidade de signo, ele nada é por si mesmo, não tem outra força exceto a do Verbo que o habita. Observemos que seu emprego é muito perigoso, pois a direção de suas pontas altera o caráter da operação e leva, às vezes, a resultados inversos dos procurados.

6. O Vav, o equilíbrio

A fatalidade, a vontade e o poder constituem um ternário que corresponde, no plano humano, ao triângulo primordial. Ora, a fatalidade é o encadeamento das causas e dos efeitos, é a ordem sem liberdade alguma. A vontade, em troca, é a faculdade diretriz da inteligência para introduzir a liberdade humana sem a qual não existe criatividade nem mesmo iniciativa. E o poder, enfim, é o emprego astucioso da vontade que obriga a fatalidade a servir à concretização dos desejos daquele que age. As forças da natureza deixadas a si mesmas são

[17] Alambique utilizado pelos alquimistas em suas pesquisas.

destrutivas, domesticadas fornecem eletricidade, força motriz etc. As forças do mundo estão à disposição de quem lhes saiba resistir. O mundo é imantado pela luz solar e nós o somos pela luz astral. *O que se opera no corpo do planeta repete-se em nós*.
Somos condicionados pela Terra e mesmo pela região do globo onde vivemos, por seu clima, flora, fauna, geografia etc. Mas sofremos também uma influência infinitamente mais cósmica. O homem é, de fato, um microcosmo (mundo pequeno) que, analogicamente, reproduz tudo o que constitui o macrocosmo (mundo grande). Nossos humores são determinados pelo grande agente astral. Uma vontade tensa pode atuar sobre a luz astral e, com a ajuda de espíritos por ela subjugados, pode provocar correntes irresistíveis. O grande agente é dominado pelo coração, quer dizer, pelo grande simpático. Os exercícios da ioga permitem submeter esse grande simpático e vêm em ajuda ao estudioso da Cabala, nem que seja porque lhe facilitam a concentração.

7. O Zain, a espada flamejante

O sete é o número sagrado por excelência porque adiciona o três e o quatro. (Veja as letras que correspondem a estes números.) O sete simboliza o espírito ajudado por todas as potências elementares. O abade Trithème confeccionou, a partir do número 7, uma chavezinha que lhe proporcionou um grande poder de adivinhação. E São João fechou o livro do Apocalipse com sete selos.
Moisés disse que à porta do Paraíso permanece uma esfinge empunhando uma espada flamejante. Essa esfinge armada simboliza a lei do mistério que é preciso desvendar se se quiser ser admitido no Fardes. Há toda uma série de correspondências numerológicas que citamos rapidamente para não sobrecarregar nossa exposição: as sete cores do prisma, os sete planetas, as sete notas musicais etc. "*Os sete planetas são símbolos hieroglíficos do teclado de nossas afeições*." Esta frase poderia ter sido pronunciada pelo poeta socialista Fourier que viveu no século XIX. Confeccionar talismãs do Sol, da Lua ou mesmo de Saturno corresponde a prender magneticamente a própria vontade a signos que expressem os principais poderes da alma humana. Consagrar-se a Vênus ou a Mercúrio pelo mesmo meio é magnetizar-se visando à ciência ou ao lucro.
Esclareçamos, nesta oportunidade, que os talismãs são feitos de pedras preciosas (diamante, rubi, safira etc.) ou então de metais (ouro, prata, ferro, cobre etc.). Os signos cabalísticos dos sete espíritos são:

no que concerne ao Sol, uma serpente com cabeça de leão;
um globo cortado em dois para o da Lua;
para Marte, um dragão mordendo uma espada;
para Mercúrio, o caduceu (constituído por uma varinha rodeada por duas serpentes entrelaçadas);
para Júpiter, uma águia;
para Saturno, um velho.

Estas indicações não bastam para compor talismãs, porém são indispensáveis. Saberemos um pouco mais no momento oportuno, quer dizer, um pouco mais adiante.

8. O *Chet*, a realização

A magia não é o misticismo, ou melhor, ela difere dele em certos particulares; ela é a compreensão dos fenômenos tendo em vista uma ação concreta sobre eles. O misticismo não tem por finalidade senão a meditação, a contemplação e mesmo a adoração. A Cabala, o leitor

talvez haja percebido, é ao mesmo tempo misticismo e magia. Ela é uma fé que se traduz através de realizações práticas...
Os homens nascem dentro dum mundo modificado por uma idéia da qual trazem em si mesmos o traço ou a impressão. A marca da falta de Adão foi conservada no astral e é conservada por milênios. A luz astral achava-se à disposição de Adão que a tendo turbado devido à sua desobediência a converteu, sem mesmo disso se aperceber, em instrumento de seu suplício. A ioga permite atuar sobre o astral.
Pode-se, sabendo respirar — isso se aprende — libertar-se desde agora de seu corpo para viajar na quarta dimensão, como o fizeram iniciados de alto quilate, como Paracelso e Swedenborg.

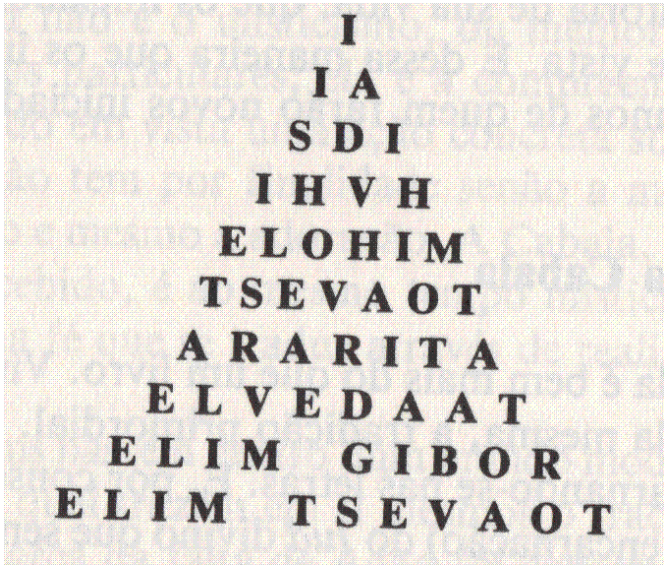
9. O *Tet*, a iniciação

O número nove, valor do *Tet*, é o dos reflexos do Velho Sublime, razão pela qual Hermes Trismegisto lhe atribui a iniciação, sobre a qual ele reina como um anjo tutelar.
O Tet é rico em ensinamentos. Os atos dos homens inscrevem-se, dizem os cabalistas, ao mesmo tempo no astral e na fisionomia, no modo de andar, no som da voz etc. Cada indivíduo leva em si, consigo, na silhueta e inscrita na pele, a história de sua vida, que os iniciados sabem ler num golpe de vista. É dessa maneira que os iniciados recrutam profanos de quem farão novos iniciados.

10. O *lud*, a Cabala

A Cabala é bem mais do que um livro. Vimos que ela constituía, ela mesma, a tradição primordial. Daí, ser ela o Verbo encarnando-se nas letras. É, por conseguinte, um avatar (uma encarnação) do *lud* divino que semeia a matéria para dela fazer uma criação viável.
O dez é um número muito sagrado entre os pitagóricos (seu "*tetrástico*"), sobre o qual faziam seus juramentos. Há também dez *Sefirot* dispostas, como vimos anteriormente, dum lado e do outro da árvore cabalística que recorda a dos xamãs, aqueles iniciados siberianos que subiam misticamente pela deles e alçavam vôo. A árvore sefirótica liga-se a Deus e ao cosmo, e sua compreensão permite fazer milagres. Existe um equivalente dessa árvore. Um equivalente portátil, por assim dizer, posto que se pode transportá-lo escrito num fragmento de papel, no bolso ou na carteira, ao passo que a árvore em tamanho natural deve ser desenhada multicolorida num pergaminho. E essa árvore portátil, esse talismã, que protege quem a leva consigo ao mesmo tempo contra o mau-olhado, as doenças psíquicas e todas as agressões exteriores, baseia-se na idéia do triângulo arquetípico.
Esse talismã é um triângulo formado pelo conjunto[18] dos nomes divinos e é encontrado na base do ritual mágico dos antigos judeus. Encontrar-se-á, diga-se de passagem, uma aplicação dele no Taro. Eis o talismã:

[18] Uma série, como se diz em matemática. Os nomes divinos são infinitos, mas são tomados em séries.



11. O *Kaf*, a cadeia mágica

É o número (ou a letra) da invocação dos espíritos. É a letra da cadeia mágica que se forma ao unirem as mãos os participantes de uma sessão espírita. Ocorreu-nos diversas vezes, após tais experiências, acordar à noite em sobressalto sentindo roçaduras de mãos ou de asas verdadeiramente impressionantes, e mesmo de objetos (livros, mais amiúde) se deslocando.

12. O *Lamed*, a Grande Obra

É a letra, ou o espírito, sob a proteção da qual se colocaram alquimistas como Nicolau Flamel ou Raymond Lulle.

13. O *Mem*, a luz astral

Quando o indivíduo que levou uma vida exemplar morre, seu corpo astral deixa o corpo físico como se fosse um vapor, ou um incenso subindo para as regiões superiores. Se o indivíduo levou má vida, ele atormenta os sonhos dos vivos; seus antigos vícios lhe aparecem e, sob a forma de monstros, o perseguem. As almas que não se acham de todo purificadas permanecem mais ou menos longamente presas ao corpo astral onde são abrasadas pela luz cósmica. É para fugir desse cadáver que as almas que sofrem às vezes penetram nos vivos e aí permanecem sob uma forma que o cabalistas denominam *Dibuk*.

14. O *Nun*, as transmutações

Notemos, apenas para ampliar o debate e abrir os espíritos presos ao ceticismo, que numerosos testemunhos dignos de fé corroboram a presença visível e real, em carne e osso, do padre Alfonso de Liguori junto ao papa agonizante, enquanto esse mesmo personagem era observado em sua casa, a uma grande distância em Roma, orando e em êxtase. E a presença do missionário Francisco Xavier em diversos pontos ao mesmo tempo não foi menos rigorosamente constatada.
Cagliostro, que quase certamente conhecia a Cabala, praticava invocações e tinha, ao que parece, um elixir de longa vida que devolvia a juventude aos velhos instantaneamente. Dir-se-á que tudo isso não passa de lendas; mas, afinal de contas, os alquimistas podiam ter descoberto fórmulas de melhoramento do estado fisiológico. A composição da fórmula do elixir de Cagliostro tinha por base, segundo E. Levi, o vinho de malvasia e obtinha-se, curiosamente, pela destilação do esperma de certos animais.

15. O *Samech*

O *Samech* é simbolizado na caligrafia hebraica usual por uma espécie de anel, enquanto o *Samech* primitivo era representado por uma cruz tríplice. O antigo alfabeto palestino evoluiu para formas caligráficas que se inscrevem em um quadrado.
Uma observação: a antiga forma caligráfica de *Samech* é simbolicamente aproximada do báculo que o Papa segura em sua mão esquerda, Arcano V do Taro. E a forma costumeira do *Samech* é reencontrada no Arcano do Diabo... que é o Arcano XV...

16. O *Ain*, os encantamentos

"*O que se quer com perseverança, se faz*." A sugestão, o encantamento etc. baseiam-se neste axioma. *Se somos capazes de querer algo verdadeira e obstinadamente, conseguimos obtê-lo*.
Existem duas sortes de encantamento: o voluntário e o involuntário; mas é preciso saber que a força sempre atrai a força.
Se duas crianças vivem juntas e uma é fraca e a outra é forte, a forte absorverá a fraca e esta definhará.
A palavra encantamento expressa a ação de apanhar e envolver alguém num desejo ou numa vontade formulada por um ritual adaptado a esse fim. E o instrumento do encantamento não é uma vez mais senão o grande agente mágico. Quanto ao malefício, quer dizer, a operação cerimonial visando ao encantamento, serve para fixar e confirmar a vontade do operador. Quanto mais difícil for a operação, tanto mais será eficaz, pois mais agirá sobre a imaginação da vítima.

17. O *Fei*, a astrologia

Notamos anteriormente que a luz astral recebia e conservava todas as impressões das coisas do visível. Daí decorre que a disposição quotidiana do céu se reflita nessa luz que, tal como ela, é o principal agente da vida, influencia a concepção, o nascimento e o destino futuro das crianças por nascer. Essa luz transmite ao recém-nascido, cujo caráter é ainda totalmente movediço, as impressões atmosféricas e as influências do sistema planetário em tal ou tal momento.
Os sinais gravados na luz astral pelo reflexo e a atração dos astros se produzem sobre todos os corpos que se formam com o concurso dessa luz. A arte da adivinhação repousa sobre o conhecimento desses sinais que o grande Paracelso denominava “*assinaturas*”. Segundo Ptolomeu, famoso astrônomo e astrólogo da Antigüidade, o sol resseca e a Lua umedece e, segundo os cabalistas, o Sol é a rigorosa Justiça, ao passo que a Lua representa a Misericórdia. O *Zohar* diz que "*a serpente mágica, filha do Sol, ia devorar o mundo, quando o mar, filho da Lua, colocou o pé sobre a cabeça dela, subjugando-a*". Esta imagem cabalística significa que "*a mulher deve esmagar a cabeça da serpente*", tema misterioso que se reencontra no Apocalipse. Aliás, e isso não deixa de ter relação com nosso assunto, entre os Antigos, Vênus era filha do mar e Diana era idêntica à lua, e notemos que, entre os cristãos, Maria significa “*estrela-do-mar*”.
O célebre astrólogo Jérôme Cardan deixou um cálculo assaz simples, graças ao qual podemos prever a boa ou má sorte dos anos de sua vida. Para saber qual será a sina num determinado ano, ele resume os acontecimentos dos anos que o precederam por 4, 8, 12, 19 e 30:
4 é o número da realização;
8, o de Vênus ou das coisas naturais;
12, o de Júpiter ou dos sucessos;

19, o da Lua e de Marte;
30, o de Saturno ou da Fatalidade.

Assim, se quisermos saber o que nos acontecerá no decorrer do ano, repassaremos em nossa memória:

tudo que nos ocorreu de decisivo em matéria de progresso na vida há quatro anos;
o que tivemos de felicidade ou infelicidade há oito anos;
o que pudemos computar como devido à boa ou má sorte há doze anos;
as desgraças ou as doenças, há dezenove anos;
o que experimentamos de triste ou trágico há trinta anos.

Depois transladaremos tudo isso para o ano em curso. Os resultados são surpreendentes!

18. O *Tsade*, os filtros ou as sortes

Existem medalhas, amuletos e por vezes filtros e de rituais baseados nos conhecimentos cabalísticos. O mestre cabalista emprega-os visando ao Bem.

19. O *Kof*, a pedra filosofal

Encontrar a pedra filosofal é ter descoberto o absoluto que conheciam os antigos mestres da Cabala. Num velho livro de magia de autor anônimo da Idade Média, que era ao mesmo tempo alquimista e cabalista, vê-se o espírito representado em pé sobre um cubo que línguas de fogo percorrem e lambem; ele tem como falo um caduceu, o Sol e a Lua sobre o peito à direita e à esquerda; é barbudo, coroado e tem na mão um cetro. É o ultra-secreto "*azote*" dos sábios, sobre seu pedestral de sal e enxofre filosóficos. Essa imagem merece longa meditação. Há nela uma verdade que não se pode revelar por comentários, mas somente pela reflexão e a contemplação. As palavras às vezes devem ceder lugar à meditação.

20. O *Resh*, a medicina universal

Em virtude da lei da analogia, que a psicanálise moderna começa a compreender, a maioria de nossas enfermidades físicas provêm de nossas doenças psíquicas ou até morais. A temperança, a tranqüilidade de espírito, a calma e a razão, todos o sabem, não apenas tornam o indivíduo feliz como também o fazem sentir-se bem de saúde. No limite, a morte, dizem os cabalistas, não existe para o sábio. É um fantasma tornado aterrador pela ignorância. Pode se abolir a dor: a sofrologia, uma ciência bastante recente, revela-o, e certos médicos e dentistas já a praticam em seus consultórios para maior benefício dos pacientes. Parece, igualmente, mas isso, é claro, nos ultrapassa, ser possível ressuscitar os mortos por um período muito breve.
21. O *Shin*, a adivinhação

Para levar a cabo com sucesso a Grande Obra, é mister ser adivinho. Pois a adivinhação proporciona uma intuição indispensável a toda pesquisa. A intuição, a adivinhação são as palavras-chave da Cabala prática. São fenômenos magnéticos devidamente dominados. E os instrumentos divinatórios, uma taça de cristal cheia de água, por exemplo, servem apenas para fixar a atenção do mago. A visão se opera por ofuscação e fadiga do nervo óptico que cede lugar ao terceiro olho de que falam todos os iniciados e que se encontra no meio da

testa. Esse terceiro olho está evidentemente adormecido na imensa maioria de nós; exercícios permitem, contudo, despertá-lo.

22. O *Tav* (ou *Tau*), o *Thot*

Esta letra e este número são o resumo das quatro ciências ocultas. Recordemos as leis vistas neste breve sobrevôo de todas as letras do alfabeto sagrado:

a analogia ("*Tudo que está em cima é como o que está embaixo*" e "*Tudo está em tudo*") é o primeiro axioma do esoterismo;
a harmonia está no equilíbrio e o equilíbrio resulta em ocultismo da analogia dos contrários;
a unidade é a razão suprema;
para criar o equilíbrio, é mister de início analisar para, a seguir, proceder à síntese.

Essas leis podem parecer abstratas. Entrevimos, no entanto, o seu sentido profundo, e logo veremos o que nelas está subentendido, quando são postas em prática.

A CABALA, O TARO, A ALQUIMIA E A ASTROLOGIA

A Cabala e o Taro

O Taro divinatório ou iniciático não apresenta mais do que longínquo relacionamento com o jogo de taro comum, um jogo de cartas bem agradável, aliás! Esse taro "*vulgar*" é exotérico, enquanto o Taro divinatório é esotérico. Tudo está em tudo. A Cabala está no Taro, como o Taro está na Cabala. Esclareçamos uma coisa: o Taro é um lembrete ilustrado dos principais ensinamentos da Cabala. Os Arcanos do Taro são, por assim dizer, uma Cabala "*de bolso*". Para começar, há vinte e duas lâminas de Taro iniciático, ou Arcanos maiores, como existem vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Isso não é por acaso, sobretudo se admitirmos esta verdade do ocultismo segundo a qual o Taro, como as letras do alfabeto hebraico, seja representativo do mundo, do homem e do cosmo. Também se admite que o Taro seja como um computador celeste que contém segredos infinitos. Mas tudo que acabamos de dizer pode, afinal, resultar do acaso. (Um acaso bem extraordinário, para dizer a verdade!) O exame de alguns Arcanos do Taro nos convencerá de que não podemos nos ater à hipótese do acaso, como gostariam de fazer crer os céticos.
O Arcano I do Taro representa o Louco, que com um braço mostra o céu e com o outro a terra. Excelente ilustração da palavra fundamental de Hermes Trismegisto que diz que "*Tudo que está em cima é como o que está embaixo*". E há ainda algo mais significativo do nosso ponto de vista: o torso inclinado do Louco traça um *Alef* com os braços do personagem. *Alef*, recordemos, é a primeira letra do alfabeto hebraico.
Isto, porém, não é tudo. Existem ainda outros "*acasos*". O rei, que no Arcano XVI, chamado a Casa de Deus, é lançado do alto da torre quebrada (imagem da Torre de Babel), tem a forma perfeita do *Ain* hebraico (ver esta letra no capítulo anterior). No Arcano VIII, intitulado a Justiça, onde um personagem feminino segura uma balança, como é evidente, somos irresistivelmente impelidos a comparar a forma da balança à do *Hei* hebraico. Na lâmina do Eremita, nono Arcano, onde um eremita avança o braço direito, segurando uma lanterna na altura de sua cabeça, vê-se um *Tet*.
O leitor, ou quem descubra o Taro, é solicitado por essas semelhanças e deve, se quiser prosseguir em seu estudo da Cabala, aprofundá-las. Basta transportar-se, assim como

dissemos, à evocação correspondente da letra no capítulo anterior. Prossigamos, pois, em nosso breve sobrevôo.
A goela aberta do leão que doma a força (Arcano XI, a Força) retrata um *Kaf* revirado. Quanto às pernas do Enforcado, Arcano XII, reproduzem o movimento do *Lamed*. Curvando-se sobre sua foice, a Morte (Arcano XIII) retrata nitidamente a silhueta do *Mem*. Os braços da Temperança, décimo quarto Arcano, visam com muita clareza a esboçar um *Nun*.
O Arcano XVII, a Estrela, o mais bonito, ao qual o poeta contemporâneo André Breton consagrou uma obra inteira, representa uma moça sob as estrelas despejando água de dois cântaros num rio. Essa jovem desenha um *Fei*. A Lua, Arcano XVIII, encontra seu esquema no *Tsade*.
Certas semelhanças não são inteiramente evidentes. A razão disso é que o alfabeto hebraico evoluiu em seu desenho no decorrer do tempo. O Taro divinatório prende-se às formas caligráficas do hebraico baseadas no quadrado. Damos a seguir as correspondências de que o estudante muito necessitará nos seus trabalhos, assim como na aprendizagem. Isso lê-se como se segue: número, letra, ideograma, correspondência em português:

Alef, boi, A;
Beit, casa, B;
Guimel, camelo, G;
Dalet, porta, D;
Hei, janela, E;
Vav, gancho, V;
Zain, arma, Z;
Chet, ala (de pessoas), H;
Tet, lama, Th;
Iud, mão, J;
Kaf, palma da mão, K;
Lamed, ferrão, L;
Mem, água, M;
Nun, peixe, N;
Samech, poste, S;
Ain, olho, O;
Fei, boca, P;
Tsade, dardo, Ts;
Kof, macaco, Q;
Resh, cabeça, R;
Shin, dente, Sch;
Tav, cruz, T.
Essas correspondências são muito úteis. Para começar, por permitirem encontrar equivalências entre o alfabeto hebraico e o português. Isso é, sem dúvida, indispensável para a numerologia. Para conhecer o valor numérico de uma letra em português, basta conferir nesse quadro. Exemplos: A= 1, V = 6 etc. A numerologia tem suas regras e técnicas que não cabe desenvolver aqui, pois não é o lugar para isso. Mas cabe-nos assinalar, todavia, que ela resulta da Cabala, de que é uma aplicação prática conexa. Conhecer o valor numérico de um nome é, com certeza, conhecer tudo acerca desse nome: sua essência, seu destino etc.
Existe, contudo, um problema no concernente à aplicação da numerologia: os prenomes são dados por acaso aos recém-nascidos; o que não era o caso nas civilizações tradicionais onde eram escolhidos em função de uma linhagem ancestral e de circunstâncias astrológicas. É mister acrescentar que a numerologia séria, a numerologia iniciática, leva em conta essa margem de erro e corrige-a por métodos adequados.
As correspondências entre Taro e Cabala apresentam outras vantagens além das reveladas. É fácil conseguir um jogo de Taro iniciático ou divinatório (é encontrado em todas as livrarias especializadas). A meditação sobre os Arca-nos, que são, por outro lado, de grande beleza,

introduz ao conhecimento das letras, e sabe-se que foi por meio delas que o Arquiteto de todos os mundos criou o universo e tudo que o habita.
Ademais, os emblemas que correspondem às letras (boi, dardo etc.) devem ser pensados pelo estudioso: eles dão o sentido das forças condensadas nessas letras. A água implica algo de fluido; a cabeça, qualquer coisa de conhecimento seguro etc. Primeiramente, deter-nos-emos nas sensações, *não iremos procurar mais longe*. Não dizemos mais nada, pois cabe ao operador sentir por si mesmo. Ninguém poderá percorrer o caminho no lugar dele. Dir-se-á que ele corre o risco de enganar-se. Certamente! Contudo, vale mais a pena enganar-se, e a seguir corrigir, do que marcar passo repetindo uma lição aprendida de cor, mas sem sentimento.

A Cabala e a alquimia

Permanecemos ainda no nível das letras hebraicas, não reconstituímos frase alguma, nem mesmo palavra alguma, porque é preciso de início, e a todo preço, compreender a profundidade dessas letras. Tal profundidade tem múltiplas dimensões. Vejamos, agora, sua dimensão alquímica. No que vem a seguir, tomaremos sucessivamente os números, mas o leitor sabe que eles correspondem às letras. Basta-lhe encontrar por si mesmo a equivalência, o que é um excelente exercício.

É a centelha inicial, o *Fiat lux* da Bíblia, das iniciações.
Trata-se da matéria-prima que é preciso encontrar logo se se quiser empreender a Grande Obra. Essa matéria misteriosa existe por toda parte, dizem os adeptos, mas somente os eleitos conseguem discerni-la.
A matéria é uma só, mas nela se distinguem o sal, o enxofre e o mercúrio. O sal simboliza o estado estático da matéria.
O enxofre é o princípio do fogo formador. Arde no centro dos seres e assegura sua estabilidade. Sua irradiação se traduz em calor vital.
O mercúrio, fluido universal, penetra em tudo e sofre a atração coagulante do enxofre. É o grande animador.
Dois caminhos conduzem à Grande Obra: a via seca e a via úmida. A primeira é racional (solar) e a segunda, afetiva (lunar). Esses dois caminhos devem ser conjuntos.
É necessário que a natureza dupla do homem (material e espiritual) concorra, sem se prejudicar, para fazê-lo progredir.
A arte — entenda-se como a alquimia — põe-se a serviço da natureza de que o adepto deve decifrar pacientemente as leis que permanecem ocultas ao profano.
O sábio, o iniciado, transforma-se ao mesmo tempo que transforma a matéria. Os franco-maçons, no entanto, dizem que "*polir a pedra bruta*" corresponde a isso.
A intuição fundamental do iniciado é no sentido de agir, sobre si mesmo ou sobre o mundo, no momento favorável.
A força acha-se a serviço de quem não a utilizou sem discernimento. Daquele que a soube condensar para bom uso e recusou-se a desperdiçá-la. Esta letra também se refere à alquimia sexual e à "*retenção do esperma*" para sublimá-lo e transformá-lo em luz.
A Grande Obra exige desinteresse absoluto.
A morte não é aquilo que se crê geralmente; *ela é uma fonte de renovação*. A Obra em negro é a primeira etapa. No decorrer da Obra em negro, o iniciado morre para o mundo, ele se decompõe. Significa que abandona os velhos hábitos e livra o espírito da ganga de que se achava revestido.
É mister ser moderado em tudo e não bradar vitória assim que se ultrapassar uma etapa.
O grande agente mágico é o Diabo. O Arcano XV, o Diabo, merece algumas explicações. Dissemos que ele era o grande agente mágico do ocultismo. Seria o Diabo isso, de fato? Os que dizem que um cheiro de enxofre paira em torno do esoterismo teriam então razão? Seriam malditas as ciências herméticas? A resposta é complexa. Não, as ciências ocultas não

são malditas, elas não estão submetidas a Satã, mas, pelo contrário, são fonte de descoberta da mensagem divina secreta. Essas mesmas ciências ocultas podem, entretanto, dar ensejo ao mal, ao satanismo, quando quem as põe em ação desconhece as regras. Quando não é um iniciado. O maior perigo do esoterismo, quando cai em mãos profanas, é abrir caminho ao demônio, às forças negativas, às forças invertidas. Pois o ocultismo é, em definitivo, *o domínio de uma força primordial que não é boa nem má e que depende do emprego que lhe for dado*. Um exemplo do mundo profano nos mostrará mais ou menos do que se trata: a energia atômica não é boa nem má por si mesma, é uma energia como as demais. Ela é benéfica quando utilizada para meios pacíficos, torna-se maléfica quando sua utilização visa a fins bélicos. Prossigamos, todavia.
"*É preciso velar pelo bom funcionamento do atanor*[19]." Isso quer dizer que a presunção precipita o presunçoso no abismo.
O sábio, o iniciado, encontra por certo em si mesmo suas próprias forças, mas necessita que a graça venha santificar sua obra.
É a etapa da Obra em branco que se coloca sob o signo da Lua. Nessa etapa, a verdade se revela, permanecendo contudo mesclada de ilusões.
É o Sol que reaquece tudo e cuja radiação faz tudo viver, mas que, exagerada, pode conduzir ao fogo do inferno.
O sucesso da Obra.
A multiplicação, isto é, a possibilidade de recomeçar o que veio de ser obtido. Não basta ter sucesso uma vez, talvez tenha sido por acaso; é necessário ser capaz de refazer as mesmas operações.
O Nada-Tudo é o grande mistério. Um mistério que o próprio En-Sof não deixa senão entrever.

O alquimista descobre, no decorrer de suas operações, o mesmo curso do cabalista. O que este último conseguiu apenas recorrendo às letras hebraicas, o primeiro obtém por meio dos metais. Existe rigorosa equivalência entre as operações da alquimia e a meditação combinatória acerca das letras do alfabeto sagrado. De maneira menos intensa, porém extremamente interessante, reencontram-se esses passos esquematizados, simplificados, na iniciação dos franco-maçons. O acesso ao grau de aprendiz corresponde à Obra em negro, o grau de companheiro à Obra em branco, o grau de mestre à Obra em vermelho simbolizada pelo Arcano XX.

A Cabala e a astrologia

Sendo a Cabala o livro do mundo, é impossível não relacionar parte de seu simbolismo com a astrologia. O fato de passar pelo Taro facilita a empreitada, explicita melhor as idéias evocadas.
O Arcano XVIII do Taro é, de tal ponto de vista, particularmente notável. Representa um caranguejo que corresponde ao signo astrológico de Câncer. Ora, esse signo tem como domicilio a Lua. (Os números dos Arcanos remetem às letras do alfabeto hebraico que são, relembremos, os poderes reais da Cabala.) Nesse mesmo Arcano, vêem se dois cães. Serão as constelações do Cão Maior e do Cão Menor? Constelações vizinhas que assinalam a canícula[20]. Esses animais parecem, por seus latidos, querer obrigar a Lua a conservar-se na Eclíptica, cujos limites são assinalados por duas rodas traçadas nos solstícios.
O Arcano XVIIII[21], o Sol, coloca em cena dois personagens enlaçados. São incontestavelmente os Gêmeos. Esses dois meninos estão protegidos por um muro de tijolos. Ora, entre os sumérios o 13º signo do zodíaco é chamado o mês dos tijolos. Há, não obstante, um problema:

[19] Já vimos que atanor era o alambique dos alquimistas. (N. do T.)
[20] Tempo durante o qual a estrela Sírius ou Canícula nasce e se põe com o Sol e em que, no hemisfério setentrional, os dias são mais quentes (24 de julho a 26 de agosto). (N. do T.)
[21] Para bem assinalar o curso positivo daquele que se inicia, os Arcanos do Taro são numerados em algarismos romanos, mas sempre somados. Assim para o nono Arcano, a lâmina traz VIIII (5+4) e não IX (1 diminuído de 10). Os Arcanos IIII, VIIII, XIIII e XVIIII apresentam, pois, mesmo sem sua numeração, a idéia de progressão.

a astrologia tradicional coloca o domicílio do Sol na casa do Leão e não na dos Gêmeos. Qual é o significado disso? Que o Taro leva em conta o fato de os Gêmeos chegarem nos dias mais longos, *no triunfo da luz*.
Continuemos a examinar as lâminas e a escolher as cartas ao acaso, em função de nossa disposição. O Arcano XI mostra-nos o Leão subjugado pela Virgem dos Peixes. Isso encerra os calores da estação. O Arcano X, a Roda da Fortuna, evoca a imagem do Capricórnio. Quanto ao Escorpião, é representado no Arcano XVI. O Carneiro (Áries) prende-se ao Arcano V, e o *Sefer letzirah* atribui ao Carneiro a quinta letra do alfabeto.

A Cabala e os quatro elementos

A alquimia, tanto quanto a astrologia, baseia-se na concepção esotérica dos quatro elementos. Na Cabala, quatro letras simbolizam os quatro elementos:
Iud (o poder gerador): o Fogo;
Hei (a receptividade): a Água;
Vav (a ação): o Ar;
Hei (a condensação): a Terra.

A tradição divide o céu em quatro regiões, cada uma delas consagrada a um elemento:
à *Terra* pertencem os signos zodiacais da primavera (Áries, Touro, Gêmeos);
ao *Fogo*, os do verão (Câncer, Leão, Virgem);
ao *Ar*, os do outono (Libra, Escorpião, Sagitário);
à *Água*, os do inverno (Aquário, Peixes, Capricórnio).

Que tudo está em tudo, é uma regra que se corrobora uma vez mais. O universo sendo formado pelos quatro elementos fundamentais, as diferentes disciplinas do esoterismo (alquimia, astrologia etc.) baseiam-se no conhecimento desses quatro elementos com os quais os Antigos se preocupavam. A Cabala não podia evidentemente escapar a isso e os elementos correspondem, no sistema cabalístico, a quatro letras particulares, conforme acabamos de ver.

A MENSAGEM DE ABRAÃO ABULÁFIA

A Epístola das Sete Vias

Abraão Abuláfia, cabalista que citamos várias vezes, deixou um trabalho intitulado *Epístola das Sete Vias*. O título é eloqüente: há sete vias de acesso à iniciação cabalística. Sete vias segundo o grau de adiantamento espiritual do indivíduo que tem de se engajar na Cabala.
A primeira consiste em uma leitura de textos sagrados (a Bíblia, essencialmente) e em seu comentário. É uma via ainda exotérica, mas indispensável ao início do trabalho. Pois, disse Abuláfia, antes de terem sido iniciados, todos fizeram parte da multidão. Apenas mais tarde, sob a influência das circunstâncias (o dom pessoal e o fato de terem sido escolhidos por um mestre), é que alguns se põem a estudar, enquanto outros permanecem sem o conhecimento do alfabeto hebraico. Aos ignorantes, aos "*iletrados em iniciação*", é preciso que os eleitos transmitam um mínimo de saber, de forma a não deixá-los em total obscuridade.
A segunda via consiste em uma compreensão do que se leu, apoiada em múltiplos comentários. A terceira, num entendimento dos textos tradicionais (livros sagrados, mitos etc.), compreendendo-os alegoricamente. Assim, Hércules é a alegoria da força, Salomão, a da sabedoria etc.

A quarta via marca um progresso: consiste em questionar as parábolas: por que Hércules limpou as estrebarias de Áugias? Por que o rei Salomão se enamorou da rainha de Sabá? Todas essas vias que acabamos de citar, porém, estão abertas aos eruditos de todas as nações. É mesmo nisso que se ocupa o tempo na universidade. Só a quinta via começa a ser propriamente cabalística. É nesse quinto caminho que se descobre, por exemplo, o que a Bíblia hebraica pretendeu ensinar pelo fato de sua primeira letra ser um Beit (Bereshit = "*No princípio*"). Aprende-se aqui por que vinte e duas letras aparecem em tudo e para tudo. Porque o *Hei* de *Ve hara* ("*Sua cólera ardeu*") deve apresentar-se sob a forma de Ω; por que os dois *Nun* que enquadram os versículos 35 e 36 do capítulo X do *Livro dos Números* se apresentam de uma dada maneira. Uma infinidade de coisas, diz Abuláfia, nos foram transmitidas pela tradição: traços cheios e finos das letras, as letras recurvadas, as letras grossas etc. Nada é deixado ao acaso. O estudioso da Cabala começa a despertar.

A guematria e o notarikon

A sexta via vai ainda mais longe. Ela não convém senão aos que se acham em busca do nome de Deus e sejam capazes de captar o grande agente mágico. Esse método conduz ao segredo das setenta línguas por meio da guematria e da combinação das letras com sua "*matéria-prima*" (ver o que dissemos no capítulo anterior) por uma evocação e uma meditação acerca das dez *Sefirot*. O cabalista deve, no final, alçar vôo sobre a árvore das *Sefirot* como uma xamã da Ásia sobre sua árvore cósmica.
A *guematria* (do grego *geometria*) consiste em uma exegese, um comentário do texto sagrado baseado no valor numérico das letras do alfabeto. *Cada palavra tem desse modo um valor numérico pelo qual ela remete a uma outra palavra de mesmo valor*. A *guematria* utiliza também sistemas de equivalência que permitem, como veremos mais adiante, substituir uma letra por outra. E, a propósito das dez *Sefirot*, Abuláfia explica que todas as coisas vêm às dezenas: Moisés, diz a tradição, subiu dez vezes o Sinai; o mundo foi criado por dez palavras místicas; os mandamentos são em número de dez etc.
Além da *guematria*, o sexto caminho recorre a diversas técnicas: o *notarikon*, as permutações, as substituições de letras etc. O texto sagrado pode, assim, tornar-se verdadeiramente um espelho. O *notarikon* consiste em interpretar as palavras como siglas onde cada letra da palavra é a inicial de uma outra palavra (exemplo: Adão [Adam] dá Abraão, Davi, Abu, Melquisedeque). Pode-se, ainda, decompor as palavras em dois ou em diversos elementos, cada um tendo um significado particular. Essas operações de que fala Abuláfia podem ser teoricamente repetidas até o infinito, mas é preciso parar em uma dezena de vezes, por causa da debilidade do espírito humano.
Quanto à sétima via, enfim, ela é única em seu gênero: é o lugar do sagrado por essência; é nela que tem origem o grande agente mágico. Atingir esse caminho conduz à profecia. *Essa via dá o meio de aproximar-se do nome de Deus e de nele se impregnar*. Esse segredo é incomunicável. Não pode ser transmitido senão verbal e ritualisticamente.

A conjunção do Sol e da Lua

Abuláfia parte, então, de uma observação astuciosa. Não é de modo indiferente, afirma ele, não é por acaso, que a Bíblia diz que Moisés recebeu a Lei do Sinai e não no Sinai. A razão? O sentido secreto da palavra Sinai é 130 (Sinai = *Samek + Iud + Nun + Iud*). Ora, este valor é o mesmo que o dos dois nomes sagrados Adonai Adonai (*Adonai = Alef = Dalet = Nun = Iud =* 65). Da mesma forma, é igual ao valor dos cinco tetragramas, cada um equivalendo a vinte e seis. Ademais, esses cinco tetragramas, diversamente pronunciados, remetem às dez *Sefirot*. As especulações são de fato vertiginosas e compreende-se que possam fazer perder a razão a quem se dedique a elas sem controle ou preparação.
Prossigamos, contudo. Sem abandonar o texto, nem a palavra, continuando sempre na mesma via, Abuláfia observa que o nome Adonai (um dos nomes divinos) marca a conjunção

da Lua e do Sol. Com efeito, 19, número dos anos do ciclo lunar, multiplicado por 28, número dos anos do ciclo solar, dá 532. Ora, 532 + 532 formam Adonai. Com efeito, sete vezes a cada 19 anos é acrescentado um mês suplementar ao ano hebraico que é lunar. Isso de modo a preencher o atraso em relação ao ciclo solar. Por outro lado, é uma vez a cada 28 vezes que o Sol se encontra nas posições idênticas às que ocupava quando da criação do mundo. E 532 + 532 = 1064. Segundo as regras da numerologia de todos os povos, 1064 = 1 + 64 = 65. Obtivemos nosso resultado.
Hermes Trismegisto dizia, a respeito da pedra filosofal, que o Sol era seu pai e a Lua, sua mãe; Abuláfia diz exatamente a mesma coisa, mas sob uma forma numerológica. Esta concordância merece ser ressaltada: é assaz extraordinária. E Abuláfia prossegue dizendo: o profeta não disse: "*Não, o olho deles é por demais fraco para ver, e o coração, demasiado fechado para entender*", onde se encontra como valor numérico 47. E é sempre Abuláfia quem fala: o mistério do mundo está marcado nessas palavras "*E Deus considerou que isso era bom*", onde se encontra o mesmo valor: 47!

Dividir o nome sagrado para torná-lo operacional

E mesmo se a Lua recebe a luz do Sol, continua nosso autor, e se os dois astros estão ligados, permanecem de qualquer maneira distintos; duas coroas diferentes vêm cingir suas frontes. O Sol não é uma espécie, e também não é um dos indivíduos que constituem a espécie. O mesmo se dá com a Lua. Um e a outra são individualizados, o que não é o caso das estrelas, quer sejam fixas ou errantes. O ciclo solar inicia-se sob o signo de Áries enquanto o da Lua começa sob o de Libra. Analogamente, o nome sagrado, para tornar-se operacional, deve ser dividido em dois. Aliás, e isso é uma demonstração, o quadrado do valor numerológico da primeira metade do tetragrama é igual a 225 (*Iud* + *Hei* = 15). Ora, 15 x 15 = 225 e a segunda metade do tetragrama é igual a 121 (*Vav* + *Hei* = 11). Ora, 11 x 11 = 121. E o valor da constelação de Libra é 225, enquanto o valor da constelação de Áries é 121!
Este dado prova que a Lua e o Sol efetuam suas revoluções de maneira regular em função do nome divino. As constelações representam as partes do mundo; os nomes, as partes da alma; e os dias e as noites, as partes do ano. Abuláfia dá outros exemplos de seu método. *Anokhi* (Eu, que é a palavra pela qual começa o Decálogo na Bíblia: "*Eu sou o Eterno*" etc.), pelo método do *notarikon* significa "*Por mim mesmo escrito e dado*" (as Tábuas da Lei). Pode-se também inverter as letras de *Anokhi* e obter desse modo as iniciais da expressão *iechiva ketiva neemanin amaréia*, que quer dizer "*o que foi dado e escrito são palavras dignas de fé*". A palavra *karmel* (grão) é uma abreviação de *kar malé* (espiga cheia) etc.

Desfrutar a luz

Abuláfia explica que o trabalho do pensamento combinatório da Cabala é uma movimentação das letras em torno das parcelas de verdade que se encontram em potencial na alma, efetuando cálculos e estabelecendo analogias. Esse trabalho permite a essa alma desfrutar — é a palavra que ele emprega — daquilo que ela venha a compreender as *Sefirot*, esses condensadores da energia cósmica. As *Sefirot* fazem viver as almas e nutrem-nas até que elas desfrutem a luz. Elas lhes permitem tornar-se senhores do grande agente mágico.
Aqui Abuláfia entrega-se a raciocínios muito úteis, que nós resumiremos. As letras do alfabeto hebraico, diz ele, são classificadas em indivíduos, espécies e gêneros. Os indivíduos são compostos de matéria e de forma no momento em que são escritos. Sua localização é o material em que são gravadas tais letras (o pergaminho), sua matéria é a tinta, a forma das letras é a sua configuração. É próprio da tinta como do líquido seminal ser portador de formas humanas, matéria de todo homem. O sangue do homem, por outro lado, é sinônimo da alma. O sangue de que se cogita aqui é em primeiro lugar feminino, é de cor vermelha e constitui metade da matéria do homem. Um outro sangue de cor branca constitui a outra metade.

Esses dois sangues são chamados *Damei nidot* (*Damei* = sangue, nidot = *menstrual*). Abuláfia assemelha o mênstruo das mulheres à emissão de esperma.
Quando esses dois sangues se reúnem, diz Abuláfia, sua conjunção se efetua sob o signo do nome divino *El Shadai*. Ora, os equivalentes de *El Shadai*, segundo métodos que agora conhecemos, são: *Molad*, que significa tanto nascimento quanto conjunção Lua-Sol; *Adão Melamed* (o homem que fala); *Ha Hefqed*, que significa a queda para o nada; *Metatron*, que é o anjo da profecia; *Sar*, que significa príncipe; *Morshe* = Moisés e, enfim, voltando ao ponto de partida, o *Haschem*, que quer dizer o Nome.

OS RITUAIS MÁGICOS EXTRAÍDOS DA CABALA

O mago forma um círculo protetor em torno de si

A Cabala é o conhecimento das fraquezas e da força da humanidade. Ela sabe que o homem caiu, mas mostra-lhe também como poderá levantar-se e retomar o vôo. Compreender-se-á isso ao considerar a palavra *Nachash* que quer dizer serpente. A serpente é a cupidez, é a razão da queda e de nosso afastamento do estado primordial e edênico. O vulgo se contentará com isso e a própria explicação exotérica da Bíblia não vai mais longe. Entretanto, uma leitura cabalística da palavra *Nachash* abre perspectivas imprevistas. *Nachash* compõe-se de três letras: *Nun, Hei, Shin*. Ora, do ponto de vista alquímico, e sabemos que a Cabala pode ser lida alquimicamente, *Nun* simboliza a força que produz as misturas, *Hei* é o recipiente ou o produtor passivo das formas e *Shin*, o fogo central e equilibrador. *Nachash*, a serpente, lida cabalisticamente significa, pois, o grande agente mágico, a alma do mundo, o *Od*, o *or* dos alquimistas. Da mais profunda obscuridade, quando se usa a Cabala, pode brotar a luz.
A Cabala permite aplicar uma magia que se desenvolve segundo o emprego que acabamos de definir. Sempre se tratará de invocar um espírito, ou uma força elementar da Terra ou de outra parte. O mago deve colocar-se no centro de um círculo de onde não sairá em nenhum momento, sob pena de perder a concentração cósmica que ele terá mobilizado com seu ritual. O mais comum é, no interior desse círculo, o mago traçar um triângulo, o famoso triângulo primordial do rabino Simão bar lochai. Se o espírito vem do Céu, o mago deve manter-se no vértice do triângulo; se vier da Terra, o mago ficará na sua base. Será preciso também fazer fumigações e usar na testa o signo-de-salomão.
É mister recitar, a seguir, orações. Há uma para cada espírito que se queira invocar: sobre o sal, sobre a cinza, misturando a água, o sal e a cinza etc. Assim se convocarão as ondinas, os silfos, os gnomos etc. Mas o verdadeiro iniciado não os convocará senão para controlá-los, ele não buscará fazer prodígios por puro prazer. Servir-se-á desses espíritos para viajar, ele próprio, nas esferas superiores e aproximar-se da transcendência.
Somente os iniciados de grau elevado, ou os que adquiriram um hábito seguro das invocações, poderão então utilizar o pentagrama flamejante (os franco-maçons dão-lhe o nome de estrela flamejante). É uma estrela de cinco pontas com diversas figuras que o estudioso da Cabala deverá encontrar por si mesmo. O pentagrama ajuda o mago a desembaraçar-se por completo das forças terrestres a fim de conhecer o mundo do alto. E no decorrer dessa viagem, os iniciados supremos, alguns rosa-cruzes por exemplo, são capazes de cavalgar Satã, o que quer dizer convocar o demônio, torná-lo inofensivo e obrigá-lo a servir ao Bem. Para expressar isso em termos de física profana: inverter seu sinal e utilizar a energia de que ele está carregado. Entre os alquimistas, essa operação manifesta-se por intenso mau cheiro. Digamos, contudo, uma vez mais, serem extremamente raros tais magos. A tradição

denomina-os os superiores desconhecidos. Talvez eles próprios sejam espíritos que se encarnaram durante certo tempo para cumprir uma missão na terra.

As Clavículas de Salomão

Os rituais conhecidos pelo nome de Clavículas de Salomão são bem numerosos. Vários deles permaneceram manuscritos, sendo incontestavelmente os mais interessantes. Alguns dos impressos são mistificações, o que é o caso de diversas edições do célebre *Petit Albert*. Essas Clavículas, que são aplicações práticas da Cabala, dividem as obras mágicas em sete categorias:
As obras de luz e de riqueza, sob o signo do Sol.
As obras de adivinhação e de mistérios, sob o signo da Lua.
As obras de habilidade, de ciência e de saber dizer, sob os auspícios de Mercúrio.
As obras de cólera e de punição, sob a evocação de Mercúrio.
As obras de amor que são favorecidas por Vênus.
As obras de ambição e de política, sob o signo de Júpiter.
As obras de maldição e até de morte, enfim, sob os auspícios de Saturno.

Paralelamente, notemos o simbolismo tradicional e suas correspondências:
o Sol representa o verbo;
a Lua é ligada à religião;
Mercúrio significa a iniciação aos mistérios;
Marte representa a justiça;
Vênus é a imagem do amor;
Júpiter está associado ao princípio do *En-Sof*;
Saturno está ligado ao inferno.
Existem também correspondências simbólicas com o corpo humano:
o Sol é análogo ao coração;
a Lua, ao cérebro;
Júpiter, à mão direita;
Saturno, à mão esquerda;
Marte, ao pé esquerdo;
Vênus, ao pé direito;
Mercúrio, ao sexo.

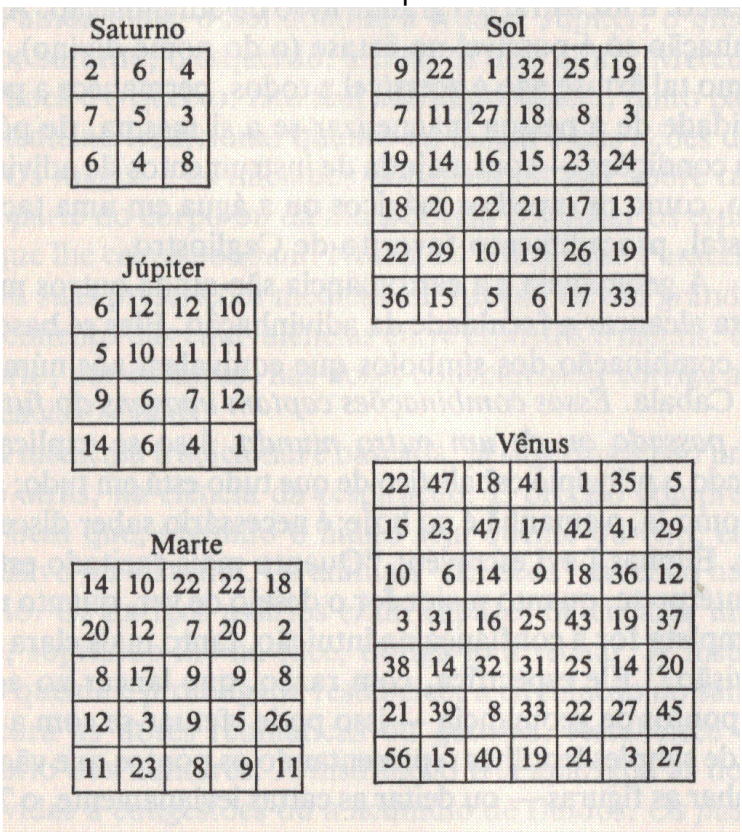
E ainda mais: o Sol domina a fronte; Júpiter, o olho direito; Saturno, o esquerdo; a Lua, os dois olhos; Mercúrio, a boca e o queixo. Isto tem sua importância, tanto para a medicina tradicional quanto na magia e nas ações de cura. Os magos e os iniciados que queiram agir sobre tal ou tal parte do corpo ou da alma devem convocar os espíritos que lhe correspondam. Notemos, ainda, que Paracelso dava suas prescrições médicas em função de um grande conhecimento das equivalências entre espíritos e metais. O mercúrio, por exemplo, nas doses convenientes, corrige as deficiências sexuais.
A medicina tradicional é baseada, já sugerimos isso um pouco atrás, na ciência da respiração. É preciso compreender bem que, segundo o hálito seja quente ou frio, ele é repulsivo ou atraente. Os animais "*elétricos*" temem o hálito frio. Os antigos assírios eram capazes de encarar um leão e, soprando-lhe na face, obrigá-lo a recuar. A insuflação quente e prolongada restabelece a circulação do sangue, cura as dores reumáticas ou gotosas, restabelece o equilíbrio dos humores. A insuflação fria apazigua as dores devidas a congestões ou a acúmulo de fluidos. *Os passes magnéticos, embora de outra natureza, agem como o sopro: eles equivalem, segundo a lei das anagolias, a um sopro interior*. A medicina oculta é essencialmente simpática: é preciso que o fluido passe entre o curador e seu paciente.

Geomancia e cartomancia

Quando alguém entra no domínio do grande agente mágico, tudo se torna possível. As aplicações derivadas da ciência cabalística são numerosas. O princípio é sempre o mesmo: a luz astral é o grande livro da adivinhação. A adivinhação só é possível no êxtase (o do nome divino), mas como tal êxtase não é acessível a todos, permanece a possibilidade de a pessoa magnetizar-se a si mesma, de pôr-se em condições — com a ajuda de instrumentos de adivinhação, como os espelhos mágicos ou a água em uma taça de cristal, procedimento favorito de Cagliostro.
A geomancia e a cartomancia são ainda outros meios para alcançar a faculdade da adivinhação. Elas se baseiam na combinação dos símbolos que equivalem aos números da Cabala. Essas combinações captam imagens do futuro, do passado ou de um outro mundo. Isso se explica segundo o princípio cabalístico de que tudo está em tudo; aqui é como lá, o amanhã é no hoje; é necessário saber discerni-los. Eliphas Levi escreveu: "*Quanto mais excitado estiver o intérprete, quanto maior for o desejo de ver, quanto mais completa for a confiança na intuição, tanto mais clara será a visão*." Ele especifica, com razão, que lançar ao acaso os pontos de geomancia — isso pode efetuar-se com a ajuda de simples lentilhas representando os pontos que vão desenhar as figuras — ou deitar as cartas levianamente, o Taro por exemplo, é brincar como as crianças que puxam a carta mais bonita. As sortes só são oráculos quando são magnetizadas pela inteligência e dirigidas pela fé.

Os sete quadrados mágicos de Paracelso

Terminaremos este citando duas descobertas, uma de Paracelso e outra de Gaffarel. Essas duas descobertas serão muito úteis ao aprendiz cabalista. Paracelso preparou sete quadrados mágicos dos gênios planetários. Cada gênio tem um número característico e, para nos colocarmos sob sua proteção, devemos utilizar sua figura numérica. Observe-se que, somando cada uma das colunas destes quadrados, obtemos o número característico do planeta, número esse — é preciso ressaltar — confirmado pelos cabalistas.



Saturno

2	6	4
7	5	3
6	4	8

Sol

9	22	1	32	25	19
7	11	27	18	8	3
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
22	29	10	19	26	19
36	15	5	6	17	33

Júpiter

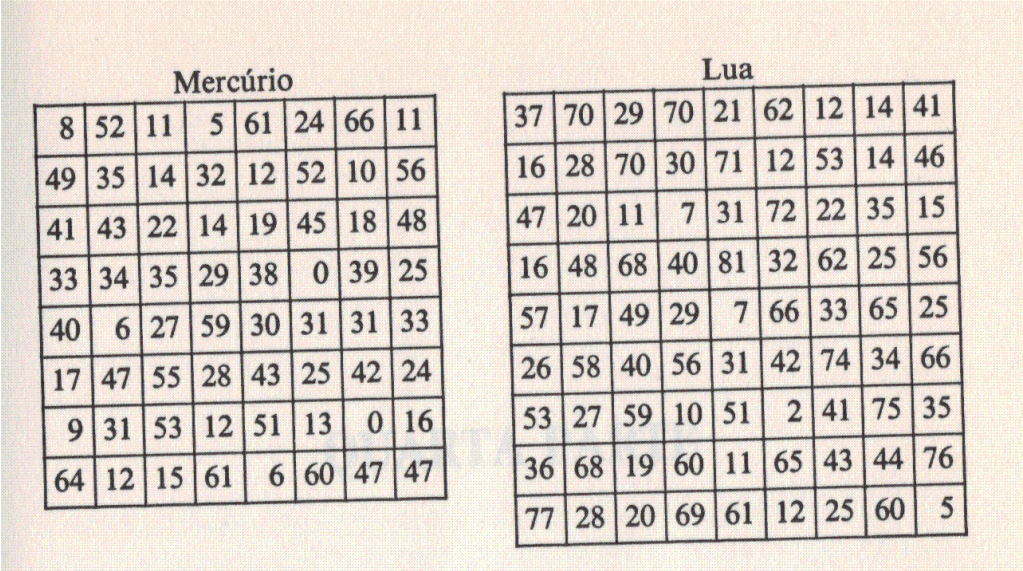
6	12	12	10
5	10	11	11
9	6	7	12
14	6	4	1

Vênus

22	47	18	41	1	35	5
15	23	47	17	42	41	29
10	6	14	9	18	36	12
3	31	16	25	43	19	37
38	14	32	31	25	14	20
21	39	8	33	22	27	45
56	15	40	19	24	3	27

Marte

14	10	22	22	18
20	12	7	20	2
8	17	9	9	8
12	3	9	5	26
11	23	8	9	11



Mercúrio

8	52	11	5	61	24	66	11
49	35	14	32	12	52	10	56
41	43	22	14	19	45	18	48
33	34	35	29	38	0	39	25
40	6	27	59	30	31	31	33
17	47	55	28	43	25	42	24
9	31	53	12	51	13	0	16
64	12	15	61	6	60	47	47

Lua

37	70	29	70	21	62	12	14	41
16	28	70	30	71	12	53	14	46
47	20	11	7	31	72	22	35	15
16	48	68	40	81	32	62	25	56
57	17	49	29	7	66	33	65	25
26	58	40	56	31	42	74	34	66
53	27	59	10	51	2	41	75	35
36	68	19	60	11	65	43	44	76
77	28	20	69	61	12	25	60	5

Gaffarel, um cabalista que foi bibliotecário de Richelieu, provou que os querubins que guardavam o Arco da Aliança dos hebreus eram esfinges, em número de quatro, e que se prestavam à adivinhação. Interrogadas convenientemente, quer dizer segundo as regras do ritual secreto do Sumo Sacerdote de Jerusalém, essas figuras revelavam o futuro mais longínquo do mundo. Foi de suas palavras que se nutriram os profetas, o último dos quais foi São João com seu famoso número 666, cujo último sentido não será revelado senão no final dos tempos, escapando, portanto, aos homens do presente.

QUARTA PARTE

DOCUMENTAÇÃO

Alguns textos escolhidos fixarão definitivamente as idéias sobre a filosofia da Cabala e suas concepções esotéricas. Será preciso impregnar-se deles para começar a praticar a Cabala sob todas as suas formas (espiritual, mágica etc.).

O ZOHAR (O LIVRO DO ESPLENDOR)

Zohar é uma palavra que remonta à mais remota antigüidade; ela transmite o pensamento do homem tradicional. Quer dizer que não pode ser rigorosamente datada. Reapareceu, entretanto, sob uma nova forma adaptada à época, uma forma escrita, na Espanha medieval, e foi o cabalista — seria mister dizer o cabalista missionário Moisés ben Leon — que a revelou ao público letrado. Depois dessa última aparição, ela brilha no céu como na terra e acompanha os iniciados e os demais em sua busca. É evidentemente impossível para um

indivíduo normalmente constituído compreender, apreender, a totalidade do *Zohar*. Os extratos que escolhemos, todavia, abrem uma rota e fornecem algumas pistas.

O En-Sof e as Sefirot

"*No começo, nada tinha forma nem aparência, e o Divino Arquiteto não escapava a esta regra. Isso explica por que é vedado a quem, durante sua ascensão, percebê-lo tal como Ele era antes da criação, imaginá-lo de qualquer maneira que seja, ou por seu Nome, ou pelas letras* ***Hei*** *ou* ***VAV que são os símbolos de Sua manifestação****, ou por um outro meio. 'Vós não haveis visto figura de qualquer espécie' significa: nada vistes que se possa imaginar sob uma forma ou uma semelhança, nada que possais encerrar em uma representação terrestre e, portanto, limitada".*
"*Quando Ele criou a forma do Homem celeste, isso foi para Ele como um carro no qual desceu para ser conhecido sob a forma do nome* ***IHVH*** *(o tetragrama sagrado). Mas como Ele não buscava ser conhecido a não ser por seus atributos, fez-se denominar* ***El, Elohim, Shadai*** *etc. Cada um desses nomes é, entre os homens, um símbolo desse ou daquele atributo divino. Eles tornam manifesto que o mundo é sustentado por sua clemência e seu rigor, pelo equilíbrio dos dois, cada um deles estando ligado às ações dos homens, tanto as boas quanto as más, pois o céu e a terra estão ligados*".
"*Desgraçado do homem que ousar identificar absolutamente o Senhor com um de seus atributos ou com um de seus nomes e, pior ainda, com uma forma humana cujos produtos são efêmeros, em breve esmaecidos, desaparecidos. O homem não pode visualizar mais do que uma única concepção do Santo Benedito, qual seja, a de sua soberania. Todavia, se Ele não quiser se deixar entrever (entrever somente) sob essas manifestações, não haverá nele nem manifestação nem forma****, assim como o mar cujas águas não têm forma nem consistência, e que apenas existem no momento em que se espalham por esse vaso que é a terra"***.
"*Disso podemos incontestavelmente concluir que: Um é a fonte do mar. É uma corrente que se evade em turbilhão, uma corrente que é* ***IUD****. A fonte é Um, e a corrente faz Dois. É lógico. Em seguida, é formada a vasta bacia que se chama o mar: é como um canal escavado na terra e que se enche com as águas da fonte. Essa vasta bacia é dividida em sete canais que são longos condutos: as águas vão do mar para esses sete canais.* ***Em conjunto, a fonte, a corrente, o mar e os sete canais formam o número 10 que é um número sagrado****. Se o Criador que construiu esses canais os destruísse, as águas retornariam para a fonte e não restaria senão vasos quebrados, secos, sem água*".
"*Da mesma maneira a Causa das causas, a causa de todas as causas, o motivo de todos os motivos, produziu os dez aspectos de seu ser e os denominou* ***SEFIROT****. A origem é uma fonte de luz inesgotável, e Ele mesmo a designa pelo nome de* ***En-Sof*** *(Em-si), o Infinito. Ele não tem forma nem aparência, nenhum recipiente o pode conter, e nenhum pensamento o apreender. Abstém-te de estudar as coisas que te são demasiado difíceis. Abstém-te de estudar as coisas que devem permanecer ocultas*".
"*Depois, Ele criou um pequeno vaso do tamanho da letra* ***IUD****. Ele o encheu consigo mesmo, com sua graça, e denominou-o 'a fonte de ouro jorra a sabedoria'. Por causa disso, Ele tomou para Si mesmo o nome do sábio. Em seguida ao que, fabricou um vaso desta vez chamado 'mar' a que deu o nome de* ***Biná*** *(Inteligência)*[22] *e Ele mesmo tomou o nome de Inteligência. Deus é ao mesmo tempo sábio e inteligente. Ele o é por essência, é a essência da sabedoria****. A sabedoria nada é em si mesma: ela não existe a não ser através daquele que é sábio e que a enche com sua graça****. Da mesma maneira, a Inteligência retornaria à sua aridez, se Deus dela se afastasse. 'As águas escapam do mar, o rio exaure-se e resseca' ".*
"*E, afinal, Ele dividiu o mar em sete regatos, diz o profeta Isaías. Isso significa que Ele derramou o mar em sete vasos a que denominou Grandeza, Poder, Glória, Triunfo, Majestade,*

[22] Ver mais atrás os nomes das dez Sefirot.

*Fundamento, Realeza (as **Sefirot**). Em Realeza, Ele se nomeou Rei. Em seu poder reside, de fato, tudo; e acima dele não existe divindade alguma*."

"O Senhor está entre nós"

"*Das profundezas do abismo, eu Te invoco, Senhor!*" Esse salmo que se encontra no Livro sagrado (a Bíblia) é anônimo. Não tem autor, por pertencer a todos. Pertence a todos os homens que rezam do fundo de suas almas. Seu coração está voltado para Deus e seu espírito inteiramente absorto na oração.
"*A prece atrai a bênção de cima para baixo*". Quando o Velho Sublime, o Ultra-Secreto, quer abençoar o mundo, Ele congrega e reúne nas profundezas infinitas do Céu as mercês de sua graça. Dali, a prece dos homens as atrairá para um poço bem misterioso, a fim de que todos os rios e regatos possam ser enchidos.
"*Mas, então, que querem dizer os sábios com estas palavras: "**O Senhor está ou não entre nós?**" É conveniente que em seu extravio — um extravio totalmente passageiro — nada saibam ou esqueçam de que Ele se conserva sempre entre eles? Não se achavam rodeados pela presença divina? Não eram, então, mais nada? Não perceberam na margem, perto do mar, a luz da majestade deslumbrante de seu Rei? Com efeito, os sábios queriam certamente saber se a manifestação do divino que lhes era concedida provinha do Velho Sublime, do Ultra-Secreto, do Transcendente, que está acima de toda e qualquer compreensão e que se chama Ain ou do "Pequeno Rosto", do Imanente, do IHVH*".
"*Poder-se-ia indagar, então, por que os sábios se enganaram, e também por que as crianças de Israel foram castigadas. A razão está no fato de tanto uns como outros estabelecerem uma distinção entre esses dois aspectos de Deus e dizerem para si mesmos: 'Rezaremos de tal maneira, se for um, e de tal maneira, se for o outro.' A oração não faz distinção entre os Rostos de Deus. Uma prece é uma prece. Quem a faz com o coração pode tornar-se mais sábio do que todos os iniciados*."

A casca e a amêndoa

O fluxo divino é assimilado a uma graça que se espalha; a um mar de tal forma infinito que ocupa o universo e irriga os rios celestes. Acabamos de ver e compreender por que a prece esotérica tem um poder mágico. Encaremos, no entanto, um pouco mais de perto o que se passou naquele famoso começo do mundo.
"*No princípio, quando o Rei se manifestou, gravou sinais misteriosos na esfera do céu. E no lugar mais recôndito, uma chama sombria elevou-se do segredo do **En-Sof** (o Infinito). Ela se elevou como um vapor evaporando-se do informe, contida no anel daquela esfera. Não tinha nenhuma cor. Não era negra, nem branca, nem vermelha, nem verde. E quando cresceu, emitiu raios. Do centro mais secreto da chama surgiu uma fonte oculta no **En-Sof** e saíram cores espalhando-se por toda parte*".
"*A fonte esguichou sem atravessar o éter da atmosfera. Não se podia conhecê-la nem mesmo vê-la antes que um ponto fizesse resplandecer a luz nela contida. Esse ponto era já a sabedoria de Deus. E para além de tal ponto, nada podia ser conhecido. Por isso ele se chama 'começo', palavra que é a primeira das dez palavras com as quais o universo foi criado*."
Quando, bem mais tarde, o rei Salomão entrou em seu pomar, apanhou uma casca de noz e, examinando-a, notou uma certa semelhança (podemos falar igualmente de analogia) entre suas diferentes camadas e os espíritos que despertam a concupiscência. Deus compreendera ser necessário garantir a permanência do mundo e ter para isso, por assim dizer, *um cérebro envolvido em numerosas cascas*. O mundo inteiro, o de baixo assim como o do alto, é formado segundo esse princípio, e isso desde o misterioso centro que se encontra na origem até suas camadas mais remotas. Elas são todas como vestimentas, como trapos, túnicas, envoltórios uma para a outra; cérebro no cérebro, espírito no interior do espírito, casca na casca.

"*O centro de onde procede a origem constitui a luz mais secreta*". Ela é de uma pureza, de uma diafaneidade, de uma delicadeza que não se pode compreender. Quando se esparge, esse ponto luminoso vira um palácio que envolve o centro. Ele também é translúcido. Esse palácio, revestimento do ponto incognoscível, é, contudo, menos diáfano que o ponto original. Mas de tal palácio se difunde a luz original do universo. E a partir daí, camada sobre camada, cada uma forma a vestimenta da anterior, como a membrana que envolve o cérebro.
"*Da mesma forma, cá embaixo, segundo modelo idêntico, o homem caminha. Cá embaixo, ele associa cérebro e membrana, espírito e corpo visando a uma ordem melhor no mundo. Quando a Luz estava ligada ao Sol, era luminosa. Quando dele se separou, quando recebeu o comando de suas próprias legiões, sua posição foi logo reduzida e igualmente sua luz. Pele formou-se sobre pele para revestir o cérebro. Tudo isso evidentemente para seu bem*."

A luz

"*E Deus disse 'Faça-se a luz', e a luz foi feita*." Deus criou a luz original, a do olho secreto que todos os iniciados reencontravam, aquela que Deus mostrou a Adão, e graças à qual ele foi capaz de ver o mundo dum extremo ao outro.
"*Mas como viu (ou adivinhou) que viriam três gerações que iriam pecar, a de Enoque, a do Dilúvio e a da Torre de Babel, Deus dissimilou essa luz e essas gerações não puderam aproveitá-la. A seguir, ele a deu a Moisés no tempo em que a mãe deste, durante os três primeiros meses de sua vinda ao mundo, o escondia para subtraí-lo ao Faraó. Quando Moisés foi conduzido à presença do Faraó, Deus a retirou dele; não a dando de volta senão quando ele galgou o monte Sinai a fim de receber a Lei. Dessa data em diante, Moisés guardou-a até o final de sua vida. E isso explica por que os filhos de Israel só podiam aproximar-se dele se ele colocasse um véu sobre o rosto*".
"*Quando da criação, Deus iluminou o mundo de uma extremidade à outra; a seguir, a luz foi retirada a fim de que os pecadores não pudessem desfrutar dela. Ela é guardada para os Justos. 'A luz é espargida para os Justos.' Então os diferentes mundos que há no vasto universo se encontrarão em harmonia, e tudo será um, mas, até o fim do mundo, essa luz será mantida escondida*."

As estrelas

"*Todas as estrelas do céu comportam-se como guardiãs do mundo e cada coisa que se acha no mundo tem uma estrela que lhe é designada e que vela por si. As moitas e as árvores, a erva tanto quanto as plantas silvestres têm necessidade, para florescer e crescer, do poder das estrelas que se encontram sobre elas. As estrelas e os planetas, verdadeiramente incontáveis, começam a surgir no início da noite e brilham até três horas menos um quarto. Não é por certo sem razão que isso ocorre: certas estrelas que estão de serviço a noite inteira fazem crescer e florescer a planta sob sua guarda, outras que entram em atividade ao cair da noite velam sobre a que lhe foi confiada; outras, ainda, desincumbem-se rapidamente de uma tarefa especial. Quando as estrelas cumprem sua missão, deixam este mundo e sobem para o lugar que lhes foi designado lá no alto*".
"*O* ***Livro da Sabedoria*** *fala de estrelas cadentes, de cometas que influenciam o crescimento de certas ervas: aquelas a que se dá o nome de elixires da longa vida. Esses mesmos astros influenciam também a formação das pedras preciosas (diamantes, rubis etc.) e do ouro encontrados sob altas montanhas, e que nascem do esplendor da cauda luminosa que acompanha essas estrelas no céu*".
"*Existem também doenças humanas, tais como a icterícia, que se podem curar se se fizer girar um pedaço de aço resplandecente, num movimento extremamente rápido, diante dos olhos do doente, enviando-lhe clarões ofuscantes como a cauda de um cometa. O rei*

Salomão, falando de pedras preciosas, disse que essas pedras são detidas em seu desenvolvimento e não alcançam sua perfeição se forem privadas da luz das estrelas."

A morte é uma festa

"*Quando é chegado o momento de um homem deixar o mundo, esse dia é terrível. Os quatro pontos cardeais acusam-no, os castigos chegam-lhe vindos de quatro lados simultaneamente. Os quatro elementos (a água, a terra, o fogo e o ar) disputam entre si no corpo do homem e cada um puxa para seu lado. Um mensageiro avança então e faz uma proclamação que é ouvida nos setenta mundos. Se o homem se comprova digno dessa proclamação, é acolhido com alegria por todos os mundos e sua morte é uma festa de que todos esses mundos se rejubilam. Se ocorre o contrário, se é indigno, infeliz dele*!"
"*Quando retumba a proclamação citada, uma chama surge do Norte e divide-se, espalhando-se pelos quatro pontos cardeais. Depois parte de novo, salta, consome as almas dos pecadores, imobilizando-se enfim entre as asas de um galo preto que as bate e solta gritos. É o momento em que as ações de um homem depõem contra ele. Indaga-se o que é esse galo preto. É preciso responder que um sentido místico está inscrito em tudo o que foi criado pelo Todo-Poderoso. Segundo a lei oculta da analogia, **não cai um castigo senão num lugar parecido**. O preto é o símbolo do Julgamento e a chama, ao se elevar, brilha sobre as asas de um galo preto, como é mais apropriado"*.
"*É quando se aproxima para um homem a hora do Julgamento que ele começa a entrar em si. Só o doente sabe que um novo espírito, vindo do alto, penetra no interior do homem sofredor para quem a hora de deixar o mundo chegou. Sabemos igualmente que na hora de sua morte o homem é autorizado a reencontrar os parentes e amigos do outro mundo. Se ele é virtuoso, todos se rejubilam, todos fazem-lhe festa. Se não é, os pecadores arrastam-no consigo para o fogo do Inferno*."

O precioso tesouro do Rei

"*O mais comum é o macho que persegue a fêmea, buscando assim provocar seu amor, mas no que evocamos neste momento vemos o contrário: é a fêmea que persegue o macho e que o corteja. Considera-se habitualmente tal coisa como inconveniente. Aqui, porém, para o que concerne àquilo de que tratamos, há um mistério muito profundo, um dos tesouros mais preciosos do Rei. Os iniciados sabem que três almas pertencem aos graus divinos; e mesmo quatro, pois existe uma alma superior que não pode ser percebida pelo guardião do tesouro. **A alma de todas as almas, a alma que se oculta no interior de todas as almas, é incognoscível**. Ora, tudo depende dela, e ela está envolta em um véu de brilho resplandecente. Ela deixa cair pérolas que se reúnem, semelhantes às articulações do corpo, penetra nessas pérolas, habita-as, dá-lhes sua força. E forma o Um com suas pérolas. Mas existe ainda uma outra, uma alma fêmea escondida e à qual adere um corpo pelo qual ela expressa seu poder como a alma no corpo humano*".
"*Essas almas são, de certa maneira, a reprodução das estruturas ocultas lá de cima. Entretanto, uma outra espécie de alma ainda é encontrada — a saber, as almas dos Justos de baixo que emanam de almas superiores **e têm, por isso, precedência sobre todas as legiões celestes**. Pode-se neste caso indagar: por que, então, se têm precedência, elas descem a este mundo? Por que elas se encarnam?"*
"*Pode-se explicar o fato por meio de analogia. Um rei envia seu filho a uma aldeia para que ele seja educado e aprenda os costumes do palácio. Quando sabe que o filho atingiu a idade adulta, o rei, por amor, envia a mãe dele a fim de traze-lo de volta ao palácio. Da mesma forma, Deus possuía um filho de Sua esposa, ou seja, a alma superior.*
*Ele o enviou para uma aldeia (**quer dizer, para este mundo**) a fim de que fosse iniciado nos costumes do palácio do rei. Quando o Senhor é alertado de que Seu filho se tornou adulto, Ele*

manda Sua esposa buscá-lo. Assim, a alma não deixa este mundo antes que a Esposa a venha procurar para levá-lo ao Palácio divino. Os aldeães choram após a partida do filho do Rei. Mas um sábio diz-lhes: 'Por que chorais? O lugar do filho do Rei não é no palácio?' Se os homens pelo menos soubessem disso, ficariam todos cheios de alegria quando chegasse o tempo de deixarem este mundo. Não é, então, uma grande honra se a Esposa vem buscá-los? Só as almas dos Justos podem despertar o amor da Comunidade de Israel por Deus, pois elas provêm do lado direito de Deus, de seu lado másculo. Essa exaltação, essa excitação, transmite-se à mulher e suscita seu amor, e a mulher fica cheia de desejo, dum desejo louco que o sábio canaliza. Mas, como diz o Cântico dos Cânticos: 'Não despertai o amor antes que ele o queira'; isto é, antes que a mulher manifeste o desejo."

DE ARTE CABALISTICA

Juntamente com Pico de Ia Mirandola, Johann Reuchlin (1455-1522), seu discípulo, foi um dos primeiros cristãos a interessar-se (a apaixonar-se mesmo) pela tradição da Cabala. Descobriu que ela coincide com a tradição cristã e atualizou as riquezas que lhe são específicas. Sua obra *De Arte Cabalistica* influenciou numerosos artistas e escritores, e em particular a Franz Kafka, o homem que subverteu o mundo do romance e mudou a literatura contemporânea. Era preciso assinalá-lo a fim de mostrar como a tradição exerce seus efeitos na arte e na literatura que denominamos profanas. Vejamos alguns trechos do livro de Reuchlin.

O casamento da pirâmide e do cubo

"*Da mesma forma que o número Um se encontra na origem do mundo mental, o Dois é o início do mundo sensível. O mundo dos corpos não seria ele mesmo se não consistisse nesses quatro sinais (que correspondem às letras do tetragrama): o ponto, a linha, a superfície e a espessura. Vejamos, como exemplo, a figura cúbica. O Um em posição fixa cria o ponto. A linha traçada dum ponto a outro faz Deus. A superfície nasce de Três linhas, a espessura de Quatro: a frente, o atrás, o embaixo, o em cima. Isso faz com que o binário, multiplicado por si mesmo, 2 x 2, forme 4;* ***assim, o binário, curvando-se sobre si mesmo, forma o primeiro cubo***."

Dirá o leitor que estas são noções simples, até simplistas. Ora, não são nada disso! Se ele meditar sobre elas, se traçar um ponto sobre uma folha com uma caneta, se reunir dois pontos etc., sentirá intimamente do que se trata. E, por outro lado, o que acabamos de notar não constitui senão noções fundamentais, bases que lhe permitirão prosseguir em seu caminho de aprendizagem...

"*Portanto, após o quinário, que é a pirâmide de quatro ângulos e é o princípio do mundo inteligível (veja os egípcios), vem o cubo de seis lados, que dizemos ser o emblema do Arquiteto do mundo. Pois entre os princípios mais elevados, convém saber que o Sete é virgem e nada procria. Por tal razão é chamado de Palas; os cristãos denominam-no Virgem Maria. Voltemo-nos antes para o primeiro cubo que é um ser fecundo, visto ser constituído de 2 x 2 e de 2. Pitágoras chamava o 2 de a mãe, e dizia que do quadrado nasce o cubo, que é um corpo bem firme e bem estável. É nesse pano de fundo que se radica qualquer forma que venha a se manifestar no mundo, é sobre essa base material. Ela se torna semelhante a um escravo vinculado à gleba, sujeito ao tempo e ao lugar e como prescrito da liberdade, como que escondido na servidão da matéria*."

O leitor que queira seguir melhor as demonstrações de Reuchlin poderá confeccionar cubos e pirâmides em cartão e estudá-los. (São vendidos em certas livrarias e papelarias especializadas.)
"*De uma só e única fonte decorrem os princípios gêmeos das coisas temporais; isto é, a pirâmide e o cubo; isto é, a forma e a matéria. E tudo isso procede do quadrado. Mas para unir forma e matéria é preciso um terceiro termo, pois eles permanecem separados e sua reunião não ocorre nunca por acaso. Não é de fato do corpo do homem, imediatamente após a alma deixá-lo, que o bronze é gerado ou o ferro, e a lã não vem da pedra! Nós o sabemos. É preciso colocar em ação um terceiro elemento para uni-los*".
"*Por essa razão, Sócrates e Platão disseram que havia três princípios em todas as coisas: Deus, a Idéia e a Matéria. E Pitágoras, antes deles, simbolizara ocultamente, por meio de sinais misteriosos, ensinando que os princípios primeiros eram o Infinito, o Um e o Dois. (Reencontramos aqui o triângulo primordial do rabino Simão bar Iochai.)* ***A matéria — diz Pitágoras — é a mãe da diferença, mas Deus uniu matéria e forma, e restabeleceu tudo na unidade****. Desse princípio decorre que todos os homens são iguais perante o Senhor. A lei em grego é chamada* ***Nono****, e a palavra vem do termo* ***Nemo*** *que quer dizer dividir, distribuir. Orfeu diz que a lei celeste distribui tudo. A lei da natureza sela por meio de uma única forma diversas matérias, assim como um tabelião, com a efígie de um anel, lacra diversas ceras. Daí, todas as formas timbradas na natureza chamam-se idéias,* ***quer dizer, marcas inseparáveis na matéria****. É assim que nos é agora desvelada a origem exata do mundo sensível, que produziu o casamento, celebrado no céu, do cubo e da pirâmide*."
Esse casamento do cubo e da pirâmide é algo bastante misterioso. Os egípcios conheciam-no, seus ritos levavam-no em conta. E os sumérios celebravam-no em uma festividade cuja realização era secreta. Uma vez por ano, o rei da Suméria (o cubo era seu emblema) dormia com uma vestal consagrada (seu símbolo era a pirâmide) no templo, e bem exatamente no equivalente sumério do Santo dos Santos. Ecos dessa cerimônia amorosa chegaram até nós no Cântico dos Cânticos, o livro erótico da Bíblia e um dos mais belos livros de amor da humanidade, que os cabalistas comentaram. Por outro lado, aparece no último parágrafo do texto citado que *as idéias são de essência divina* e que, quando se crê haver encontrado uma idéia, se é apenas atravessado pelo sopro divino. E, enfim, as "*marcas deixadas na cera*", Paracelso chama-as "*assinaturas*" deixadas pelo Arquiteto para ajudar-nos, como se deixam indícios num jogo de seguir pistas. Essas assinaturas encontram-se na base, uma vez decifrada por analogia com as letras hebraicas, na base da quiromancia, da fisiognomonia e de bastantes outros métodos de adivinhação.

O tetrástico sagrado de Pitágoras

"*Os pitagóricos (que eram cabalistas gregos) vinculavam tudo ao 10, porquanto esse número é o mais perfeito de todos (10 = 1 + 2 + 3 + 4; quer dizer, a soma dos quatro primeiros números dos quais decorrem os demais). É pelo 10 que todos os povos contam, servindo-se dos dez dedos como instrumentos naturais. A perfeição desse número nos é indicada pelo ordenamento do cosmo; este, reza a tradição, move-se sobre dez esferas, quer dizer sobre dez* ***Sefirot****. A perfeição de tal número verifica-se ainda mais notável porque ele engloba diversas maneiras de contar: par, ímpar, quadrado, cubo, comprido, plano etc.; nada há de mais absoluto do que ele. É nele que consiste todo o universo. Ele forma uma estrutura onde atuam dez seres primordiais*".
"*Dentre esses seres, podemos encontrar dois principais nos quais podemos dividi-los. Em primeiro lugar, a unidade que permanece ainda unidade, que não tem ainda posição, o ponto que continua ponto. Como nada havia antes do Um, é evidente ser o Um o primeiro. Quanto ao binário, não se compõe de números diferentes, segundo a Cabala, no sentido de ser o primeiro número com o qual se pode começar de fato a contar. O Dois é o primeiro número, porque é o primeiro múltiplo e nenhum número serve para medi-lo a não ser a única unidade, que é a medida comum de todos os números. O primeiro número incomposto é, de fato, o*

ternário: o binário que o antecede não é um número incomposto, mas um número não-composto".
"*Visto isso, o ternário não deseja permanecer inativo mas sim multiplicar sua bondade por todas as criaturas sem inveja e progride da potência ao ato. Esse caráter fecundo que há nele dá origem ao múltiplo; é o que faz com que* ***o mundo seja ao mesmo tempo diverso e unificado****. Ele é a idéia de toda coisa criada, mas esta criação se efetiva pelo quaternário. Daí o tetrástico sagrado (10) dos pitágoras, que simboliza os dez gêneros mais gerais de todas as coisas, por meio de 1, 2, 3,4, a partir da potência onipotente, produz 10 ao passar da energia à ação*".
"*Coloquemos 5 no meio do tetrástico e à sua direita o primeiro número superior (6) e à esquerda o primeiro inferior (4). Juntando-os, obtemos ainda 10. Coloquemos de novo o número imediatamente superior (7) e o número imediatamente inferior (3) e juntemo-los; obtemos ainda 10 etc. Quando o quebramos, o 10 se reconstitui; é a luz*."
"*O que ficou dito, pode-se dizer de outra maneira, mas recairá na mesma coisa. O Um é o princípio dos números e Dois é o primeiro número. O Um é Deus. Dado que a produção do Dois reside no interior da essência divina (o número é, com efeito, gerado por si mesmo), então forçosamente o Dois é também Deus.* ***A unidade passa a dualidade e progride permanentemente até o Três****. Do Um que produz na divindade e do Dois que é nela produzido, nasce o Três. Se acrescentarmos a essência que se distingue, haverá a quaternidade que não é senão o infinito em potencial. É a substância, a perfeição e o fim de todo número, pois 1, 2, 3 e 4 são 10 quando adicionados, e além daí nada mais há. Pitágoras compreendeu que havia nisso um princípio misterioso*."

Os signos sagrados

"*Para conservar a majestade do tetragrama sagrado, foi proibido pronunciá-lo. Somente foi autorizado aos sumo sacerdotes dize-lo a cada ano no Dia do Jejum. Mas existe uma ciência ultra-secreta que consiste em combinar as letras do tetragrama a fim de formar signos. Esses signos permitem mantermo-nos perante a divindade num espírito de devoção que consiga afastar todo temor e todo perigo. Assim podemos receber as "dezoito bênçãos" prometidas ao sábio pela tradição e podemos interromper qualquer destino desfavorável,* ***quer dizer, escapar a todo determinismo*** *(a iniciação cabalística permite ao iniciado escapar à fatalidade astrológica). A prece das palavras sagradas formadas por esses signos atrai as boas graças das leis divinas*".
"*Não é apenas com os caracteres e figuras, mas igualmente com as palavras e cânticos que o cabalista que dominou o segredo de sua busca realiza não importa qual milagre. Com a ajuda de Deus e dos anjos, ele tem poder sobre os espíritos inferiores. Com nomes retirados da combinação do tetragrama sagrado, ele caça os demônios, impõe as mãos sobre os doentes, cura doenças mortais. Mas os cabalistas afirmam insistentemente que tolos mentirosos são os que crêem na virtude exclusiva dos signos:* ***as ações miraculosas dependem da vontade divina e da fé do homem***."

A seqüência dos números

Um resumo e algumas explicações suplementares acerca da seqüência dos números permitirão ao aprendiz cabalista que nos seguiu até aqui ter entre suas mãos todos os elementos que lhe possibilitarão não somente entender a Cabala como começar a pô-la em prática. Acabamos de dizer que o estudioso terá em mãos todos os elementos. É preciso esclarecer: ele disporá de todas as informações e das técnicas mais importantes, mas lhe faltará evidentemente a graça, ou a sorte. Esta será obtida pelo concurso inesperado de um mestre, ou, mais comumente, pelo trabalho encarniçado. Um trabalho paciente também, pois

o maior defeito nesse domínio é, como diz Franz Kafka, a impaciência que nos faz perder o controle de nós mesmos. Eis aqui as informações suplementares.
O Um primeiro é a harmonia, o Fogo másculo que atravessa tudo, o Espírito que se move por si mesmo, o indivisível, o Não-manifestado. "*A essência em si furta-se ao homem. Ele não conhece senão as coisas deste mundo aqui de baixo onde o finito se combina com o infinito. Como, aliás, poderia ele conhecer essas coisas? É que entre ele e as coisas, existe uma harmonia preestabelecida e oculta. Uma harmonia, um princípio comum a que o Um dá medida e inteligibilidade. É a medida comum entre o objeto e o sujeito e a* ***razão pela qual a alma participa do Um***". Nas matemáticas cabalistas, *zero multiplicado pelo infinito é iguala Um*. Zero significa o ser indeterminado. O infinito, o eterno, é simbolizado na língua dos hieróglifos sagrados e também em alquimia por uma serpente que morde a própria cauda. Ora, desde que o infinito se determina, ele produz todos os números contidos em sua grande unidade e que ele governa segundo as leis da analogia. *Todos os números, a seqüência dos números, estão contidos na grande unidade, no Um*.
A substância indivisível, o grande todo (emblema do Arquiteto) tem o Um por número e esse Um contém o infinito, o eterno princípio masculino-feminino de toda geração, tem o fogo como signo e o espírito como símbolo. É um ponto brilhante que se encontra na origem, conforme explica o *Zohar*. Mas, logo que Deus se manifesta, ele é duplo: *a grande mônada agiu sob a forma de uma díade criadora*. Essa dualidade compõe-se da seguinte maneira: essência indivisível e substância divisível, princípio masculino (ativo) e princípio feminino (passivo). A mitologia poetizou esta verdade dizendo que "*Júpiter é antes de tudo o esposo e a Esposa divina*". As figuras mitológicas chamam-se Ísis, Cibele ou Maia. Na humanidade, a mulher representa a natureza; *a imagem perfeita de Deus, diz a Cabala, não é o homem sozinho, mas o homem e a mulher*. Isso explica por que a Cabala contém um caminho ultra-secreto e bem pouco conhecido até hoje que é um caminho erótico iniciático, como a ioga tântrica em um outro ciclo de civilização tradicional. A mônada simboliza numericamente (seria mister dizer: numerologicamente) a essência da divindade ou, para explicar diversamente, sua faculdade geradora e reprodutora. O mundo, lembra a Cabala, é o corpo de Deus: é o desabrochar visível, o Deus no espaço e no tempo. Ora, o mundo é triplo. Da mesma forma que o homem se compõe de três elementos, o corpo, a alma e o espírito, o universo é dividido em três círculos concêntricos, um entrando no outro: a natureza, o humano e o divino. *A tríade ou lei do ternário é, pois, a lei constitutiva de todas as coisas*. É a verdadeira chave do que se passa aqui na terra. Encontramo-la por toda parte. Isso tem por conseqüências teóricas que Deus aparece múltiplo como no paganismo ou no politeísmo, quando o vemos por meio do espelho dos seus sentidos; que ele é duplo, como entre os maniqueístas, se o vemos pelo prisma espírito-matéria; que é triplo, como no cristianismo (Pai, Filho e Espírito Santo) ou na índia (Brama, Vishnu, Shiva), quando o vemos através do espírito; e que é único quando o vemos por intermédio da tradição judaica. A tradição hebraica recusa qualquer personalização de Deus; ela sai do visível para ingressar no absoluto. Notemos, mas isso nos arrastaria para demasiado longe, que o tetragrama da Cabala e o tetrástico de Pitágoras expressam a mesma verdade. Só as formas diferem, elas são adaptadas ao gênio próprio, ao psiquismo, das duas tradições com as quais estão relacionadas: a judaica e a grega. Querer estudar este problema exigiria uma obra inteira e desvendaria segredos da história humana, conforme as concepções ocultistas...
Retomemos, contudo, a seqüência dos números. Cada um deles é um ser, uma força, uma letra do alfabeto hebraico, uma lei, uma força do universo, um poder:
1 é o número da essência (Deus);
2 é o número da manifestação;
3 é o número de todas as coisas sobre a terra;
4 é o número do infinito;
5 é o número da dilaceração de Deus, ou o número do homem;

7 é o número da iniciação (7 = 3 + 4); isto é, a união do manifestado — da coisa ou do ser — com o infinito. Isso, portanto, nos mostra que a iniciação significa assumir, responsabilizar-se e, ao mesmo tempo, transcender-se, como o fazem comumente os cabalistas;
10 é o tetrástico;
21 é o número dos superiores desconhecidos ou dos grandes mestres espirituais da humanidade, pois 21 = 3 x 7.

Esperamos que nosso leitor siga a via aqui traçada e que ninguém pode seguir em seu lugar. Por uma razão bem simples: tomar esse caminho é encontrar seu verdadeiro lugar no universo, pois é encontrar sua verdadeira posição. E sabe-se que toda posição é marcada matematicamente por um número. Tudo o que se passa sobre a terra tem seu equivalente no além. A Cabala é a via real da pesquisa esotérica, na qual é preciso se engajar com prudência e armado pelo menos dos conhecimentos tradicionais.